RB169,558

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA-GARRETT

XX

DA EDUCAÇÃO

OBRAS LITTERARIAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

THEATRO:

Tomo I — Catão.
» II — Merope, Gil Vicente.
» III — Frei Luiz de Sousa.
» IV — D. Philippa de Vilhena.
» V — A Sobrinha do Marquez, As prophecias do Bandarra, Um noivado no Dáfundo.
» VI — O Alfagame de Santarem.

VERSOS:

Camões.
D. Branca.
Lyrica.
Fabula, Folhas cahidas.
Flores sem fructo.
Romanceiro, 3 vol.
O Retrato de Venus.

PROSA:

Viagens na minha terra, 2 vol.
O Arco de Sanct'Anna, 2 vol.
Portugal na Balança da Europa.
Da Educação.
Helena (romance).
Discursos parlamentares e Memorias biographicas.
Escriptos diversos.

DA EDUCAÇÃO

CARTAS

DIRIGIDAS A UMA SENHORA ILLUSTRE, ENCARREGADA DA INSTITUIÇÃO DE UMA JOVEN PRINCEZA

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

3.ª EDIÇÃO

PORTO

Ernesto Chardron, Editor

1883

Porto : 1883 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira
62, Rua da Cancella Velha, 62

AO LEITOR

Antes de dar uma idea succinta do meu systema e do methodo que segui na redacção d'ésta obra, pareceu-me necessario dizer alguma coisa sôbre a fórma, stylo e outras circumstâncias, que supposto não sejam as primeiras, não são todavia insignificantes nem para desprezar.

Quanto á fórma, dei a este corpo de reflexões a epistolar, que por mais singela e desataviada, mais se dá com a facilidade do stylo e sinceridade da expressão, e melhor quadra ao natural pouco dogmatico de um auctor despresumido de si, que antes propõe como quem duvída, do que assevera como quem sabe.

Suppoem-se éstas cartas [1] dirigidas a uma Senhora illustre encarregada da educação de uma joven Soberana, porque sendo este o apice da educação, tanto pelo vasto como pelo difficil, deu-me assim maior latitude, e veio a comprehender todas as especies desde a mais alta e difficultosa.

Ainda que fugi quanto pude a toda a allusão politica, [2] devo todavia observar aqui que nas mui particulares circumstâncias em que se acha Portugal, era impossivel a qualquer Portuguez que de educação escrevesse, não se lembrar de que o maior e mais importante negócio de sua patria era hoje essa mesma educação, pois que da educação de nossa Augusta Soberana pendem em grande parte os destinos futuros da nação.

[1] As do 1. Livro.

[2] Permitta-se-me aproveitar ésta occasião para declarar que nem sou auctor de nenhum dos opusculos sôbre questões politicas de Portugal que ha um anno a ésta parte teem apparecido tanto em Inglaterra como em França e outros païzes, nem tomei a minima parte em nenhum d'elles. Faço ésta solemne declaração por motivos que me são particulares e que pouco importa saber, mas de nenhum modo porque se me dê das injúrias com que me teem honrado alguns follicularios de Lisboa.

Certo, ésta idea fixa e constante me acompanhou em toda a redacção de meu trabalho, e foi ponto para onde convergiram todas as linhas de meu plano. Julgo comtudo que nem por isso desattendi as outras especies de educação que elle abrange. O meu livro não é um tractado de educação de principes, é um tractado de educação geral, que em sua generalidade até essa especie comprehende.

Do stylo e phrase so direi que puz todo o peito em a fazer natural e fluente, casta portugueza sem barbarismos nem archaïsmos; que tam viciosa me parece uma coisa como outra, pois se aquella é desmazêlo vergonhoso, ésta é affectação ridicula. Onde um ou outro neölogismo me fazia feição para expressar bem minha idea, não duvidei adoptá-lo, comtanto que se accomodasse ao genio e sympathias da lingua, porque sem isso escusado é «dar-lhe a cidade», jamais se naturalizam. Fugi, como digo, de palavras antiquadas, mas não desprezei as antigas, nem hesitei nunca, *cœteris paribus,* em as preferir ás modernissimas. A nossa lingua é de natureza mui aristocratica, attende muito á fidalguia dos termos; e em igualdade de circumstâncias, dá

sempre a precedencia aos que mais filhamentos appresentam. E tanto assim é, que para conceder o fôro a uma palavra estrangeira, por muito nobre que ella em sua terra seja, é preciso que se va entroncar em alguma das familias conhecidas e distinctas em o nosso idioma.

Não fiz servir a idea á phrase, que é vício de ignorantes e impostores, os quaes primeiro escolhem as palavras, depois buscam o pensamento: —como pintor que fizera um retratto antes de ver o original; — como poëta dos que primeiro accertam as consoantes, depois fazem os versos; — como epico da eschola de Bossu compondo uma epopea com todas as suas partes antes de escolher heroe e acção. Mas tambem não desprezei o stylo, antes o poli quanto sube, e procurei fazer portuguez de lei.

É lástima ter que dar satisfacções sôbre orthographia: a ninguem mais succede isto senão a nós, que tendo uma lingua formada ha seculos, aïnda não podémos sahir da anarchia orthographica em que vivêmos. Em orthographia não póde haver senão dous systemas; o que segue a ethymologia, e o que se cinge á pronúncia: mas nenhuma das linguas civilizadas da

Europa adoptou nenhum d'elles absolutamente e estreme. Em umas predomina o princípio ethymologico modificado pela pronúncia, como na ingleza, na franceza, etc.; em outras prevalece a pronúncia, como na castelhana e na italiana. Actualmente em Portugal (e pouco mais ou menos, assim tem sido sempre) nem se segue pronúncia nem ethymologia, e cada-um ortographa como bem lhe parece e praz, sem mais regra que o capricho, antes o acaso, e sem ao menos seguir com uniformidade qualquer methodo, por errado que fosse em seu princípio, comtanto que não seja vário e errado nas applicações.

Eu cuido que em portuguez não temos ja opção sôbre systemas de orthographia, porque pelos mestres da lingua foi ja determinada. Não pareça paradoxo. Todas as edições que temos dos classicos, estão cegas de erros, e cheias de incoherencias e anomalias typographicas; mas o princípio que elles adoptaram ve-se bem qual é. Certo, ou se desmandaram na applicação, ou os desfiguraram copistas e edictores ignorantes e descuidados, ou tudo juncto: mas o princípio não deixa porisso de subsistir intacto.

Este princípio é visivelmente a ethymologia modificada pela pronúncia, é o mesmo que seguem as mais illustradas nações da Europa.

Parece-me pois que não podêmos deixar de nos cingir a este princípio, não so pelas razões allegadas, mas por ser o que mais quadra ao genio de nossa lingua toda latina. E portanto segui n'esta obra as mesmas regras que para a do «Parnaso Lusitano» tinha estabelecido. [1] São éstas,

«I. Conservar fielmente a ethymologia quando se lhe não oppõe a pronúncia.

II. Combiná-la com a pronúncia quando ésta se oppõe á inteira conservação d'aquella.

III. Nas palavras de raiz incognita seguir o uso geral.

[1] Ja em outra parte protestei que nada meu tinha no Parnaso Lusitano que publicou o sr. Aillaud, livreiro em Paris, senão o resummo da historia litteraria de Portugal que vem no principio do primeiro tomo d'aquella collecção. É certo que arranjei o systema e plano da obra, que escolhi os auctores e peças; mas ausentando-me de Paris antes de completa a impressão do primeiro volume, um homem por nome Fonseca, a quem de minha algibeira paguei para rever as próvas, tomou a liberdade de alterar tudo, introduzindo na

IV. Nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa quando a pronúncia não obsta.

V. Não pôr accentos (agudo e circumflexo, que são os unicos portuguezes) senão onde a palavra sem elles se confundiria com outra.»

Resolvi-me demais adoptar a dierese (..) para dous casos em que a supponho indispensavel. Primeiro, para desunir as duas vogaes que pela regra da lingua se deveriam juntar em diphthongo, como em «r*ai*nha, *ai*nda, p*ai*z, s*au*de, jes*ui*ta, m*iu*do» etc., que naturalmente se deveriam pronunciar «r*ai*-nha, *ai*n-da, p*ai*-z, s*au*-de, jes*ui*-ta, m*iu*-do»; mas que escriptos «r*aï*-nha, *aï*nda, p*aï*z, s*aü*de, jes*uï*ta, m*iü*do», se

collecção producções ridiculas de gente desconhecida, e que eu nunca víra, ommittindo muitas das que eu escolhêra, enxovalhando tudo com notas pueris e indecentes, errando vergonhosamente até o indice de materias que eu preparára para cada volume, e introduzindo uma orthographia gallega que faz rir a gente e que está em contradicção com as regras que eu na prefação estabelecêra e aqui vão transcriptas. — Repitto ésta declaração para que me não attribuam as grossas tolices e grossas má-criações que emporcalham aquella obra, que tam bella podia ser.

leem, como por excepção devem ler-se «r*a*-*i*-nha, *a*-*i*nda, p*a*-*i*z, s*a*-*u*de, jes*u*-*i*ta, m*i*-*u*do. Alêm de ja adoptada pelos Francezes e Castelhanos, não é ésta innovação feita por mim; seu introductor em Portugal foi o nosso Moraes a quem tanto deve a lingua. Verdade é que atégora se não tem generalizado, mas tambem é certo que se não póde escrever correctamente sem ella. As vogaes *ae, ai, au, ei, eo, eu, iu, oe, oi, ou, ui,* toda a vez que assim se encontram, confundem-se em um terceiro som que d'ambas participa e a que chamâmos diphthongo: e assim escrevêmos e lêmos «p*ae*, c*ai*o, n*au*, d*ei*, c*eo*, s*eu*, vest*iu*, d*oe*, f*oi*, am*ou*, f*ui*.» [1]

Tem porêm ésta regra muitas excepções; pois tambem escrevêmos do mesmo modo — «b*ae*ta, b*ai*nha, s*au*de, d*ei*ficar, g*eo*metria, mant*eu*do, p*iu*ga, d*oe*r, C*oi*mbra, jes*ui*ta;» e pronunciâmos — b*a*-*e*ta, b*a*-*i*nha, s*a*-*u*de, d*e*-*i*-

[1] Com grande impropriedade escrevem alguns com *ao* as palavras *pau*, *mau* e similhantes: as vogaes *a o* não produzem o som d'aquellas palavras nem fazem diphthongo senão o nasal — se é que diphthongo se lhe póde chamar.

ficar, ge-*o*metria, mante-*u*do, p*i*-*u*ga, d*o*-*e*r, C*o*-*i*mbra, jes*u*-*i*ta. Em diversas epochas buscaram os nossos escriptores marcar por algum signal a excepção, para a distinguir da regra. E para este fim em muitas palavras introduziram o *h* entre as duas vogaes que tendiam a confundir-se; e assim escreveram — «at*ah*de, al*ah*de, b*ah*a, c*ah*ir» etc.; mas não se estendeu a todas as que o precisavam, e ficámos pronunciando o *ai* de — «p*ai*z, *ai*nda, b*ai*nha» e de muitas outras, o *au* de «s*au*de, gr*au*do etc.» do mesmo modo que aquelloutros, apezar de o escrevermos differentemente, isto é, conforme a regra e não conforme a excepção. Outros quizeram depois remediar esse inconveniente com o accento agudo sôbre a última vogal, escrevendo *saúde;* outros com o grave (que de passagem direi que nem proprio nem necessario é a nossa lingua), pondo *baèta;* e até alguns com o circumflexo, accentuando *paûl.*

Mas o unico offício dos accentos é marcar o predominante da palavra que a estrema de outra: assim o agudo nos faz dizer *amámos* no preterito, e o circumflexo *amâmos* no presente; o agudo sôbre o *ó* de *glória* nos mostra o sub-

stantivo, e sôbre o *í* o verbo; e assim no *é* ou *á* da palavra *esta,* que a faz ser verbo ou pronome, e em mil outras.

O segundo caso em que julgo indispensavel a dierese é quando occorrem excepções a outra regra geral, a da liqüidação do *u* precedido das consoantes *q* ou *g* e seguido das vogaes *e* e *i*. É regra na nossa lingua, e em todas as outras de que tenho notícia, que a lettra *q* não póde ferir directamente vogal nenhuma senão o *u*. Portanto nos sons de *ke* e *ki,* que não podêmos obter com o *c,* e usando como usâmos rarissima vez o *k,* empregâmos o *qu,* liqüidando o *u,* e escrevêmos *quero, quinto* etc. para pronunciarmos *kero* e *kinto*. Mas como todavia algumas vezes escrevêmos *que* e *qui* para lermos *ku-e* e *ku-i,* é forçoso que algum signal marque onde a excepção prevalece á regra, como em «eloqüente, liqüidar, qüinquagesima, antiqüissimo, qüirites, eqüitação,» — que se pronunciam «elo*ku*-ente, li*ku*-idar, *ku*-inquagesima, anti-*ku*-issimo, *ku*-irites, e*ku*-itação:» o que so com a dierese (..) se póde fazer.

O *g* tambem no Portuguez e outras linguas não póde ferir, com seu som natural de gam-

ma, o *e* e *i*, e por isso usâmos da intervenção do *u* para escrevermos *guia, guerra* etc. Mas ha igualmente casos em que escrevendo *gue* e *gui,* pronunciâmos *gu-e gu-i,* como em «g*üe*la, ling*üe*ta, ling*üi*nha, ling*üi*sta.» A dierese é igualmente necessaria n'este caso.

Verá outro-sim o leitor que segui a pontuação usada hoje dos doutos em todos os païzes, e que sò em Portugal se não pratíca; e que não fui pela rotina velha e irracional de pôr vírgulas antes de todas as conjuncções, de todos os relativos; mas que somente as ponho onde o sentido as pede e o não embaraçam ellas. Sería longo e intempestivo discutir aqui este ponto alias importante: contento-me com remetter os curiosos ao excellente opusculo sôbre pontuação de Mr. Frey, que em 1823-24 foi adoptado e mandado seguir nas escholas pela universidade de França.

Assim n'isto como em tudo o mais, o leitor dará indulgente descônto a quem escreve fóra de sua patria, quasi sem livros, com escassos meios, em amarguras de coração e sem remanso de espirito, — que são tristes condicções para escriptor: e sôbre tudo attenderá a éstas pala-

vras da minha primeira carta, que aqui repitto, porque n'ellas se encerra a minha profissão de fe litteraria: «Julgue-me razão recta e corações direitos, não me examinem sabios e grandes homens.»

INTRODUCÇÃO

Entre os muitos livros que em portuguez nos fallecem, um *Tractado completo de educação* é, quanto a mim, o que mais preciso se faz, cuja falta mais sentimos todos os dias, e a qual mais convem remediar.

Exceptuadas algumas memorias sôbre educação physica, não sei que tenhamos nada escripto nem de educação pública nem da particular: so do célebre Diogo de Teive nos ficaram poucos versos latinos sôbre instituição de principes, cujo principal merito todavia me parece consistir na casta latinidade d'aquelle illustre professor.

Abundam, é certo, nas linguas franceza e in-

gleza tractados d'estes; e aos Portuguezes, que tam familiares são hoje com esses idiomas, não é difficil consultá-los. Professo porêm n'este ponto uma opinião mui singular, que talvez não parecerá bastante philosophica, mas da qual todavia hade ser mui custoso mover-me. Eu tenho que *nenhuma educação póde ser boa se não for eminentemente nacional.* Nem o proprio «cidadão de Genebra» era capaz de educar bem um cidadão estrangeiro. Devêmos examinar as escholas, estudar os systemas de educação dos païzes mais civilizados, não para mandar a ellas nossos filhos, — que os não querêmos para francezes, inglezes, ou allemães, senão para portuguezes, — mas para melhorarmos e apperfeiçoarmos nossas escholas por essas. De tantos centos de mancebos que de Portugal vieram educar a França e Inglaterra, quantos grandes varões teem sahido? De tantos homens que teem illustrado a nação portugueza, quantos foram educados fóra do reino? As viagens fazem parte da boa e nobre educação, mas so no fim e complemento d'ella: os rudimentos, as bases hãode ser nacionaes.

Pois educar por livros estrangeiros é o mes-

mo que mandar educar a païzes estrangeiros: não são traduziveis estes livros nem de seguir por estranhos: é preciso imitá-los, mas appropriando-os a nossos costumes e circumstâncias. Por isto me não resolvi a traduzir nenhuma das excellentes obras de educação que tenho lido; e apezar da íntima convicção em que estou de que o meu trabalho hade sempre ficar muito áquem de todos esses, decidi-me a fazê-lo proprio. Estudei, apprendi, extrahi tudo o que me pareceu bom n'essoutros; mas procurei digerilo e convertê-lo em substância minha. Além dos livros e tractados dos melhores auctores, e para melhor ajuïzar de suas theorias, estudei practicamente a educação nos mais nomeados collegios de França e de Inglaterra, comparei os methodos diversos, observei os resultados, e procurei por este modo fazer, não um livro speculativo, não uma memoria de gabinete, mas um tractado util e praticavel.

Tractei pois de reünir n'ésta obra, como em um quadro, o melhor do que por tantos volumes anda disperso, juntei-lhe minhas proprias observações, e arranjei-o á portugueza e para portuguezes.

Tal é a idea da presente obra, ou, para assim dizer, o *pensamento* d'ella. Do methodo que segui, das circumstâncias que m'o fizeram escolher e de algumas outras particularidades julgo conveniente — talvez necessario — informar o leitor.

E primeiro do methodo. Era forçoso seguir um systema de divisão, fosse qual fosse: e por muito tempo hesitei se devia classificar as materias por sua ordem methodica, i. é, segundo a natureza d'ellas, ou pela chronologica, i. é, pela dos tempos ou epochas da educação em que vai cada-uma tendo cabimento. O primeiro arbitrio tem a vantagem de offerecer ao leitor um systema seguido, compacto e de mais facil concepção; mas não é menor a do segundo em guiar pela mão o pupillo passo a passo no caminho da educação, começando, para assim dizer, pelo emballar no berço, e acabando pelo collocar no meio da sociedade, membro e parte integrante d'ella. Convidava-me o exemplo do Emilio a seguir este, pelo interêsse que naturalmente excita aquelle como fio de romance com que o elegante escriptor, não menos que profundo philosopho, atou seu variegado rami-

lhete de flores e fructos. Mas dissuadia-me por outro lado o temor da comparação, e ja tambem a idea da maior difficuldade para o leitor em formar noção clara e precisa do systema do auctor, de o conceber bem distinctamente tanto em seu pensamento geral como nas applicações especiaes.

O meu fim, segundo na primeira carta digo, não era glória nem renome, senão utilidade commum e pública. Assentei pois de attender so a ella, e de procurar combinar os dous systemas, o methodico e o chronologico, e me servir de ambos. Assim o fiz, começando pelo primeiro para dar idea simples, e facil de comprehender, do meu plano, das diversas partes d'elle, do modo por que eu entendia o meu assumpto, e de meus principios e opiniões sôbre a generalidade d'elle. Segui depois, com o segundo, pelos periodos da educação, applicando aquelles principios geraes, ja expostos, a cada especie e circumstância que em seu respectivo periodo occorria.

Conformando-me com este plano, dividi a educação em suas tres especies capitaes, do corpo, do coração e do espirito.

Na educação do corpo ou physica, compilei e simplifiquei as regras geraes da boa hygiene e da gymnastica.

Procurei reduzir a educação moral, ou do coração, a um princípio unico, simples e facil: e fui com elle pelos deveres naturaes e da familia, aos da sociedade, da *cidade,* do Estado, da religião.

Na intellectual, ou do espirito, fiz por marcar as differenças do sexo, e da posição social e futuros destinos do educando: expuz os generos de disciplina ou ornamento que convem ensinar, e o methodo pelo qual. Desde o alphabeto levei o meu pupillo pelo estudo da grammatica, da ideölogia, da arithmetica, da geömetria, das linguas scientificas, das vivas, da materna specialmente;—da historia, da geöographia, dos elementos astronomicos mais precisos, da legislação, da economia-politica. Classifiquei as sciencias propriamente dittas physicas em tres familias ou generos, *descriptivas, analyticas, prácticas;* e d'ellas marquei o que é necessario, util ou de ornamento na educação, segundo a classe ou destino do educando: e assim da zoologia, da botanica, da mine-

ralogia, da geölogia, da physica, da chimica etc.

Não tractei das artes como profissão, mas como *gentil ornato* da educação nobre ou necessario elemento (que algumas são) de toda a educação: e assim da musica, do desenho, da dança, — da eqüitação, da esgrima etc.

E por este modo me servi da ordem methodica para bem determinar e fazer conceber meus principios.

Feito isto, procurei marcar distinctamente as quatro primeiras epochas da vida votadas á educação, e me esforcei por determinar qual era o principal offício da educação em cada-uma d'essas epochas, ou por outras palavras, qual era a especie de educação que mais designadamente devia predominar em cada-uma d'ellas. Digo predominar, porque sendo, em minha opinião, inseparaveis a educação physica, a moral e a intellectual, em nenhum periodo da instituïção é uma excluïda pela outra, mas cada-qual por sua vez obtem a precedencia segundo o estado do educando na respectiva epocha.

E cuido que me não enganei em estabelecer que na infancia a primeira é a educação phy-

sica, logo a moral, e so remota e indirectamente a intellectual: pois a primeira coisa de que devêmos tractar é de formar um bom corpo robusto e sadio, e firmar n'ésta educação a base solida, que so ella póde ser, das outras duas.

Na puericia dei o primeiro logar á educação moral, o segundo á physica, e conservei a intellectual no terceiro. Supposta em bom caminho a formação do corpo, naturalmente se dirige o immediato cuidado a moldar um bom coração, sem o qual nem as fôrças do corpo serão bem applicadas, nem a illustração do espirito hade approveitar.

A adolescencia parece-me principalmente consagrada aos exercicios intellectuaes: forte o corpo, regulado o coração, resta illuminar o espirito; antes, fôra cedo de mais, depois, será tarde para muita coisa em que se quer a frescura da memoria, e, se é lícita a expressão, a virgindade do cerebro. Cumpre todavia apperfeiçoar aïnda muito a instituïção moral, e logo immediata a poremos. Fica terceira a physica.

Na puberdade, ou nubilidade, que é o último periodo da educação, antes de o soltarmos no

mundo, a tantos perigos e tentações, o que nos dá mais cuidado em o nosso educando é forçosamente o coração. D'aqui, ponho n'ésta epocha a educação moral no primeiro logar, a quasi completa intellectual no segundo, e a physica, que por pouco está perfeita, no último.

Rara vez desci a miüdezas e pormenores, porque intendi que a economia, propriamente ditta, da educação devia pela maior parte ficar a arbitrio do mentor, que prudentemente a regule segundo a indole, o temperamento, a graduação do educando.

Os paes são os mentores e educadores naturaes de seus filhos. Esta regra é tam geral como a de serem as mães as suas amas naturaes. Tam culpada e criminosa é para com Deus, para com a natureza e para com a sociedade, a mãe que abandona o fructo do seu ventre ao leite mercenario de uma estranha, como o pac e a mãe que apenas criado, o entregam ao cuidado não menos mercenario de um pedagogo, de um director de collegio. Ambas éstas regras porêm teem excepções e modificações necessarias e forçosas. Assim como a muitas mães é impossivel criar seus filhos, tambem a muitos

paes é impossivel educá-los; e n'esse caso não ha remedio senão delegar a paternidade, bem como n'aquelle se delega a maternidade.

De certa epocha por diante é impraticavel á maxima parte dos paes o serem os instituïdores de seus filhos: ésta é antes modificação do que excepção da regra.

Nas duas primeiras epochas da vida, a infancia e a puericia, poucos casos ha, geralmente fallando, em que os paes não devam ser os educadores de seus filhos, quer de um quer de outro sexo; e as poucas excepções que ha apenas apparecerão nas duas extremidades sociaes, a infima e a altissima.

Mas no fim d'éstas duas epochas, a educação atéqui commum aos dous sexos, tem de dividir-se: e em nossos actuaes costumes e fórmas sociaes, os varões devem ir para o collegio, fóra do regaço maternal e mimos da casa paterna, accostumar-se á regularidade severa de educadores estranhos, e ao commércio e conversação dos homens com quem teem de viver: as meninas devem ficar no gyneceu sob a vigilancia da mãe e a seu cuidado somente.

Nem todas as mães sabem tudo ou teem tempo

para tudo ensinar; mas todas devem e podem saber o que é necessario para tudo dirigir, inspeccionar e superintender na educação de suas filhas. As posses, a classe social graduarão a extensão da educação, o número de mestres e prendas que a sua filha deve dar; mas em toda e qualquer classe, em todo estado de fortuna, a mãe é sua unica educadora, e a ninguem póde, em regra, ceder esse direito e obrigação.

Mas tambem ésta regra tem excepções; e é necessario que um tractado geral de educação com ellas conte. Não so a morte priva muitos innocentes do abrigo maternal: os vicios, a leviandade das mães exigem muitas vezes que lhes sejam suspensos ou coarctados os direitos maternos. N'esses casos amiüdo é preciso começar mais cedo a educação do collegio para os rapazes, e entregar a ella a das meninas.

Assentei, por éstas razões, que não devia, como o auctor do Emilio, dar o exclusivo da educação a um unico modo, e proscrever ou abandonar os outros todos: julguei mais util classificá-los e graduá-los bem para os diversos casos em que cada-um d'elles é mais conveniente.

Firme n'estes principios, tractei da educação nas duas primeiras epochas em commum para ambos os sexos, considerando-a doméstica, aïnda quando a auctoridade paterna e materna fossem delegadas, pois n'este princípio da vida, não se concebe educação pública de modo algum razoavel, excepto para os infelizes innocentes a quem a morte ou a devassidão ou a miseria absolutamente privaram de paes e tutores naturaes.

D'aqui por diante extremei a educação masculina da feminina, suppondo aquella no collegio, ésta na casa paterna e sob a inspecção maternal. Como porêm ha muitos casos, em os quaes, segundo ja disse, é forçoso fazer excepção da regra geral, i. é, em que as mães não podem ou não devem educar suas filhas, tractei tambem da educação feminina no collegio.

Finalmente vim á educação pública propriamente ditta. Comprehendi sob ésta rúbrica muitas especies. I. A dos que o Estado adopta por necessidade, como natural tutor dos desemparados, engeitados, e orphams indigentes. E a este proposito fallei dos collegios e estabelecimentos que a charidade nacional tem instituïdo

para estes infelizes. Comparei o que em nosso païz existe com o que tenho observado nas mais civilizadas nações da Europa; e fiz por indicar os meios de melhoramento que me pareceram possiveis e convenientes. II. A educação dos que foram adoptados pelo Estado em remuneração de serviços paternos. D'ésta especie (ou que d'ella devia ser) não temos em Portugal senão dous estabelecimentos, o collegio dos Nobres e o da Luz, instituïções que podem ser utilissimas, e que não convem destruïr nem alterar, porêm melhorar. III. A educação das classes infimas em que ao Estado cumpre intender por conveniencia e por justiça; por justiça, porque em seu favor se estabeleceu a desigualdade de fortunas e de classes, e lhe incumbe portanto, em retribuïção melhorar a sorte dos menos favorecidos. N'ésta secção tractei das escholas e geraes publicos, dos mestres regios, de nossa legislação n'ésta parte, e do que n'ella me parece de conservar ou de emendar. IV. Em derradeiro logar, e como complemento geral de toda a obra, tractei da instituïção professional, isto é, da que a lei exige para admittir a certos empregos publicos ou consentir no exerci-

cio de certas profissões. N'este capitulo entram os lyceus, os seminarios, universidades e similhantes.

Nos dous annos que dirigi, como chefe de repartição, a do ensino-público no ministerio dos negocios do Reino, tive occasião de obter muitos dados e adqüirir muita informação sôbre os diversos estabelecimentos nacionaes que temos, de observar o bom e mau dos systemas e leis que os regulam. Tenho depois amadurecido, com a comparação dos institutos estranhos, as reflexões que então fiz; e muitas se me teem despertado com que antes não sonhava. Procurei ruminar e digerir tudo na melhor ordem que sei, rematando com ésta parte tam essencial e importante o meu tractado geral de educação.

Dividi portanto a presente obra em quatro livros, e cada livro em suas respectivas partes, pelo seguinte modo:

LIVRO PRIMEIRO: Educação doméstica ou paternal, commum d'ambos os sexos.

PARTE I. Systema geral. — Infancia, á puericia.

PARTE II. Puericia, á adolescencia.

LIVRO SEGUNDO: Educação do gymnasio, ditta pública, para o sexo masculino.

PARTE I. Adolescencia, á puberdade.

PARTE II. Puberdade, á virilidade.

LIVRO TERCEIRO: Educação maternal ou do gyneceu para o sexo feminino.

PARTE I. Adolescencia, á nubilidade.

PARTE II. Nubilidade, á maturidade.

LIVRO QUARTO: Educação pública propriamente ditta.

PARTE I. Educação de orphams e desemparados.

PARTE II. Educação de privilegiados.

PARTE III. Educação das classes inferiores.

PARTE IV. Educação academica e professional.

Tal é a idea e o plano geral circumstanciado d'este escripto. Não chega minha presumpção a crer que suppro com elle a falta que de taes obras temos em nossa lingua: fiz de minha parte; outros virão e farão melhor. — E quando mais não consiga do que despertar os bons ingenhos portuguezes para que appliquem suas doutas vigilias a objecto de tanta monta, inda assim não fiz pouco, — e ja me darei por bem pago da insana e improba tarefa em que ha sette annos lido, e em cuja redacção, so para este primeiro volume, tenho gasto, alêm de uma somma consideravel para minhas posses, o melhor de seis meses de contínua applicação e trabalho.

LIVRO PRIMEIRO

EDUCAÇÃO DOMÉSTICA OU PATERNAL COMMUM PARA AMBOS OS SEXOS

PARTE I

SYSTEMA GERAL — DA INFANCIA Á PUERICIA

DA EDUCAÇÃO

LIVRO PRIMEIRO

EDUCAÇÃO DOMÉSTICA OU PATERNAL

PARTE I

Systema geral. — Infancia

CARTA PRIMEIRA

Systema geral e plano d'este livro. Da educação em geral. Natural divisão da educação em physica ou do corpo, moral ou do coração, intellectual ou do espirito. — Da educação physica. — Da educação moral. — Da educação intellectual.

MINHA SENHORA,

O vivo interêsse que todos os bons portuguezes tomâmos na muito honrada tarefa de que V. Ex.ª foi incumbida, confio que me hade desculpar na liberdade de me dirigir assim a V. Ex.ª O assumpto sôbre que ouso escrever-lhe é público e nacional; as altas funcções a que V. Ex.ª foi chamada são públicas

e nacionaes, — e de tam importante transcendencia, que, apezar de minha obscuridade, em certo modo me julgo auctorizado a expressar sôbre ellas meus sentimentos, — e do que em tal materia tenho estudado e observado, a contribuir com meu escasso quinhão de luzes para onde todas ellas são poucas, para onde não ha experiencia que sóbre, talento que sobeje ou illustração que seja demaziada.

V. Ex.ª chamada a dirigir e superintender a educação da nossa Augusta Soberana, não se deve offender de que um cidadão ignorado, mas leal e zeloso subdito, tome a confiança de lhe communicar seus pensamentos sôbre ésta educação tam importante, de cujos rezultados dependerá a felicidade, talvez a existencia, — os futuros todos de uma nação inteira, — de uma nação atéqui tam infeliz!

As preciosas qualidades de espirito e coração, que todos em V. Ex.ª reconhecem, me foram, não so esperança de que não sería desprezado meu trabalho, mas estímulo para o aperfeiçoar porque não sería perdido. Nada estranho lhe direi de certo, nada novo apprenderá d'aqui: V. Ex.ª conhece e sabe avaliar o

bom e o mau dos melhores livros de educação que mais crédito obtiveram pela Europa. Nem eu pretendo senão reünir em um quadro e presentar em synopse, com minhas proprias observações, e que por tanto volume anda disperso, e que assim reünido póde ser de mais prestimo e serviço.

De V. Ex.ª sei que a anima o amor de sua patria e a devoção por seus Soberanos, que, a exemplo de seus antepassados, sempre lealmente serviu: de mim posso dizer em meu tanto que lhe não cedo em sentimentos, e que, contentando-me de ajudar de longe com meu pouco a tam gloriosa empreza, sem pretenções e sem vaidade, me darei por muito feliz e pago se este meu serviço for de algum proveito, por insignificante, por minimo que seja.

Eu tive a boa fortuna de receber uma educação «portugueza velha», sólida de bons principios de religião, de moral, de sãos elementos de instrucção, e, comquanto fosse mal-aproveitada, das melhores que se dão, não direi em Portugal, mas pela Europa. Quasi dos primeiros annos de razão comecei a reflectir sôbre minha educação e a compará-la com a

que via dar a outros; e senti sempre, não sei por que instincto, uma predilecção inexplicavel por ésta *arte de formar homens,* arte a mais sublime e util de todas as d'elles, a que mais nos assemelha á Divindade, a que mais approxima a creatura do Creador. Escreveu um philosopho [1] romano que não havia espectaculo mais digno de Deus que o do varão forte luctando so e braço a braço com a adversidade. Outro conheço eu mais digno aïnda da Divindade e em que melhor se espelha sua imagem; é o do parente, do educador desvelado formando a alma tenra e o coração innocente de seu pupillo, moldando-os para a virtude e para a razão, e preparando-o para a felicidade; — que ninguem foi aïnda infeliz com a virtude, nem para ser infelizes nos creou Deus, que so para ella nos creou.

É um dos primeiros fins por que vimos ao mundo a continuação da especie; e por innata conseqüencia e instincto, a educação da prole o «mais natural» e ingenito cuidado do homem. A natureza, que pôz os gosos ao-pé das

[1] Seneca.

obrigações, nos faz achar um prazer indefinivel na educação dos renovos de nossa especie. Por aqui explico eu o muito que sempre me foi grato este estudo e o deleite moral que senti sempre em me occupar das observações e indagações que n'elle constantemente tenho feito.

É facil tarefa a de citar auctoridades e nomear escriptores; nem muito mais difficil a de notar defeitos de uns, excellencias de outros. De críticas e criticos está cheio o mundo. Eu não pretendo examinar, um por um, os systemas e os tractados de Aristoteles e Plutarcho, de Fénelon e Rollin, de Rousseau e Helvecio, de Loke e Condillac, de Genlis e de tantos outros emfim antigos e modernos que da materia tractaram, — porque não vou escrever uma obra de controversia, nem batalhar uma guerra de theorias philosophicas, de pouca glória para quem as briga, de nenhum proveito para quem as le, e de prejuizo certo para quem n'ellas quer aprender. Direi n'este ponto e do plano d'éstas cartas o que de sua galante obra da *Guia de Casados* escrevia o nosso D. Francisco Manuel de Mello.

Do que li, do que vi, do que estudei, do que reflecti em mim e nos outros, do que observei nos meios empregados e resultados obtidos de diversas educações, formei para mim um systema, um encadeamento de ideas e principios, que singela e chanmente exporei sem a linguagem hirsuta das cadeiras, sem presumpções de originalidade, bem-como sem servilismo de eschola. Julgue-me razão recta e corações direitos, não me examinem sabios e grandes homens. De theorias sei pouco ou me esqueci d'ellas, de auctoridades não fiz cabedal, de escholas, não a tenho; e não quero glória nem renome porque so fito a utilidade.

Educar um principe não é o mesmo que educar um simples cidadão; educar um principe que hade ser soberano é mais transcendente aïnda; educar uma joven princeza que por si e por seu direito proprio hade reinar, tresdobra de difficuldade: mas educar uma joven raïnha nas circumstâncias extraordinarias e unicas da nossa Augusta Soberana, uma soberana que ja reina, que reina em tam calamitosos e difficeis tempos, na era em que vivêmos, com os olhos dos reis e dos povos cravados todos sôbre el-

la, é certamente das mais arduas emprezas com que aïnda se carregaram hombros humanos.

Mas éstas gradações progressivas, éstas distincções crescentes na complicação do alto objecto de que se tracta, não tiram que as bases da geral educação não sejam as mesmas para todos os entes racionaes. Éstas diversas circumstâncias restringem aqui, alargam acolá o círculo da educação, porêm o círculo é o mesmo; nada lhe varía a fórma, nada lhe altera a essencia. A educação é uma so: o sexo, a posição social, os destinos futuros do educando a modificam de mil modos, mas sua natureza permanece a mesma. Não podêmos portanto tractar immediatamente da educação de uma joven princeza sem fallar primeiro da educação em geral: não se conhece bem a especie sem primeiro conhecer o genero. E, se é licito seguir na metaphora zoologica ou botanica, temos forçosamente de vir da classe ao genero, do genero á especie, da especie emfim á variedade.

O fim geral da educação é fazer um membro util e feliz da sociedade. O objecto da

educação é formar o corpo, o coração, e o espirito do educando.

D'aqui as tres divisões naturaes de educação physica, moral e intellectual. Fazem-se éstas divisões para clareza da materia e facilidade do plano do educador, porque as não fez a natureza nem as comporta a práctica. Todas tres estão ligadas, são objectos que junctos se devem obter, em que ao mesmo tempo se deve trabalhar, e que sem mútua destruïção de todos se não podem separar. Como a carrossa que um so quadriga modera, que a um unico ponto se dirige, e que simultaneamente tirada por tres ginetes, jamais chegaria ao ponto dado, nem se moveria para elle a distancia de uma linha, se cada um dos tres ginetes puxasse desencontrado, e não fossem uniformes seus — todavia distinctos — movimentos.

Um mau corpo, mal formado e doentio, com mau estomago e maus nervos, raro e quasi impossivelmente terá um coração bem formado, forte, aberto, generoso. [1] Com maus ner-

[1] Ésta regra não é sem excepções: de algumas

vos e mau coração, mau hade ser o cerebro. E vice versa, o mau coração desarranjará tarde ou cedo a flexibilidade e *justa tensão* dos nervos, e a perfeição do cerebro, [1] — e o cerebro a um d'elles e a todos; e mútua e simultaneamente assim.

Não é preciso fazer gala de leitura de Cabanis nem adoptar seus principios perigosos, ou ser Helveciano, ou fazer ceita emfim com qualquer dos suspeitos de materialismo [2] para intender e receber ésta theoria simples, que não é mais do que o resultado experimental do que todos os dias se ve, do que todos os dias nos

extraordinarias sei eu; são porêm excepções que mais confirmam a regra geral.

[1] Quando os anatomicos e physiologistas tiverem decidido se o cerebro é a origem ou o remate dos nervos, saberemos talvez quaes são os mais influïdos ou o mais influente: contentemo'-nos de saber porora que reciprocamente se affectam.

[2] Nunca me seduziram os sophismas especiosos dos materialistas propriamente dittos: mas é certo que se chama materialismo e materialista a muita coisa e a muita gente que nunca o foi. Erros e incoherencias são de todas as escholas e systemas; toda a vez que se pretende sujeitar a razão a um principio, seja qual for,

mette pelos olhos a observação constante e a inalteravel ordem das coisas.

Sem as separar nem dividir pois, ja que inseparaveis e indivisiveis são, distinguiremos para clareza e facilidade as tres educações: physica ou do corpo, — moral ou do coração, — intellectual ou do espirito.

Facil me fôra aqui dar mostras de saber que custa pouco e de erudição de barato estudo; e não pouparia agora uma longa dissertação de hygiena sôbre os modos de conservar, de melhorar e de formar a robustez e a saüde dos infantes. Mas alêm de razões que ja dei,

e forçar os factos e as experiencias a *metter-se em batalha* debaixo de uma ordem *dada*, hãode apparecer os defeitos e inconsistencias, e descubrir-se a imperfeição de todos os systemas do homem. No physico e no moral não ha ja hoje sciencia verdadeira senão a expeperimental. Kant e os spiritualistas não disseram por seu lado menos absurdos e coisas inintelligiveis com todas suas *transcendencias* e *sentimento*, lindos por certo em *verso*, lindissimos quando os descreve a poëtica penna de Madame de Staël, ou quando os imita seu illustre rival Mr. de Chateaubriand, mas que, pela maior parte, não sei o que querem dizer — em prosa.

eu creio pouco em toda a medicina preventiva que não for — regularidade, e se é lícita a expressão, *generosa parcimonia* de comida e somno, exercicio (principalmente passeio), estudo não excessivo, e o *nequid nimis,* a moderação em tudo. Onde não ha lesão ou imperfeição organica nem tendencia morbida muito determinada, sobeja ésta medicina e hygiena. No caso contrário não ha regras que dar porque devem ellas variar segundo a immensa variedade dos casos possiveis.

Mas não só as coisas meramente physicas influem na educação physica, ou educação e perfeição do corpo: tambem as moraes e intellectuaes, e muito e muito mais do que á primeira vista parece. A alegria ou a tristeza, — a suavidade ou a rispidez dos mestres e educadores, as sensações moraes de qualquer natureza demaziado fortes teem uma influencia extraordinaria nos orgams tenros e por extremo sensiveis de uma creança.

Geralmente se deve conservar o espirito do educando em um estado de alegria moderada e suave, que lhe distende brandamente os nervos, e mais que nenhuma outra coisa lhe con-

serva a saüde e avigora o corpo. A brandura dos mestres, a serenidade dos educadores deve ser constante: — se alguma vez ella relaxar a attenção ou diminuïr a pontualidade do discipulo, hade porfim gerar aquella docilidade filha da convicção e do amor respeitoso, que so nasce da estima, e a qual não so fórma o coração e rectifica o intendimento, mas produz uma satisfação habitual e perenne no ânimo do educando, que toda lhe expande a vida e lhe facilita as funcções d'ella. Tenho visto sempre que a rigidez dos mestres e mentores intimida e tolhe as creanças, e acanhando-lhes o espirito e fechando-lhes o coração, gera um humor acre, que estimula e corroi as partes mais vitaes do corpo, para eterno tormento, amofinação e desconsôlo do infeliz pupillo e de todos os que com elle teem de ter relação no decurso de sua triste vida.

Sensações muito fortes, o espectaculo das enfermidades e calamidades da vida devem, não so em relação á educação moral, mas em relação á do corpo, ser poupados na tenra idade. Não tanto porêm que ao sahir da infancia, o veo demaziado espesso com que atélli se lhe

encubria o quadro das miserias humanas, caia de repente e produza um effeito theatral de mais funestas conseqüencias aïnda. Mas va-se gradualmente desdobrando, e a prudente arbitrio do educador, mostrando do mundo o que os olhos do tenro expectador comportarem segundo lhe for crescendo a idade, a força e a razão. Para a alma e para e corpo é desgraçadamente um *veneno* a experiencia do mundo: mas é forçoso — inda mal! — tomar-se este veneno; e paraque não venha de golpe, tal que mate e arruïne de uma vez, dê-se em dozes progressivas, — accostume-se a elle o estomago com a receita de Mithridates.

Disse, e não me canso de repetir, que a educação physica, a moral e a intellectual são connexas e inseparaveis. Mas pela ordem natural da divisão, segue a do coração á do corpo.

A educação intellectual ou do espirito subdivide-se em necessaria, util e de ornamento; e as linhas divisorias que marcam as raias d'éstas tres provincias variam de posição segundo varía o sexo, a aptidão, o estado, os destinos futuros do educando. Porêm a educação moral é uma e a mesma, e apenas sujeita a certas

modificações que o sexo e a posição social requerem.

Não sei se me engano, mas parece-me que a educação moral se podia reduzir, tanto em theoria como em práctica, a um unico princípio. — Explico-me. Eu quizera que como base de toda a moral se estabelecesse e firmasse no coração do educando uma unica virtude primordial em que todas as outras se contivessem e da qual elle formasse uma noção perfeita e clara. Ésta virtude não póde ser senão a *Justiça*. Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas, justiça é religião, justiça é charidade, justiça é sociabilidade, é respeito ás leis, é lealdade, é honra, — é tudo emfim. Acaso parecerá absurda ésta proposição assim ennunciada e sêcca. Meditemo'-la, desinvolvamo'-la e appliquemo'-la; talvez o não pareça então.

Para que se educa um ente racional? Em relação á natureza, para *filho, esposo* e *pae;* — em relação á sociedade civil e ao Estado, para *cidadão, subdito* ou *soberano;* — em relação a Deus, para *religioso,* determinadamente nós para *christão.*

Ora da justiça, não no restricto sentido em

que vulgarmente se toma, porêm na ampla accepção philosophica, — da justiça, digo, derivam todos os deveres que para qualquer d'estes estados se requerem, todos os direitos que essas obrigações accompanham porque d'ellas resultam. [1] Vejamos. Eu diria a meu filho — e não lh'o diria de uma vez, mas ir-lh'o-ia gradualmente dizendo e mostrando: [2] — « Meu filho, deves a teus paes, depois de Deus, a existencia: pouco deves n'esse dom, mas deves muito pelas dores e padecimentos com que penaste as entranhas de tua mãe antes de veres o dia: para o veres, para appareceres no mundo e gosares da vida, arriscaste [3] a d'ella e

[1] Não sei se é superfluo observar que deveres (ou obrigações) e direitos são correlativos. De toda a obrigação resulta direito: sem ésta reciprocidade não haveria leis nem justiça.

[2] Creio que ninguem vai imaginar d'aqui que um pae ou educador se deva pôr a fazer d'estes sermões a seus filhos ou pupillos. O *como* e o *quando* é a grande sciencia do mentor.

[3] Conheci uma creança de indole imperiosa e má (que as ha más de natureza, deixar fallar o auctor do Emilio) cuja nascença custára a vida a sua mãe. Mimos e castigos pouco podiam com elle; mas em lhe

lhe causaste inexplicaveis tormentos. Nasceste chorando; e o teu pranto logo começou rasgando os seios d'alma de teus paes. Quizeste alimento, e nem o podias procurar nem o sabías pedir, nós provémos a teu sustento, deu-t'o tua mãe do sangue de suas veias. [1] Dias affadigosos, noites não dormidas, vigilias, penas, cuidados, tudo soffrémos por ti quando tu nem tinhas um surriso com que nos pagar tanto. Molestou-te a doença, e tu não podias queixar-te, nem dizer-nos a causa — nem siquer o sítio do mal que te affligia: e nós lidámos, e endoudecémos de cuidados para o adivinhar, para te alliviar e sarar. Balbuciaste emfim, e os sons informes que te deu a natu-

fallando na mãe e no que lhe custára para lhe dar a vida, o infeliz que nunca a víra, enternecia-se, abrandava, e cedia a tudo. Expliquem o phenomeno os que negam o *sexto sentido;* que eu não sei.

[1] Quando não houvesse outra razão para que as mães devessem crear seus filhos, esta sería bastante. Quem renunciará voluntariamente ao direito de fallar assim a seu filho? Digo *voluntariamente* porque sendo regra que este é o primeiro (em ordem) dos deveres maternaes, ha forçosas excepções a ella. Veja-se o que a este respeito se diz adeante, Cart. II.

reza, nós os convertémos em articulações regulares, que te pozeram desde logo em relação com a sociedade, [1] te constituïram membro d'ella e te fizeram participante de todos seus bens e confortos. Deu-te Deus o amor da vida, o instincto da virtude e a luz da razão; mas nós formámos teu corpo para os gosos da existencia, moldámos teu coração para o prazer da virtude, e illustrámos teu intendimento para dirigir teu coração e teu corpo, para viveres e seres feliz.

« Tudo o mais que te podêmos dar e fazer, bens, fortuna, consideração, é accidental e não depende de nós; — mas aquelles são beneficios que so de nós te vieram: deves-nos por elles amor, obbediencia e respeito; é *justiça* que nos pagues assim. »

E eisaqui a justiça para todos os deveres filiaes.

Cresceu a idade e a razão, e ja poderei di-

[1] A maior próva da sociabilidade do homem que em sua natureza acho, é a faculdade de communicar suas ideias e pensamentos pelos signaes d'ellas, as palavras. Este argumento da *loquella* é tal, em meu sentir, que dispensa todos os outros.

zer a meu filho: — « Tu hasde ser esposo: Deus que te creou, e a sociedade, em que vives, pedem que sejas esposo um dia. [1] Escolherás mulher que te ame e que tu ames, hasde considerá-la e tractá-la sempre como a companheira de tua existencia e a mãe de teus filhos. [2] Tens direito a exigir d'ella o mesmo, e portanto obrigação de lh'o prestar: fôra injusto o contrário. —E da justiça nascem tambem estes deveres e direitos.

Continuemos. — «Es filho, serás esposo, e provavelmente pae. Lembra-te das obrigações que para comtigo preenchemos, e verás que por necessaria justiça outro tanto como nos deveste, a teus filhos deves».

E eisaqui todos os deveres da natureza derivados do unico princípio da justiça. Veremos que os da sociedade tambem o são.

«Nasceste na sociedade e para a sociedade;

[1] Será preciso demonstrar que o homem nasceu para ser pae, e que o cidadão não é sustentado e protegido pela sociedade e pelo Estado para os deixar orphams e desherdados de sua prole?

[2] São óbvias as inversões que a differença do sexo deve fazer n'este arrezoado.

vives no meio dos homens, com quem communicas, de cuja experiencia aproveitaste e aproveitas; gosas dos bens da civilização, que ha seculos se aperfeiçoa para ti; tens direito a exigir dos outros membros da sociedade que não offendam tua pessoa e que respeitem tua propriedade: — é obrigação de justiça que outro tanto faças para com elles. Criou-te ésta sociedade, que chamâmos patria, dá-te meios de subsistencia, protege-te com suas leis: — tens de justiça obrigação de a defender, de a servir, de concorrer para suas despezas communs. — E estes são os deveres de cidadão. — Tens obrigação de obbedecer a essas leis que te protegem, ás ordens do Soberano que as mantem e as guarda, de o respeitar e honrar como chefe do Estado: — e eisaqui os deveres do subdito. — E ambos os de cidadão e de subdito derivados da unica fonte da justiça.

Tracta-se de um Soberano, de um principe que o hade ser? — É facil a inversão. O Soberano não é subdito, mas é cidadão. Como cidadão, os deveres do principe são os mesmos — porêm mais extensos, mais fortes, mais amplos, mais obrigatorios, mais directamente nas-

cidos da justiça; porque de mais forçosa justiça é o retribuïr á sociedade favores e gosos mais amplos, e confiança e honra, elevação maior e sem par. Como soberano, os deveres do principe, esses estão absolutamente na justiça, unica, inteiramente na justiça. É justiça governar segundo as leis, justiça respeitá-las e fazê-las respeitar, promover o bem público, e o particular de cada indivíduo, justiça *até* ser indulgente quando convem á causa pública, magnanimo quando ella não é lezada. Pois que maior *justiça* do que ser indulgente com homens governados o homem que governa e que, só porque é *homem*, a todos os momentos carecerá da d'elles paraque o respeitem, o amem e o honrem apezar de seus defeitos e miserias, porque como a *homem* lhe não faltarão! — e nem toda a purpura e arminhos do manto Real as podem sempre e efficazmente encubrir.

Venhamos emfim ao mais alto assumpto de que podem fallar homens: fallemos de Deus e de nossos deveres para com elle. Em que assenta toda a religião senão em justiça?

Como homens, i. é, creaturas, os nossos deveres religiosos são devidos ao Creador; como

christãos ao Redemptor. Éstas duas coisas não se separam nem são separaveis, que assim o ensina a fe; mas dividem-se aqui por hypothese necessaria. A homenagem de respeito, de gratidão, de amor e adoração que as creaturas devêmos ao Creador, o que é senão justiça e retribuïção? — Particularmente em nossa religião, os deveres do christão para com o Redemptor, o que são elles? Justiça em seu mais amplo, em seu mais sublime sentido e accepção. Piedade e charidade são as bases da religião natural, reforçadas e sanctificadas pela revelação, mas em nada alteradas. Piedade é amar a Deus sôbre todas as coisas; — sublime justiça de amar sôbre todas as coisas o que sôbre todas as coisas mais nos ama e a quem mais devêmos. Charidade é amar o proximo como a nós mesmos [1] : — dever que, sendo mútuo e

[1] Eu podia pôr aqui uma expressão mais philosophica e que soasse por isso mais acceita aos ouvidos do intolerante philosophismo (que o philosophismo — não a philosophia — é tão intolerante como o fanatismo); mas eu não cortejo d'essa gente, escrevo para homens de bem, que prezam *coisas* e não curam de *palavras*.

reciproco para todos os homens, é portanto da mais escrupulosa e eqüilibradora justiça.

Firmemente creio que, assim reduzida a educação moral ao unico princípio da justiça, o educador achará mais facilidade, e menos tropeços em a dirigir sem desvio, e o educando em a receber.

Não supponham todavia que n'ésta ou em qualquer outra parte da educação eu pretenda que se adopte o methodo synthetico, i. é, o de estabelecer cathegorica e dogmaticamente um princípio (que por tal modo nunca póde ser bem intendido) para sujeitar a elle todas as especies, e ir derivando todas as conseqüencias que n'elle se conteem ou se pretende que contenham. Condillac chama á synthese «methodo de trevas»: e, se alguma vez o epitheto severo de Condillac perfeitamente quadra a este methodo, é quando o applicam á educação.

O bom mentor affastará para longe de seu pupillo similhante systema. Tudo quanto dogmaticamente lhe ensinar pela synthese, por mais pura e incontestavel verdade que seja,—aïnda da mais simples intuïção—corre grande risco de se perder. A análise é o methodo da

natureza; hade vir com a fôrça da razão e da experiencia; embora lh'o não ensinem, a natureza lh'o ensinará: — e quando o pupillo, seguindo *por si* o methodo inverso do de seu mestre, proceder de *singulares* para *universaes*, a minima discrepancia entre suas observações, e as conseqüencias e principios que lhe ensinaram, o fará desconfiado; a dúvida entrará em seu espirito, logo após o scepticismo, e após elle a incredulidade perfeita.

Assim se teem perdido muitas educações intellectuaes e quasi todas as moraes. [1]

Nem é este o inconveniente unico, mas que seja o principal, do methodo synthetico em materias de educação: não faltará occasião de voltarmos ao assumpto no decurso d'éstas cartas, e a tempo e propósito ponderaremos os outros.

Tanto na educação moral como na intelle-

[1] Aïnda não conheci um homem soffrivelmente educado que ou se esquecesse dos elementos de saber que lhe ensinaram, ou renegasse dos principios de moral em que o imbuïram, senão por ésta causa. D'estes exemplos estão cheios os livros, e mais cheio aïnda o grande livro da experiencia, que nos abre quotidianamente a constante observação.

ctual, a anályse é o methodo que o educador e os mestres devem seguir. Nem tudo é ensinavel por synthese, tudo por anályse. Em religião, das obras da creação se deve ir subindo até o Creador, dos beneficios da redempção ao Redemptor. E só quando assim gradualmente preparado o espirito e o coração, é que os dogmas podem achar verdadeiro crédito e sólida base no ânimo do joven.

Assim nos deveres para com os homens, para com a sociedade, para com o Estado.

Quando se desinvolverem estes principios no circumstanciado e — se é lícita a expressão forasteira — no *detalhado* das applicações d'elles á educação moral e intellectual, veremos que não ha sciencia moral em que não tenha cabimento, estudo intellectual ou arte, a que não seja applicavel o luminoso methodo da anályse — i. é, aquelle em que o educando é o artifice de suas proprias ideas e principios, em que, dirigido mas não levado, guiado mas não forçado, no caminho da virtude ou da sciencia, elle mesmo acha por si as verdades que lhe convem saber; e seu proprio saber, obra sua, tera, porque o é, taes raïzes e tal fôrça que na-

da o abalará no espirito ou desarraigará do coração.

Fallemos agora da educação intellectual, que é a coroa de todas as outras. Ésta coroa deve ser de fructos e de flores: de fructos para as necessidades e utilidades da vida, de flores para incanto e ornato d'ella.

Em qualquer grau da sociedade [1] que nos ponha a sorte, todos carecêmos de educação intellectual, mas nem todos *igualmente*. Na educação do corpo não ha quasi modificação alguma senão a que a diversidade do sexo póde requerer, — e essa mesma variedade é só quanto aos meios; na do coração tambem algumas pequenas modificações pede o sexo, que o estado de familia e a supremacia da virilidade

[1] O maior e mais saliente defeito que acho em quasi todos os tractados de educação que tenho visto é não legislarem senão para a alta educação. Até o «cidadão de Genebra» *aristocratizou* n'esse ponto. Este corpo de observações, que ousei chamar tractado geral, comprehende até a mais alta especie d'ella, a educação do principe; mas certamente o auctor se julgará mui tristemente «desappontado» se elle não for igualmente util ao menor de seus concidadãos.

exigem: mas na educação intellectual muitas mais e muito mais variadas são as differenças que o sexo, a posição social, a indole, as propensões do educando estabelecem. A humilde cabana do pastor não se deve fechar mais ás bençãos da educação intellectual do que o palacio dos reis: mas dos simples rudimentos das artes, que os obscuros misteres da vida precisam, a orbita d'ella se vai extendendo em ambito, e alargando como as linhas da parabola até o infinito. Este *infinito* porêm não é o mathematico, é o infinito social, é o throno: [1] *infinito,* porque todas as virtudes, todas as luzes, todos os ornatos e perfeições são poucos para o ente destinado ao tam difficil, tam arduo,

[1] Se acharem que me demazio em similes mathematicos, respondo que, ao menos n'este caso, não achei outro que me servisse. A theoria social é de pura abstracção como a mathematica, e por isso teem mais pontos de contacto entre si do que nenhumas outras sciencias. A combinação mais perfeita dos homens em fórmas governativas é a monarchia representativa bem intendida, que segundo outra comparação, tambem do mesmo genero, de eminentes publicistas, é como uma pyramide, cuja base é o povo e cujo vertice o Soberano.

tam sublime encargo de presidir aos destinos das nações, de *moderar* [1] a grande máchina social, em cujas mãos está a felicidade de milhares, de milhões de individuos.

De toda a educação do espirito a grammatica é a base. A grammatica é a sciencia das palavras, isto é, dos signaes de nossas ideas: e entre éstas e aquellas, — pela construcção physica do homem, por suas relações com os

[1] A alguns pensadores levianos ja pareceu, e por alguns foi ditto, que na monarchia temperada o Rei não precisava de illustração e virtudes, como na absoluta em que elle só é tudo. Qualquer reflexão mostrará o contrario. O govêrno representativo é muito mais difficil e complicado porque é mais perfeito: de todas suas diversas rodas e mechanismo geral o principe é o *regulador*. Seja ou não expresso e distincto na lei pólitica escripta do Estado (como positivamente o é na carta portugueza), ao Rei compete *moderar* a grande máchina social. Estas funcções moderadoras, que por sua propria natureza são distinctas das executivas, como as exercerá elle sem grande cabedal de luzes e virtudes? — Bastará porventura que oiça seu conselho quem não souber discernir nas opiniões dos conselheiros? Enfada insistir em coisas taes, e gastar tempo em demonstrar o que é de simplicissima intuïção.

outros e com o resto do mundo visivel, por sua educação, por sua natureza, — é tam íntima a connexão, tam estreita e quasi indivisivel, que jamais conhecerá bem as coisas o que não conhecer bem as palavras, jamais adqüirirá ideas exactas, ou formará juïzos distinctos o que das palavras, suas combinações e ligações, não tiver noção exacta, clara, — e no modo de as empregar e usar não for igualmente correcto e habil.

Com a boa e bem intendida grammatica está connexa (e talvez mais exactamente, á grammatica está inherente) a ideölogia e a logica ou as artes de formar as ideas de que são signaes as palavras.

Não se concebe, na organisação que ao Creador approuve dar á especie humana, não se concebe como sem palavras [1] se podessem formar muitas das ideas, combinar outras muitas e formar juïzos. Não ha um só só facto que

[1] Que ideas tem o surdo e o mudo de nascença? Quasi nenhumas e imperfeitissimas. Nem a arte sublime que, a tanto esfôrço e custo, os restitue *em parte* á sociedade, os póde, aïnda assim mesmo, fazer completos participantes e membros d'ella.

prove [1] que os sentidos, a experiencia de um homem que nascesse e vivesse isolado, bastassem para isso. A mútua communicação das sensações que os homens receberam e experiencias que fizeram na sociedade — seu estado natural — é que os fez discorrer, pensar e ser logicos. Sem palavras, signaes de suas ideas, e meio de permutação e communhão d'ellas, não se chegára nunca a este resultado.

A grammatica pois, que é a sciencia das palavras, — se a não comprehende — está inseparavel da sciencia das ideas e do raciocinio.

Estou portanto persuadido que os dous estudos, [2] de «formar, e combinar ideas», e «de expressar éstas formações e combinações», se não devem nem podem separar. São operações promiscuas do espirito e dos orgams do corpo,

[1] Em todo o homem que tem apparecido n'esse estado, apparece mais um documento de que a idea de homem involve a de animal social. Todos quantos exemplos se citam confirmam a minha asserção.

[2] Logica, ideölogia, psychologia etc. são palavras diversas, são divisões artificiaes das escholas: na natureza não ha senão — formar ideas e juïzos, — expressar ideas e juïzos.

e que promiscuamente se devem analyzar, estudar e dirigir. [1]

Não fallo porora nem do methodo práctico d'este ensino, nem dos livros que se devem escolher, nem de nenhuma coisa circumstanciadamente. Estou dando o esbôço e plano geral de meu edificio: depois examinaremos a construcção e ornamentos de suas differentes partes.

A arithmetica é o rudimento immediato da educação elementar. A arithmetica é mais vasta sciencia do que vulgarmente se cuida. Todas as mathematicas puras estão n'ella. A extenção com que ésta importante parte dos conhecimentos humanos deve ser ensinada [2] de-

[1] A orthographia e a pontuação fazem parte da grammatica «artificial.» Eu não creio em nenhuma orthographia senão na ethymologica por ser aquella em que póde haver menos questões, schismas e heresias. Não cabe n'este logar expor as razões do que digo. Os inglezes ensinam a orthographar quando ensinam a ler, por um methodo muito simples, que devêra ser geralmente adoptado.

[2] Raro é o homem não pertencente ás classes mechanicas (e ainda d'essas) que não precise de saber, pelo menos, as primeiras e capitaes operações algebricas.

pende das circumstâncias do educando. O que sobeja a um não bastará a outro, mas decerto a nenhum póde dispensar absolutamente de a aprender nem sexo, nem posição social, nem aptidão.

Apezar de que, sem sahir dos meios arithmeticos, se póde ensinar a geometria, não approvarei comtudo que a nenhum educando se ensinasse senão pelo methodo ideölogico e abstracto [1] de Euclides. A geometria está para todos os conhecimentos physicos como a logica para todos os intellectuaes e moraes. E alêm d'isso, nenhum estudo exercita, fórma, rectifica a razão como este.

As linguas occupam um logar eminente entre os elementos da educação nobre: (e aqui intendo por educação nobre, e intenderei onde quer que repetir a expressão, a de todo o educando não destinado a officios ou empregos mechanicos). [2] Nem todos os individuos da socie-

[1] Rousseau gaba o methodo physico e sensivel de figuras tangiveis e moviveis para aprender a geometria. Mais facil é para começar, mas não aguça e rectifica tanto o espirito.

[2] Ainda agora disse que o capital defeito dos li-

dade precisam d'ellas; mas de certa altura para cima quasi todos, — e porque não direi, sem excepção, todos?

O Grego e Latim são necessarios elementos d'ésta educação nobre. Deixar fallar modernos e modernices, petimetres e neölogistas de toda a especie: o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação pública, [1] não póde sem vergonha ignorar as bellas lettras e os classicos. Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais chymica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais zoologia do que Lineu e Buffon, mais economia-politica do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Bentham; se elle não for o que os Inglezes chamam

vros de educação é não tractarem senão da que so póde ser dada a pessoas opulentas. Mas não póde deixar de ser assim: o menos comprehende-se no mais; e está da parte dos paes e educadores moderar e applicar os preceitos e regras e suas possibilidades e circumstâncias.

[1] Em um paiz governado pelo systema representativo, todo o cidadão que está em gôso dos direitos politicos é mais ou menos chamado a «vocações públicas.»

a good scholar, triste figura hade fazer fallando, ou seja na barra, na tribuna, no pulpito — tristissima escrevendo, seja qual for a materia, porque não ha assumpto em que as graças do stylo e a correcção da phrase e belleza da dicção não sejam necessarias e indispensaveis. Ponham-me Demosthenes, Cicero — e Canning tambem, — com seus grandes talentos, fortes de chymicas e economias-politicas, e com todos os codigos de suas respectivas nações na cabeça, mas desprovidos de suas immensas riquezas litterarias, do irresistivel feitiço de sua linguagem classica — ponham-m'os no Areopago de Athenas, no senado de Roma, e na camara de Londres, e veremos se são os mesmos homens, os mesmos estadistas, os mesmos oradores omnipotentes, deante de quem tremem os Phillippes, os Catilinas, e as Sanctas-allianças. Escreva alguem com dobrada erudição e ingenho o *Espirito das Leis,* mas sem os incantos do stylo classico de Montesquieu, e veja quantos lh'o lem. Traduzam em lingua de tarellos as obras de Plutarcho, de Cicero, de Buffon, de Laplace, e veremos quantos leitores teem.

Ora é tam impossivel escrever bem em Por-

tuguez, em Castelhano, em Inglez, em qualquer das linguas do occidente da Europa sem saber Grego, e principalmente Latim, como era impossivel aos escriptores de Roma fazê-lo bem na sua sem conhecerem a de Athenas; ou aïnda hoje ao poëta ou orador de Ispahan ou de Stamboul o escrever bom Turco ou bom Persiano sem saber o Arabe antigo, a lingua do Koran e de Hafiz, agora tam morta para elles como o Grego e Latim para nós, como o Sanscrito para Indios e Mogoes.

Das linguas vivas é igualmente preciso o estudo; — por necessidade, para as transacções da vida, que no estado de relações em que se acha o mundo é quasi indispensavel á maxima parte das classes da sociedade; — por utilidade, para o conhecimento de muitos e excellentes auctores que n'ellas escreveram; — para ornamento, porque não só é signal de boa educação, mas familiariza com as litteraturas, costumes e maneiras dos povos, aos quaes a civilisação todos os dias estreita e fraterniza a mais e mais.

Ninguem ignora que para nós habitantes do Sul, o francez, o inglez, e o allemão são as

linguas mais necessarias. Castelhanos, portuguezes e italianos com pouco trabalho se intendem e lem.

Porêm o estudo do proprio idioma é mais necessario que o de nenhum dos outros. Somos desgraçados n'isto os portuguezes. Homens para quem não são mysterios os de Pindaro e Persio, [1] muitos a quem não mettem medo as mais abstrusas difficuldades da lingua-sancta, [2] orientalistas e hellenistas consummados não sabem, nunca estudaram sua propria, sua tam ricca e tam formosa linguagem.

Mas para estudar a lingua materna e apperfeiçoar nas extranhas não ha senão um meio, que é o estudo das litteraturas respectivas. Quem saberá portuguez sem meditar e profundar nos thesouros de Camões, de Vieira, de Sousa, de Lucena? — Quem pretenderá conhecer o idioma francez sem haver estudado Boileau, Racine, Fénelon, Lafontaine, Massillon? — Que inglez saberá o que não souber Addison, Sha-

[1] Aponto estes por serem os dous classicos reputados mais difficeis nas classes de grego e latim.

[2] O hebraico.

kspeare, Pope, Blaire? — Que castelhano se póde saber sem Cervantes, Garcillasso e Solis? — Que allemão sem Schiller, Klopstok e Goëthe? — Que italiano sem Dante e Ariosto, sem Machiavel e Alfieri? — A que sciencia de latim e grego poderão emfim pretender os que não tiverem versado com mão *nocturna e diürna* os exemplares de Livio e Xenophonte, de Cicero e Demosthenes, de Terencio e Euripides, de Virgilio e Homero, de Pindaro e Horacio?

Porêm mais essencial aïnda á educação é o estudo da historia. Nenhum tam necessario, nenhum mais util, nenhum menos dispensavel. Anda-lhe annexo e o precede em parte, mas *paripassu* o deve accompanhar o da geögraphia.

Ideas geraes do systema solar e das mais precisas noções astronomicas devem preceder o estudo da geögraphia propriamente ditta.

Mas a historia não é só necessario elemento da educação intellectual, tambem o é da moral; que a historia bem ensinada tanto illustra o intendimento como fórma o coração. Para o moral e intellectual do homem a historia é o

meio *analytico* de seus mais seguros conhecimentos e principios, é a «base experimental» de suas ideas mais certas e mais rectos juïzos. A maior parte dos livros de historia peccam em ser chronicas de guerras e feitos de armas, ou memorias privadas de reis e imperadores, e grandes capitães. As variações da legislação, os progressos das sciencias, das artes, das lettras, os costumes, os usos dos povos occupam rara vez a penna do historiador; e d'ésta falta vem que o estudo da historia é menos proveitoso do que devia ser. Mas o bom mestre póde supprir muitos defeitos do mau livro: — alêm de quê, o número dos bons livros de historia tem modernamente crescido muito.

A historia geral antiga e moderna, mas principalmente a do proprio païz, é certamente indispensavel.

Tambem entra na educação elementar o estudo do direito, não o direito de lettrados e desembargadores, que nem todos fazem profissão das leis, mas aquelles rudimentos necessarios para que o homem não ignore quaes são as obrigações que lhe impoz, e os direitos que lhe deu a natureza, — o cidadão os que lhe assegu-

ra e d'elle exige a sociedade civil, — o subdito ou Soberano os que lhe outorga ou d'elle requer o Estado. E como o homem, humanamente fallando, não póde ser considerado senão n'éstas tres relações quanto á natureza, quanto á sociedade e quanto ao Estado, claro é que as noções mais essenciaes e simples do direito natural, do civil, e do público ou constitucional, são as absolutamente necessarias.

A economia-politica, sciencia — nova não — mas novamente tirada do embryão das sciencias politicas, e chamada a particular e *independente* existencia, fórma o remate ou, com mais exacção, o complemento dos conhecimentos do educando no que diz respeito á coisa-pública. E, a não ser as infimas classes da plebe, é raro o estado social a que ésta tam importante sciencia não seja de summo proveito — em um païz de govêrno representativo a quasi todos indispensavel.

Todos estes que tenho ennumerado são elementos da educação intellectual que se podem chamar necessarios e uteis, e que entram mais ou menos em uma ou outra d'éstas qualificações, segundo — como ja disse e repisei — for

mais ou menos elevada, mais d'este ou d'aquelle modo circumstanciada a posição social do educando.

Para uns será absolutamente necessario o que para outros apenas póde ser util; e até do necessario e do util fugirá para coisa de simples ornamento; — taes serão as circumstâncias do pupillo. Para éstas delicadas gradações, poucas ou nenhumas regras se podem dar: fica ao arbitrio do educador descriminál-as com juïzo e prudencia segundo a variedade das hypotheses. Assim como ao discreto magistrado a lei tem de deixar muitas e muitas vezes que suppra com sua eqüidade e descernimento ao que ella não proveu, porque nem a tudo se póde prover e prever.

O que me resta porêm a dizer, na generalidade de meu plano, dos complementos da educação intellectual, é tamsomente de ornato e perfeição. Mas note-se, aïnda assim, que em certas posições sociaes o ornato e a perfeição véem a ser de necessidade tambem.

O geral das sciencias physicas e das artes para todos os que d'ellas não fazem profissão, póde considerar-se como ornato e *gentil* aper-

feiçoamento de educação, mas não como base d'ella.

Todas as sciencias physicas se dividem, segundo intendo, em tres grandes classes:

I Sciencias que descrevem os objectos da natureza;

II Sciencias que analyzam suas propriedades;

III Sciencias que as applicam aos usos, commodos e gosos da vida.

A geölogia ou descripção da terra, a zoologia ou descripção do reino animal, a botanica ou descripção do reino vegetal, a mineralogia ou do reino mineral, a anatomia ou descripção das partes do corpo animal, etc. pertencem á primeira classe.

A segunda classe comprehende a physica propriamente ditta ou anályse das leis mechanicas, a chymica ou anályse, pela composição e decomposição, das propriedades dos corpos, a physiologia ou anályse das leis organicas e funcções vitaes dos corpos animados, etc.

A terceira classe comprehende as applicações diversas d'éstas sciencias ás artes, que

véem a formar a medicina, a architectura, a agricultura, etc.

A applicação da mathematica a muitas d'éstas sciencias produziu divisões e denominações novas, que fôra longo e ocioso ennumerar: bemcomo a reciproca mutuação de meios que nas sciencias naturaes se tem ultimamente estabelecido, lhes alargou e *confundiu* as raias, e creou ramificações novas tambem, mas que todavia não são mais que subdivisões d'aquelloutras e que facilmente entram em cada-uma das grandes provincias dos conhecimentos naturaes.

A seu tempo e logar tractaremos de quaes d'éstas sciencias e do que d'ellas é essencial aprender.

Todas as artes nasceram primeiro que as sciencias, mas todas foram ou vão sendo por ellas aperfeiçoadas. Houve architectura antes de se conhecerem as leis da gravidade ou de se haverem medido os graus de qualquer angulo; pintura antes de se saberem as leis da prespectiva, ou as da refracção da luz; agricultura antes de se examinarem os mais simples phenomenos botanicos; tinturaria e muitas

outras manipulações chymicas prácticas antes aïnda de haver alchymia, dos sonhos de Paracelso e das phantasmagorias dos Rosas-cruzes; os astros serviram de bussola aos navegantes, de relojo e até de barometro aos pastores antes que se calculasse a ellipse de nenhuma de suas orbitas, ou se soubesse, — nem siquer se questionasse — da differença entre fixas, planetas, constellações e cometas.

Mas a quem não faz profissão de artes, convem-lhe, no estado actual dos conhecimentos humanos, descer do estudo das sciencias para o das artes.

As artes são mechanicas propriamente dittas ou liberaes e dittas bellas-artes. Das primeiras pouco tem que aprender o pupillo nobre [1]; das segundas, todas deve estudar mais ou menos, e algumas practicar.

A musica, o desenho (incluïndo n'este a pintura) e a dança, póde-se dizer que fica mal a

[1] Parece-me um tanto exagerada a doutrina contrária ensinada por J-J. Rousseau e outros modernos. Em seu logar o examinaremos.

uma pessoa de bem não as saber, e até certo ponto, não as practicar [1]. Naturalmente porêm nos chama a inclinação mais para uma ou outra d'estas prendas; e n'isso a indulgencia do educador deve ceder facil á vontade do pupillo, e deixar-lhe dar preferencia áquella que mais o attrahir, comtanto que não despreze as outras.

Eisaqui, minha Senhora, o mappa geral de

[1] A eqüitação, a esgrima, a arte da veação (a caça), por alguns até a natação, véem contadas entre as artes liberaes. Não questionarei se todas éstas artes teem ou não o « foro grande »; mas creio que todas ellas formam parte (maior ou menor segundo as circumstancias do pupillo) da educação complementar: algumas até são mui necessarias á boa educação physica.

Não creio que nenhum homem bem criado se deva fazer eminente e formoso em nenhuma d'éstas prendas, que são mui nobres emquanto são « so prendas », mas baixam tristemente apenas degeneram em occupações. Toda a Europa ri dos *gentlemans* inglezes que degeneram de cavalleiros em picadores; e não conheço nada tam ridiculo como um cavalheiro n'um salão de baile fazendo passos e difficuldades de dançarino da opera.

todas as partes que entram em uma educação perfeita, classificadas pela ordem e geração das ideas segundo as eu concebo, e conforme julgo que as deve conceber o educador para podêr dirigir com acêrto a instituïção de seu pupillo. Mas não certamente ésta a ordem pela qual se devem ensinar. E não sei se é superfluo accrescentar aqui que em tudo o que tenho ditto não fiz mais que « debuxar os contornos do meu quadro » para appresentar um systema compacto, seguido e, creio que, encadeado. Nem tractei dos modos como, nem do methodo pelo qual se deve ensinar cada uma das coisas que ennumerei. Tampouco não fiz quasi applicação nenhuma das generalidades e theses da educação á especie da educação de um principe, e menos á particularissima hypothese da educação de nossa Augusta Soberana. Era indispensavel, como disse, fazê-lo assim: e agora que a idea geral está completa, as divisões, subdivisões e applicações se virão naturalmente presentando como de per si, com maior clareza, methodo e facilidade.

Se a V. Ex.ª, minha Senhora, completa-

mente não desagradar o systema exposto n'ésta primeira carta, espero que estenderá sua indulgencia a observar nas seguintes o desinvolvimento e applicação dos principios e doutrina que n'ella expuz.

Deus guarde a V. Ex.ª etc.

CARTA SEGUNDA

Divisão dos periodos da educação pelas quatro primeiras epochas da vida — I.º periodo da infancia até a puericia: educação physica; primeiras sementes da educação moral.

MINHA SENHORA,

Tive a honra de pôr deante dos olhos de V. Ex.ª o meu quadro de educação em grandes traços. Lançámos a vista pelo mappa geral de sua universalidade e notámos apenas as divisões capitaes e mais salientes da natureza — como em uma carta geral e «projectada» do globo terrestre poderiamos ver as grandes secções do nosso planeta, que a interposição dos máres e a elevação das cordilheiras appresentam logo ao primeiro olhar. As subdivisões da natureza formadas pelos rios caudalosos e me-

nores serranias, as convencionaes da politica observam-se melhor nos mappas parciaes. Creio que o mesmo devemos fazer para o mais miüdo exame de nossa materia.

A juventude, que é a idade da educação, divide-se em quatro epochas ou periodos certos, e constantes em todos os individuos, postoque o clima, a constituïção organica, e aïnda os habitos ou outras circumstâncias, lhes encurtem ou alarguem a duração e façam mais serodias ou temporans essas estações da vida humana.

Conta-se a infancia desde o primeiro *ai* por que principia a vida até o crepusculo da razão e sufficiente uso dos membros, da voz, — até começar a semi-perfeita vida de relação. A puericia desde essa epocha até despontarem os primeiros signaes apparentes da tendencia do sexo, no arredondado ou musculoso das fórmas, na visivel inclinação moral a certos habitos e gostos, no maior desinvolvimento da razão e agudeza do instincto. N'esse estado começa a adolescencia, que dura até á sensivel demonstração do sexo, manifesta alteração de fórmas, voz, — de todo o modo de ser, e ja

descobre propensões moraes, character, ingenho, indole. N'este ponto a estrada commum acaba, os parallelos, mas distinctos, caminhos dos dous sexos começam, e até a lingua varía de termos para chamar a tal periodo da idade masculina «puberdade» e ao da feminina «nubilidade».

Abstractamente se poderia dizer que a respeito da mulher os fins da natureza estão preenchidos e completos: já póde ser esposa e mãe; que mais lhe resta na natureza e na sociedade? Nem as linguagens humanas teem mais vocabulo para marcar outro periodo de sua idade. É nubil? — está perfeita a mulher. Na puberdade o homem é aïnda incompleto, a perfeição so lhe chega com a virilidade.

Porêm eu tenho gran' medo de abstracções, e quanto mais delicadas e finas são, mais me temo que sejam «concetti» da razão, tam damnosos á solidez moral quanto o são os do espirito ao bom gôsto da litteratura. Se no nosso presente objecto se póde dizer que a educação acaba quando o educando está perfeito, não creio que em nenhum dos sexos se verifique perfeição senão quando o corpo, o

coração e o espirito estão completamente desinvolvidos e formados. Então o homem de lettras póde continuar a estudar e a enriquecer seu espirito, o homem do mundo a apperfeiçoar-se em prendas, e cada-um a dar-se todo a sua respectiva profissão; mas a educação acabou: antes d'isso não. — Bem considerados pois os fins da natureza, estou persuadido que os cuidados da educação começam com o primeiro vagido da infancia, e acabam quando o homem e a mulher estão habeis não so para gerar e conceber, mas para se dirigir a si e educar a prole. N'este ponto se verifica a virilidade do varão e a nubilidade *perfeita*, i. é, a maturidade da femea.

Consideremos pois as duas porções da especie humana em relação ás tres educações, physica, moral e intellectual, nos quatro differentes periodos de sua formação e desinvolvimento:

Periodos communs a ambos os sexos	I. Da infancia á puericia.
	II. Da puericia á adolescencia.

Periodos distinctos nos dous sexos	III.	Da adolescencia á puberdade. Da adolescencia á nubilidade.
	IV.	Da puberdade á virilidade. Da nubilidade á maturidade.

Levemos o nosso educando por estes differentes periodos, desde o berço até o leito nupcial, onde so a educação se devêra despedir d'elle.

Pelos fins que na educação do corpo nos propomos, sem mais demonstração se ve que ella começa com a vida; [1] pela natureza da educação moral vemos que propriamente não póde começar antes da segunda idade do ho-

[1] Em rigor a educação physica deve ter principio com a existencia (antes da vida) do feto no ventre da mãe. Os cuidados e immensos desvelos e precauções que exige o estado da prenhez, particularmente em nossas derrancadas e attenuadas constituïções, são ja parte, e importantissima parte, da educação do corpo.

mem, a puericia ; — veremos a seu tempo que a intellectual so deve ter princípio na adolescencia ou terceira epocha da vida. É todavia tam íntima e estreita a ligação « quasi mysteriosa » em que se unem o corpo, o coração e o espirito, — tam íntimo, por conseqüencia, e estreito o vínculo em que se unem as tres educações respectivas, [1] que suas raias e limites se confundem insensivelmente, e mutuamente se invadem sem prejuïzo de sua independencia. Assim teremos de observar que ja na infancia se empregam meios indirectos da educação moral, e que na puericia havemos de lançar as primeiras sementes da intellectual.

Ja não vivêmos, felizmente, em tempos em que seja preciso declamar contra o desnatural e desamorado costume de engeitarem as mães desde a nascença o fructo de suas entranhas, e lhe negarem o proprio e unico alimento que

[1] Ja enfadará talvez a repetição d'este principio: acho-o tam importante, que tomára que o educador o tivesse sempre deante dos olhos e se não esquecesse um momento (segundo é tão facil e todos os dias succede) de que nem o corpo nem o coração nem o espirito são « educaveis » *um sem outro,* ou em separado.

em seus peitos lhe preparára a natureza, para o abandonarem a cuidados e leite mercenario, com que se lhes derranca a miüdo a constituïção e a saüde, póde ser que o coração e todos os germes da moral e virtude. Graças á irresistivel eloqüencia do educador de Emilio, passaram esses tempos. Aos que hoje escrevêmos de taes materias, incumbe-nos tarefa de menos glória. Hoje é preciso moderar os effeitos d'aquella seductora eloqüencia e chamar aos limites da razão o que se transviou pelas demazias do sentimento: venha a fria mas prudente experiencia lançar agua na generosa fervura do enthusiasmo.

Rousseau insistiu que todas as mães deviam criar seus filhos; [1] M.me de Genlis e outros, parece que por systema de opposição, o contradisseram. Eu adoptarei o preceito de Rousseau como *regra;* mas insistirei tambem em que é regra que tem muitas e forçosas excepções. Em *regra* a transcendente chymica da natureza tem preparado nos peitos da mãe o

[1] Rousseau faz alguma excepção; mas não parece admittir que as faça a natureza.

unico alimento que convem ao recemnascido; porêm muitas e muitas vezes as circumstâncias da mãe ou do infante tornam esse alimento improprio, ás vezes arriscado, a miüdo damnoso. Molestias chronicas ou accidentaes da mãe, tendencia morbida do filho, extrema fraqueza de um ou de outro, exigem peitos auxiliares. — E ha muitos exemplos de creanças sadias e robustas a quem aleitaram cabras e outros animaes, de muitas que nenhum peito mamaram e a quem a arte subministrou os primeiros alimentos, que a natureza ou lhes negára ou lhes não deu fôrça para receberem pelo modo commum.

Onde aos paes faltar descernimento para conhecer como e quando tem logar a regra ou as excepções, de nada serve estender este arrezoado: são tantos e tam variegados de matizes diversos os casos que occorrem que não é possivel senão dizer éstas generalidades e deixar a applicação ao bom juizo dos que teem de a fazer.

É preciso cautela com o êrro vulgar de que a unica circumstância attendivel na escolha da ama é a saüde e robustez. Roguemos em no-

me da humanidade a todos os paes que se virem na crua precisão de tomar amas para seus filhos que attendam primeiro que tudo a que estes «procuradores maternos» se assemelhem, quanto possivel for, a seus constituïntes. Lembrem-se que nove mezes andou o infante no ventre da mãe, que nove mezes lhe foi commum com ella a existencia, a vida, o nutrimento, os humores, o sangue; e que a subita mudança, aïnda que para melhor, bastará, se muito forte e positiva, para o matar ou o arruïnar sem cura.

Quasi proscripto está tambem hoje o costume de ligar e precintar as creanças, que muita vez as faz disformes e rachiticas. Mas observe-se porêm que raro abuso apparece que não tenha seu principio em bom uso. As creanças precisam de estar conchegadas; e assim se fez primeiro: ha casos em que devem até estar um tanto ligadas, como quando a tendencia a roturas ou excessivo chôro, para as prevenir, o fazem necessario. [1]

[1] O modo por que hoje se amantilham as creanças em Portugal é geralmente bom.

O embalar os infantes para os adormecer e calar, esse é vício que ainda predomina muito e que não teve outro princípio senão a commodidade das amas, que se enfadam dos choros do innocente e de velar em quanto elle não dorme. O embalar adormenta a creança porque a põe n'um estado de stupor, e tem o effeito dos narcoticos, que são momentaneamente sedativos mas sempre irritantes. Desarranja-se a digestão e se entorpece o cerebro, mas ao sahir d'esse torpor, a irritação hade augmentar; e á proporção que se tornar habitual este pernicioso meio, a irritabilidade do estomago e dos nervos se tornará chronica e talvez incuravel.

É perigoso appressar ou retardar o tempo da criação e o periodo da desmamação; porêm quem dará regras para o determinar? Quem ousará fixá-lo? A uma creança forte é preciso ás vezes prorogá-lo, a um fraco limitál-o, ou porque seja necessario dar tom ao estomago debil com alimentos solidos postoque levissimos, ou por mil outras circumstâncias. [1]

[1] Uma regra póde estabelecer-se n'este ponto; e

É tambem regra que o vestido das crianças deve ser ligeiro, não so porque é pernicioso em si mesmo o excessivo calor artificial, mas porque dá mais azos a constipações, defluxos e affecções rheumaticas de toda a especie, que a subita variação da temperatura produz. Mas tambem ésta regra tem excepções. Por doente e enfermo que lhe nasça, nenhum pae perde a esperança de que seu filho recobre, e venha a ser sadio e robusto. Não rara vez tem acontecido vingarem e gosarem saüde as mais anazadas creanças, e morrerem ou enfermarem para sempre as mais sadias. Mas quando assim não succeda ou de que não succeda estejamos convencidos, abandonaremos a infeliz creatura ao rigorismo dos principios e regras geraes, quer morra quer viva, nem será a educação physica senão uma experiencia pela qual se façam passar os innocentes desvalidos para escolher os que poderem sustentar essa próva difficil e rejeitar os que a não supportarem? Se esses são os principios e os fins da econo-

é que antes de passada a crise da dentição, nenhuma creança deve ser desmamada.

mia politica e philosophia moderna, declaro que solemnemente os abjuro e detesto, e que antes quero acolher-me á ignorancia das idades barbaras, que sim vendava a razão para que não visse, mas não entalava o coração para que não batesse. [1]

Se é regra que não devem enroupar-se muito as creanças nem augmentar-se demaziado o calor artificial; é regra que tambem tem grandes excepções. Muitas creanças nascem antes de tempo e vivem e avigoram; mas quando nascem, vem acanhado e mal desinvolvido o feto. N'esse caso é necessario dobrado calor artificial, e por certo tempo em um grau de temperatura muito proximo ao do ventre materno, que antes de tempo o lançou de si. Mas ainda nos casos ordinarios é preciso muito calor nos primeiros dias, e excessiva cautela no modo de o ir gradualmente diminuindo.

Proporcionando o estado da atmosphera ao

[1] Porque razão se tomou como postulado que *Emilio* fosse sadio e robusto? Eu queria-o enfermo e debil para o ver restaurar ao vigor e á saude pelos esforços da boa educação. O livro ficava mais difficil de escrever, mas quanto mais util não seria!

estado do infante, tendo-se cuidado com as digestões, sem as accelerar por estimulos artificiaes, nem as retardar por excesso de alimento, ou as perturbar por desregrado d'elle ou por qualquer outro modo, — no resto deixar trabalhar a natureza, que sabe mais do que todos os sabedores da terra.

Postoque, segundo observei, a educação moral não póde propriamente começar antes do segundo periodo da vida, a puericia, ha coisas todavia que ja devem da primeira infancia ir-se dispondo. Não ha ainda crepusculo de razão no infante, mas ja ha instincto : e ja sôbre o instincto se deve ir, não edificando, nem siquer abrindo os alicerses da educação moral, — mas « riscando o plano da futura construcção. » Logo do berço se manifestam ás vezes indoles imperiosas e duras, ainda no berço se estragam com « vontadinhas » e nimias condescendencias, ou se irritam com maus modos e asperezas, que a razão aïnda não pesa, mas que ja o instincto sente. Ha creanças de quatro e cinco mezes que ja « choram de más », segundo phrase de amas, — ja se torcem e gritam de voluntarias.

O tractamento uniforme, a igualdade no humor, nos modos, até na expressão do rosto, (linguagem que tanto e tam bem intendem os olhos das crianças, quasi apenas abertos) da mãe ou da ama, — não caricias interpoladas de ralhos e até de ameaças — como eu ja vi a muitas mães loucas — mas uma brandura inalteravel perenne, e que seja como o «ambiente moral» do coração do infante, tam constante e regulado, como para o corpo deve ser o ambiente moral da atmosphera — sempre no mesmo grau do thermometro; n'estes sos preceitos se contém toda a lei.

O auctor do Emilio não julgou abaixar-se em fallar de coisas tam pequenas como dos brincos e joguetes que se dão ás crianças no berço: — porque o julgaria eu? Elle prefere ramos de árvores florídos ou fructescentes aos guisos de ouro ou de prata; a tudo quanto é artificial o natural: e estou que tem razão. Eu porei n'este capitulo os relicarios, os signos-saimões, as figas e todas essas brucharias idólatras, com que do berço se accostumam os meninos á superstição, que, ou arraigada depois os fara fanaticos, ou confundida por sua

joven razão — quando lhes vier — com as verdadeiras prácticas religiosas os fara descridos e atheus. A um d'estes dous perniciosos resultados — não sei qual peior — vão de tam cedo encaminhando taes ridicularias absurdas.

Ha quem diga e quem escrevesse que o banho é necessidade artificial de que se não póde dispensar o corpo logo que a elle se accostumou, mas á qual podia muito bem deixar de se affazer. Eu tenho para mim que o banho é necessidade natural. E assim como Rousseau clamando contra o desnatural costume de ligar os infantes, invoca o instincto dos irracionaes contra a razão transviada do homem, eu interpellarei tambem esse instincto e perguntarei quem vai ensinar os animaes ao meio das selvas e dos desertos a banharem-se tam freqüentemente. Será arte ou natureza, a que lhes crea ou faz sentir essa necessidade? E observe-se que os animaes menos villosos ou pelludos, cuja epiderme semelha mais á nossa, são os que mais sentem a precisão do banho, e que mais o buscam. [1]

[1] O elephante cuja pelle nua é tam propensa á

Por outro lado é certo que o costume, infelizmente mui vulgar, de ir diminuïndo a freqüencia dos banhos com o crescimento da idade, e até de os cessar absolutamente [1] em annos mais feitos, é perniciosissimo, e causa de muitas molestias e achaques aos quaes se ignora e emvão se buscará outra. Não sei se, mal por mal, sería melhor nunca os haver banhado: fôra anabaptismo — se não é irreverente a metaphora — menos prejudicial talvez.

A infancia é estado de incessante padecimento para as creanças e de anxiedade contínua para os paes. Apenas os primeiros riscos vão passados, eisahi a dentição, crise perigosa quasi sempre, a qual raro infante, por sadio e robusto que seja, vence sem muito cuidado,

terrivel molestia que entre os homens obteve o nome d'aquelle animal, o elephante sente mais que nenhum irracional a necessidade do banho, e chega a fazer grandes caminhos no deserto para procurar esse remedio ou preventivo.

[1] Em Portugal é mui vulgar este sôbre todos perniciosissimo costume. Muitas das lepras e outras doenças de pelle que grassam pela Beira, particularmente, e outras partes são devidas a elle.

sem mais ou menos auxílio da arte. Tenho ouvido a declamadores, d'estes que «saüdaram da porta» a philosophia e a sciencia, e se crem ja admittidos a seu íntimo sacrario, [1] tractar de preoccupação affonsina tudo quanto não é deixar ir as creanças á revelia da natureza, «da pura, da simples natureza.» A arte dos homens, dizem, estraga, derranca, perverte tudo; as doenças, causa-lh'as ella, os defeitos ella; nem ha outro systema de educação senão reverter á natureza, restituïr ao estado primevo, etc. — E não se lembram que nós ja não nascémos no meio dos bosques, que ja nos não dá a enzinha o espontaneo sustento d'essas eras «tam felizes,» — que as nossas mulheres não vão, como as da ribeira do Ganges, do Amazonas ou do Cuanza, lavar-se nas bentas aguas d'esses rios logo sôbre o parto, — que ja nascidos de uma raça em coisas melhorada, em coisas empeiorada pela civilização, — reverter-

[1] Estou persuadido que nunca houve no mundo tanta sciencia como em nossos dias; mas tambem creio firme que nunca abundou mais em «sabios de mez e meio.»

mos agora ao estado primitivo e reduzirmos a educação ás simplicidades da natureza, fôra um anachronismo pernicioso, uma utopia ridicula, que não poderia ter outro effeito senão o de ermar as cidades e devastar gerações inteiras. Bem ou mal, estamos onde estamos; bons ou maus, somos o que somos; aonde e como achámos a humanidade, ahi e assim a havemos de tomar, d'esse ponto havemos de partir. Melhoremos, reformemos o que pudermos, cortemos até metter no são, mas nem de subito nem para alêm do possivel. Se tam mal está o enfêrmo como dizem, não seja o remedio tal que ja com elle não possa o doente.

A infancia termina com a semi-perfeita vida de relação: o que se não verifica antes de estar o homem no uso de seus membros para andar, mover-se, ministrar-se o alimento, — e da maxima parte de seus orgams para ouvir, fallar, sentir, etc. Mui cego e louco é o desvêlo dos paes que não tractam senão de anticipar este termo por todos os meios possiveis. Custa tanto a trazer um filho até o fim d'essa primeira epocha da vida, é tamanho o alvorôço com que ja de longe se olha para ella como

para a primeira meta, o primeiro pôsto de descanço na viagem do mundo, — que não admira ésta cegueira dos paes. Mas ella é perniciosissima. Nem para fallar nem para andar se deve forçar a natureza, sob pena de arruïnar, de assacinar talvez a innocente víctima de tam cruel preconceito. Os sons indistinctos com que a loqüella vem espontanea se irão distinguindo e formando com o so ouvir as articulações das pessoas grandes; e comtanto que haja cuidado de lh'os articular bem perfeita e claramente, a creança os imitará por seu unico instincto. Quasi todas as pessoas de falla viciosa, que não podem pronunciar certos sons, como o do *r*, do *t*, etc., tartamudos ou gagos ou ciosos ou pevidosos, foram em creanças forçados a articular antes de tempo, ou mal ensinados com as momices costumeiras das amas ou das mães.

Mais damnoso todavia é o tam geral abuso de forçar os infantes a andar antes do tempo. Quando seus musculos estiverem bem fornecidos, e sufficientemente endurecidos os ossos, e desentorpecidos os tendões e junctas, elle andará per si; começará engatinhando, logo pon-

do-se em pé, depois aventurando um passo, logo outro, até que ande. Os carrinhos, as rodas, os cestos, as andadeiras, toda a especie de meios artificiaes que o êrro vulgar costuma, não servem senão para estragar e arruïnar o corpo. De um modo lhe entortam as pernas porque as obrigaram a suster um pêso com que aïnda não podiam; de outro lhe comprimem o peito e offendem muitas vezes uma viscera tenra, que vem a ser de prompto ou pelo tempo adeante a causa de sua morte. Em summa, por algumas semanas (que importa que mezes sejam?) que a infeliz creança ande mais cedo, fica enfêrma ou defeituosa para toda a sua vida, que talvez não será mui longa.

Não fallarei dos muitos e mui sabidos auctores que n'estes pontos insistiram e que tam energicamente declamaram contra esses abusos communs; mas citarei ao concluïr d'ésta carta dous escriptores nossos que em linguagem nos deram talvez os melhores tractados practicos de educação physica que existam, e que reüniram com prudente escolha o optimo de quanto na materia se escrevêra em todas as linguas da Europa. Os dous breves, simples e excel-

lentes tractados dos D. D. Mello-Franco e F. J. d'Almeida [1] devem andar nas mãos de todos os paes e educadores: e não faria pequeno serviço á humanidade em Portugal quem d'elles extrahisse uma especie de cathecismo em phrase bem chan e intelligivel para que a todos chegasse, e podesse utilizar á larga. [2] Assim se salvariam muitas victimas das invencionices das amas, commadres, parteiras e benzedeiras e mezinheiras, e até de maus medicos e cirurgiões — de toda essa hoste de praguentas harpyas, que desde o ventre materno votam á infelicidade, á miseria e á morte os heivados renovos de nossa população.

[1] Estes tractados foram mandados publicar pela Academia de Lisboa, o primeiro em 1790, o segundo em 1791.

[2] Algumas pequenas coisas seria necessario accrescentar dos auctores mais modernos.

PARTE II

SEGUNDO PERIODO DA EDUCAÇÃO

DA PUERICIA Á ADOLESCENCIA

PARTE II

Puericia

CARTA TERCEIRA

II.º Periodo da educação, da puericia á adolescencia: educação moral: primeiros e leves principios da educação intellectual; alphabeto, zoologia, botanica, chronologia, — linguas, — geographia: educação moral; habitos de ordem e aceio, — mimos e caricias maternas: — complementos da educação physica; gymnastica.

MINHA SENHORA,

Agita-se-me nas mãos a penna de mal-soffrida impaciencia, e quizera voar bem ligeira sôbre estes preliminares de meu assumpto: tarda-me chegar ao ponto em que ja V. Ex.ª se acha da sua gloriosa tarefa. Ha muito que a sua Augusta educanda passou os limites da primeira epocha da vida; ja vai deixando após

si os da segunda; e entrada agora na esperançosa adolescencia, ricca de saüde, de excellente indole e não commum ingenho, offerece aos talentos e zêlo do educador um terreno fertil para a mais bella cultura. Esse é o periodo que em menos enfada, porque mais promette, a educação. Mas é forçoso conter o desejo e a vontade; e para que possa chegar bem e directamente ao presente, não tenho remedio senão demorar-me aïnda pelo passado. Alêm de quê, póde haver defeitos no que ja está feito, e acaso por aqui se emendará algum d'elles.

Deixámos o nosso pupillo nos ultimos dias da infancia: ja anda, ja se alimenta, ja articula sons, ja os liga em palavras, ja começa a formá-las em phrases e a ensaiar orações. Desde esse momento a infancia acabou: quem fórma uma phrase, formou antes um juïzo; e á primeira operação do intendimento o infante entrou na puericia.

Ei-lo na segunda epocha da vida; e ja a educação moral dando o braço á do corpo, e ambas procurando accelerar o periodo em que entre sua poderosa auxiliar, a intellectual, que perto vem, de perto as segue, mas não ousa

inda mostrar-se porque não seja atempado e perdido o fructo do que antes de sazão floresceu.

Ao livre exercicio, á continuação dos habitos regrados, aos jogos e brincos que a educação physica prescreve para desinvolvimento do corpo e boa formação de todas suas partes, ja a educação moral vem manso e manso e sem ostentação juntando seus preceitos e estabelecendo seus principios no coração tenro e limpo do educando.

Ésta é a idade das perguntas; idade tam galante, de tanta graça! Quasi que não ha creança feia n'ésta idade. Mas em que apertos, em que cêrco nos não põe ás vezes essa dialectica infantil com suas perguntas e reperguntas, e as razões que querem saber de tudo, e as razões das razões? [1] É preciso formar um systema simples e claro do modo de lhes responder

[1] Veja sôbre este ponto o excellente e precioso livro de Madame Campan, intitulado *De l'Education* (L. II, c. 4). Creio que nunca se escreveu na materia obra mais util e acabada. Madame Campan foi muitos annos superintendente ou directora da célebre casa de

e de raciocinar com elles; não lhes dando nunca senão muito exactas e verdadeiras noções das coisas, pois que no minimo que d'aqui se discrepe, taes illações e conseqüencias elles irão tirando, que nos trarão a ponto em que ja não seja possivel responder-lhes, porque a primeira resposta que lhes démos não era exacta e verdadeira, e todo o artificio da idade experiente não resiste á ingenua mas valente simplicidade de um argumento de creança, que é todo natureza e verdade.

Folgando e conversando, — que n'ésta idade o palrar não é pequeno divertimento para elles — se deve ir ensinando tudo o que em tal epocha da vida se ensina. Não ha inda licções nem horas para ellas; o dia todo é uma licção. O educador esteja sempre alerta, e não deixe escapar uma occasião de ensinar alguma coisa ou de rectificar outra; mas não a force elle essa occasião, e quando a faça nascer porque

educação d'Écouen; e especialmente sôbre a educação feminina, suas observações prácticas, seu systema n'ellas fundado, deixa pouco a desejar, principalmente na parte physica e moral.

muito convenha, seja com tanta naturalidade que pareça puro acaso: porêm melhor será que a deixe presentar de si, que lhe não fuja quando vier, mas que a não obrigue a que venha.

Até nos approximarmos do fim d'este periodo e ja quasi ás raias da adolescencia, eu limitaria toda a educação moral e os leves principios da intellectual a ir ensinando éstas ideas simplices, e noções bem claras das coisas e suas relações. Assim se iriam combinando com os principios moraes gravados no coração, as sementes primeiras do ensino lançadas ao espirito sem apparato, — e, para assim dizer, instruïndo-se o pupillo sem o elle saber. Se o corpo ja não é infantil, o espirito inda o é: ja anda o menino livremente, mas seu intendimento aïnda engatinha; não lh'o façamos rachitico forçando-o antes do tempo a exercicio com que inda não póde; ganhe fôrça e elasticidade, e suas operações, embora mais tardas, serão mais perfeitas.

Não sou grande apaixonado de um methodo de ensino que ultimamente tem prevalecido pela Europa e que tanto recommendou Madame de

Genlis, — fallo do ensino primario por meio de brincos e bonitos. Digo que não sou apaixonado do excesso a que se tem levado, porque usado com moderação e prudencia, póde ter bons resultados. Um menino deve conhecer o alphabeto aos tres annos, ligar as lettras e soletrar bem aos quatro, e ler correntemente aos cinco para seis annos. Não ha hypothese nenhuma em que se devam accelerar estes periodos, ha muitas em que se devem retardar um e mais annos, principalmente quando se leze com ésta, aïnda que levissima, applicação a saüde do menino, por mui pouco, por mui tenuemente que seja. N'ésta idade é conveniente methodo de ensino aquelle de que fallei. [1] Ha uns jogos para fazer conhecer e ligar as lettras e as syllabas, folgando; outros para a

[1] Este methodo é quasi ignorado em Portugal, mas creio que so la. Em todas as coisas que não requerem senão memoria este meio de a formar artificial é preferivel para creanças. Consulte-se sôbre o ponto a Mesdames de Genlis e Campan. A primeira exagerou acaso as utilidades de um methodo, que todavia se não deve desprezar porêm usar com prudencia.

chronologia, etc. Com iguaes brincos em estampas se deve ir ensinando a zoologia e botanica vulgares, sem mais idea de classes, generos ou especies que a de lhe ir fazendo notar os pontos de similhança mais salientes que ha entre animal e animal, entre flor e flor, paraque na idade conveniente o methodo das classificações ache noções dispersas que reünir, e sufficiente base para seu systema.

Na puericia começará tambem o estudo das linguas vivas, não por livros ou grammaticas, —Deus nos livre de tal methodo! — mas pelo natural e mechanico de lhes ensinar palavras e phrases, de fallar com elles, de os fazer fallar. Todos aquelles a quem para isso chegam meios não se devem poupar á despeza de uma aia ou ama, ou aïnda criada a quem seja natural a lingua que se pretende ensinar: boa pronúncia e accento so assim se podem adquirir em païz estranho.

Para um portuguez acconselharia que a primeira lingua que se lhe ensinasse fosse a alleman. Sua construcção é difficil, mas a pronúncia não o é tanto, nem tam caprichosa como a ingleza; e um habitante do Sul que souber o

Allemão [1] está habil para apprender com pouco estudo todos os dialectos teutonicos, e mais facilmente adquirirá todas as linguas do Oeste que do Teutonico e do Latim principalmente são formadas, como a ingleza, etc. [2]

Na idade de que fallâmos tam difficil é apprender o allemão como o inglez ou francez: e porque se não hade approveitar ésta epocha *unica* para ensinar o que no futuro causaria muita pena e trabalho, e que, apprendido agora quasi sem custo, hade servir de tanto? Por este methodo poderá um mancebo fallar aos desoito annos muitas linguas e intender muitas mais,

[1] Todas as linguas cultas da Europa pertencem a quatro grandes familias, a grega, a latina, a esclavonia, a teutonica. De cada-uma d'éstas familias descendem *por varonia* os idiomas que se fallam pelos povos que inda formam nação. Porêm os diversos casamentos e allianças de cada-uma d'aquellas quatro entre si, e com o Celta e o Arabe, produziram as diversas modificações que hoje fallâmos, de portuguez, castelhano, italiano, — talvez o francez — na familia latina; de allemão, hollandez, sueco, etc., na teutonica; de russo, pollaco, etc. na esclavonia; e finalmente dos dialectos cultos do grego-moderno na familia grega.

[2] De todos estes idiomas o que tem feições e cha-

com perfeição tal que so para uma d'ellas lhe levaria muitos annos de estudo. [1]

Em França prevalece hoje muito o costume de ter aias (bonnes) inglezas para ensinar sem trabalho ás creanças ésta lingua difficilima. Quanto melhor não sería tê-las allemans? Os resultados foram dobrado vantajosos.

Não deve tampouco esquecer ir dando ja n'ésta idade as primeiras noções geögraphicas, mas sem livros, sem estudar de cór. A geögraphia é uma das coisas que precisa saber-se bem e estudar-se com muitos principios; mas

racter menos *pronunciado* e do qual se póde mais duvidar e questionar de que varonia descenda, é o inglez: tantos elementos entram em sua composição, derivados por tantos cannaes, e conservando cada-um d'elles ainda hoje sua fórma primeira, ou a do molde por onde passou antes de vir á lingua britanica. Todavia creio com Madame de Staël que a physionomia teutonica, ou saxonia, é a mais distincta e positiva no ainda não bem moldado rosto do dialecto inglez.

[1] É manifesto que quem quizer apprender o inglez, o hollandez, o sueco, etc., hade levar n'isso muitos annos: mas bem sabido o allemão, éstas diversas modificações se adquirirão facil e brevemente.

isso virá a tempo: agora não se tracta de fazer um cosmographo perfeito com bons fundamentos astronomicos, que tanto precisa para o ser; pretende-se ir ajuntando cabedal de ideas simples e precisas aïnda que não methodicas, adquirindo dados e bases sobre que venha a repoisar a anályse futura, que por bem intendido methodo levará depois o educando á formação de um systema regular de cada um dos diversos ramos dos conhecimentos humanos [1]. Assim mesmo éstas primeiras noções devem todavia ser exactas: e n'este caso da geögraphia é indispensavel que o primeiro objecto que se offereça aos olhos do menino seja um globo de sufficiente diametro para que elle conceba bem a fórma do nosso planeta e a maneira por que os mappas o representam todo ou secções d'elle. Pouco a pouco se lhe fará

[1] Começar ensinando ás creanças os elementos das sciencias por compendios methodicos e regulares com todo o apparato da phraseologia de cada sciencia, tem entre outros inconvenientes, o de os fazer pedantes e impostores, e mais desejosos de alardear sabença que de adquirir sciencia.

comprehender sem custo como o mappa descripto no globo se póde «projectar» em uma carta plana; — e assim progressivamente, até que venha idade em que elle possa e deva ler e intender os livros de geögraphia, e estudar pelos mappas parciaes e mais circumstanciados. [1]

Á proporção que este periodo da idade se adeanta vão crescendo os cuidados da educação e multiplicando-se os objectos que ella tem de zelar porque mais e mais se vão complicando, e entrançando a parte moral e intellectual d'ella sem comtudo acabar, postoque dê menos solicitude a parte physica.

Agora vai apparecendo mais a indole e temperamento do educando, agora é preciso começar a reprimir os de character vivo e fogoso e a excitar os de natureza pesada e inerte. O hábito do aceio, da ordem, da regularidade, só

[1] Todo o rigor do methodo analytico deve ser applicado ao ensino da geögraphia. Os livros, os compendios, os dialogos, que vulgarmente se usam, não ensinam senão por synthese e deviam ser inteiramente proscriptos, isto é, do primario ensino.

n'estes annos tenrissimos póde bem imprimir-se. Deitae o vosso pupillo, levantae-o á mesma hora; seja uma sempre e certa a hora do banho, do passeio, da comida, da oração; — e não temais que elle perca em annos feitos o costume da regularidade em tudo. Mães que educais vossos filhos, não os beijeis, não os acaricieis quando por desmazêlo e incuria vos apparecerem sujos e desamanhados; e sem ralhos nem asperezas nem outros castigos elles contrahirão o hábito da limpeza.

Se bem conhecessem as mães quanto valem as caricias maternas, quanto as appreciam os tenros corações de seus filhos, se ellas as soubessem graduar e empregar sem capricho nem cegueira, nenhum meio mais forte e seguro para pena ou premio teria a educação. A mãe que amimalha seu filho sem razão nem juïzo porque lhe deu na phantasia e se acha de humor de brincar com a creança — como uma creança póde fazer com a sua boneca, — essa infeliz está perdendo o filho, e esperdiçando os dons de Deus e da natureza, que para tam differente fim orvalharam nas caricias maternas o manná salutar do deserto, e puzeram

nos beijos de seus labios o mel da suavidade e o balsamo de todas as feridas do coração. A mãe que n'um momento de capricho ou de mau genio repulsa o innocente com cholera ou fastio, que fatal, que irremediavel golpe não deu na moral de seu filho! — Perguntem-lhe d'ahi a meio seculo, se lhe esqueceu essa injustiça cruel — e por entre as rugas da frente crespa de annos e trabalhos aïnda apparecerão as que primeiro lhe franziu na liza e descuidada testa aquella primeira e tam sentida injustiça.

Ah! quam differente a mãe que ameiga e acaricia seu filho quando elle o merece, — que sem íra nem genio o affasta sisudamente de seus abraços quando é preciso corrigil-o assim! Com so essa recompensa ou privação, ensina-lhe mais, educa-o melhor do que os pedagogos do mundo desde Aristoteles até J.-Jacques.

Não esqueça porêm, tórno a repetir, no meio de todos estes cuidados do intellectual e moral da educação, que aïnda está incompleto e imperfeito o physico. É meio d'esse complemento, e coroa d'essa perfeição a gymnastica. N'ésta mesma idade deve ella já começar, mas começar por suas mais naturaes e faceis especies.

Desde a simples carreira, a lucta, etc., até a eqüitação e esgrima comprehendo tudo na generalidade de gymnastica: porêm seus exercicios principiam na puericia e acabam, isto é, aperfeiçoam-se na virilidade. A carreira vem na puericia; antes de bem vigorosa adolescencia não deve começar a natação ou a lucta e que taes; so na puberdade deve ter princípio a eqüitação, so na virilidade a esgrima.

Todas éstas prendas corporaes são uteis e necessarias no decurso da vida, são elegantes e a ornam, mas sôbretudo formam, desinvolvem e avigoram os diversos musculos e partes mais nobres do corpo, se practicadas em proprio tempo e quando o corpo estiver maduro para ellas.

Na idade em que estamos, a puericia, é por ora a carreira o unico exercicío gymnastico que se deve permittir ao educando; para o fim do periodo, os jogos do volante e iguaes: tudo o que for mais violento será perigoso sempre e contraindicado.

Mas já com o addiantamento d'este periodo se vai alargando tanto o meu assumpto que não cabe nos limites d'ésta carta. É principal-

mente consagrado este periodo aos fundamentos da educação moral:[1] hei mister subdividi-la em seus diversos ramos, e tractá-los separadamente.

[1] Não esqueça que digo *principalmente* e não absolutamente, porque a educação é uma e indivisivel.

CARTA QUARTA

Continúa o II.º periodo da educação, da puericia até á adolescencia: — educação moral; religião, perigos que se devem evitar n'este ensino, — idea de Deus, como se deve fazer sentir, — primeira oração, — culto — religião revelada, ceremonias religiosas, — moral da religião, como ensinada, — charidade, tolerancia, etc.

MINHA SENHORA,

Temos o homem physico em bom caminho de perfeição; apenas está gerado o homem intellectual, e só recemnascido o homem moral. Deixemos por agora os dous primeiros, e analyzemos com alguma ordem o último.

Disse, e creio que provei, que todas as virtudes se deviam reduzir a uma so, primeira e capital, para simplificar a difficil tarefa da edu-

cação moral. Bem comprehendida do espirito e bem arraigada no coração do educando a justiça como princípio unico e geral, ficará mui simples e facil trazê-lo ao conhecimento e amor de todas as outras virtudes, que não são, em rigor, mais do que especies d'ella, — antes, denominações diversas que á justiça damos em suas variadas especies, ou segundo os diversos objectos a que applicâmos aquella virtude.

Do modo de fazer ésta deducção, e do como é perfeitamente practicavel este systema, creio ter sufficientemente ditto, em geral, na minha primeira carta. [1] Porei todavia aqui mais um exemplo, isto é, accrescentarei mais uma demonstração.

Todos os objectos, todas as circumstâncias, todas as occurrencias devem servir ao educador de thema para suas licções, e especialmente para as moraes. Passeia n'um jardim alheio com o seu pupillo, ve-o querer lançar a mão a um fructo, a uma flor que seja; e eis-ahi a

[1] Veja cart. I. Parte primeira, pag. 15 a 23 d'ésta obra.

occasião opportuna de lhe fazer conceber uma idea da propriedade e do respeito que se lhe deve, por outras palavras, de lhe ensinar a applicação da justiça a este dever social.

— « Não colhas essa flor. » — « Porquê?... se ella é tam bonita! » — « Porque não é tua. » — « Mas em eu a apanhando... » — « Não fica mais tua por isso. » — « Porquê? — « Porque o dono d'este jardim cultiva as suas flores para si e não para nós. Se elle fosse ao nosso jardim e nos apanhasse as nossas, de sorte que quando fossemos passear as não achassemos, gostarias d'isso? » — « Não. » — « Pois o mesmo diz elle: e o que não queremos que nos façam, não devemos fazer aos outros. »

Licções d'éstas convencem, e porque convencem, nunca esquecem.

Por estes e similhantes meios, e approveitando iguaes occasiões se deve ensinar toda a moral práctica, e applicar o grande princípio da justiça a toda a extenção e variedade do que se comprehende nos chamados « tres officios. » [1]

[1] O que nas escholas chamam *tres officios*, é, como todos sabem, as tres divisões do codigo moral,

Todas essas coisas porêm são faceis de ensinar com qualquer mediocre geito, uma vez que haja boa vontade e zêlo da parte de quem ensina. Mas tocâmos agora n'um periodo d'ésta idade em que o mais difficil ponto da educação se appresenta deante dos olhos do educador, — estreito perigoso e cheio de syrtes, que elle anceia por ver passado, e todavia estremece no momento de se lhe approximar.

Tractâmos de religião.

Paes, mães, educadores, que amais vossos filhos e pupillos, tremei de perder agora todo o bem que fizestes, de arruïnar e destruïr desde ja todo o que podereis fazer. Agora é a crise, agora ides lançar na massa asma da educação o fermento que a levedará em saüdavel e saboroso pão de vida, ou azedará para sempre em alimento de corrupção e veneno.

Procedei com tento, e com o prumo na mão como avisado mareante em costa mal segura e de baixios.

Guardae-vos de ensinar prácticas religiosas,

deveres do homem para comsigo, para com os outros, e para com Deus.

orações, a minima idea de culto, antes de ensinardes, de fazerdes « sentir » — não direi « conceber » [1] — a do objecto d'esse culto. Superstição e incredulidade são os dous precipicios que se cavam ao longo do estreito e fragoso caminho que subis com vosso educando. Ai d'elle se lhe deixais deslizar um pé! Ai d'elle se lhe appressais o passo e o fazeis tropeçar! A quéda — e quéda para não levantar — é infallivel.

Mas nem porisso deve tambem ser lenta de mais, e priguiçosa a viagem n'este caminho difficil.

A idea de um Deus Creador, que toda a natureza nos brada e proclama com tantas bocas quantos são os objectos da creação, ésta idea primordial de todas as religiões, coroa e chave de toda a moral, deve, o mais cedo que for possivel, ser inspirada á innocencia; — ou, mais exactamente, deve para ella ser guiado seu tenro coração.

[1] Ha muitas coisas que a alma sente e que o juizo não concebe: em que pêze aos materialistas puros, n'isto tem razão a eschola de Kant.

Tenho para mim que a consciencia de que existimos (a qual, se não é innata, é idea comnata do homem) traz annexa estoutra idea, — de que alguma coisa nos fez existir. As primeiras sensações que recebêmos e de que nossos sentidos nos dão parte, são as da existencia dos diversos objectos que nos cercam e com que nos vamos achando em contacto. [1] Após este *facto,* que nós palpâmos, da existencia nossa e alheia, vem logo o desejo de indagar o como existimos e como existiu o que nos cérca.

Uma das primeiras perguntas que faz toda a criança é de — « como veio ao mundo, de donde nasceu elle? » As costumadas respostas de que — « o menino veio do norte, sahiu de traz da orelha » [2] — e outras quejandas ridicu-

[1] Examinae um infante apenas começa a cobrar uso de seus membros, vereis como repara, como observa e examina tudo: o tempo que d'ahi levam até raciocinar e fallar, estão colligindo ideas e fazendo cabedal de experiencias e observações.

[2] E tambem de « veio n'uma condecinha de Inglaterra: » taes são as respostas communs na nossa terra.

larias, é o com que vulgarmente se illude uma pergunta que forçosamente embaraça; mas são éstas mentiras habituaes as com que se accostumam do princípio os homens a olhar a falsidade sem horror, e a considerar a verdade como uma obrigação com a qual se póde — com que talvez se deve transigir. Antes não lhe responder de modo nenhum do que responder-lhe com mentira. Antes dizer-lhe abertamente que são coisas que meninos não intendem. Alêm de quê, nenhuma creança acredita ou acredita por muitos dias n'aquellas petas insulsas. Deve-se-lhe dizer a verdade: no « como » e no « até onde » vai a prudencia. Copiarei aqui o que a este propósito escreve Madame Campan: [1] « É preciso saber responder (ás creanças) de modo que lhes accalme a imaginação em vez de lh'a excitar. O que mais os occupa, apenas reflectem, é querer saber como vieram ao mundo. Não se póde contentar muito tempo ésta curiosidade com lhes dizer que se acham os rapazes nos repolhos do quin-

[1] V. De l'Éducation par Madame Campan Liv. II. chap. IV.

tal, e as meninas entre as roseiras. [1] Não tinha mais que seis annos quando uma pequenita viva e esperta respondeu a sua mãe: « Eu ja bem sei pela *Ave-Maria* onde é que estão as crianças antes de nascer. » — Eu (Madame Campan) achei-me sempre bem com responder áquella pergunta, que o parto era uma operação cirurgica mui dolorosa, e que as mães quasi todas chegavam a perigos de perder a vida para a dar a seus filhos: éstas palavras de *operação* e *cirurgia* aterram-os e lhes accalmam a imaginação. Elles sabem muito bem que se lhes não explica o modo por que se faz a amputação de um braço ou de uma perna, coisa de que a miüdo ouvem fallar; de modo que não insistem em mais perguntas, e a idea de que seu nascimento ia custando a vida a sua mãe os enternece etc. »

A excellente educadora, que citei, ensina ésta resposta como meio seguro de corrigir ou reprimir a curiosidade importuna das crianças: eu inda a avalio mais como unico meio possivel de lhes fazer conceber decentemente a suc-

[1] Allusão ás respostas communs em França.

cessão da creação, a idea de uma primeira creatura e, por conseqüencia, a de um Creador.

Sentida a idea de um Deus Creador, que facil é fazer sentir o amor e respeito ao Ente supremo, cuja expressão é a religião e seu culto!

Mostrae-lhe o grande templo da natureza, em que toda reverbera a imagem d'esse Deus. Levae-o pelos campos ao alvorecer da madrugada: admirem seus olhos o matiz, respire seu olfacto o aroma das flores, gose seu ouvido o gorgeio das aves e o murmurio das aguas, regale seu padar o sabor dos fructos e a frescura das fontes; contemple da altura dos montes o espectaculo risonho d'esses prados e d'esses bosques, do fundo dos valles o aspecto sublime d'essas magníficas serranias; — olhe para esse orbe de luz e magestade que vem pelo firmamento espalhando a vida e a alegria do universo!... Ou levae-o pelo silencio da noite, talvez mais eloqüente aïnda: mostrae-lhe esse brilhante recamo d'estrellas sôbre o azul do ceo, esses planetas regulares volvendo-se sôbre seu eixo, ou movendo-se em sua orbita, essou-

tros astros brilhando fixos pela vastidão da esphera.... E dizei-lhe: tudo isto creou o teu Creador, de todas éstas bellezas e commodos adornou o mundo em que te collocou: — e o sentimento d'esse Deus Creador e bemfazejo trasbordará em seu coração agradecido, suas mãos se erguerão naturalmente para o ceo, e a primeira oração, muda — mas que fervorosa e ungida! — deixará uma impressão religiosa tam profunda em sua alma, que nem toda a devassidão do mundo, nem toda a dialectica dos sophistas, — delirá, não digo, — mas nem siquer escurecerá por um momento.

Se n'este estado de exaltação, em que seu coração se abre a todos os sentimentos de amor e adoração, e sua imaginação se eleva da contemplação das maravilhas da natureza até ás grandezas de seu auctor, lhe ensinardes então pela primeira vez, aquella tam simples e tam eloqüente oração dominical, apprendê-la-ha seu coração, primeiro que sua memoria, [1] e quan-

[1] A oração dominical ou o *Padre-nosso,* além dos motivos de crença que a fazem veneranda, é em si mesma a oração mais sublime e perfeita que ha em

do a repetirem seus labios, não será com a distracção e mechanica indifferença com que, da infancia em que a não intendem, até á velhice em que o longo hábito a fez ja indifferente, a repete a maxima parte dos homens.

Fortifiquemos bem no coração do nosso pupillo a religião natural, a que os sentidos sentem, que a razão facil concebe; e o mysterioso e difficil da religião revelada achará muito mais base. Faça-mo'lo primeiramente religioso, depois o faremos christão: tentae ambas as coisas a um tempo; não será nem uma nem outra.

Não o leveis de pequenino á igreja assistir a longas ceremonias religiosas, que se o não enfadam, so lhe divertem os sentidos emvez de lhe edificar a alma: [1] guardae-vos muito d'esse êrro e de affogar por tal modo a religião nascente no coração do vosso educando. Fazei-lhe

todas as religiões e cultos do mundo. Por ella so, bem explicada, se podia ensinar todo o christianismo e sua moral.

[1] Não direi que sempre e infallivelmente assim acontece, mas é tantas e tantas vezes, que a applicação não sería grande.

*

antes considerar como uma prerogativa o assistir á celebração dos actos do culto e communicar na congregação dos fieis, — como uma prerogativa antes que como uma obrigação, como um direito antes que como um dever. Fazei-lhe desejar o gôso d'esse direito, pintae-lh'o (e não o enganais) como um premio que elle deve conseguir por seu bom procedimento, e de que deve ser excluïdo quando por suas más acções for d'elle indigno. E como vos parecer que o podeis admittir a esse que elle certamente considerará distincto favor, não hesiteis em o privar todavia d'elle quando por faltas graves for necessario grave castigo. A importancia, a alta consideração que por este meio se ligará aos actos do culto, lhe imprimirá um respeito e veneração religiosa que por nenhum outro meio se consegue; salvo pela superstição e fanatismo, — os quaes certamente o farão grande respeitador e zelador das ceremonias religiosas, porêm *nada mais* lhe hãode deixar de religião.

Da superstição, mais que de nenhum outro perigo, deve tremer o educador, que se lhe não involva no manto da religião e usurpe o logar

d'ella no coração de seu pupillo. Se chegar a occupá-lo, difficilmente a farão sahir, ou quando saia, lh'o deixará ella em estado que a religião o possa tornar a habitar. Nunca! A superstição é cancro pertinaz e de profundissimas raïzes, que so arranca a mão desalmada e crua da impiedade. A miüdo se vai de supersticioso a incredulo, a verdadeiro religioso jamais.

Porêm de que serve a piedade sem a charidade? ou antes, póde aquella existir sem ésta? — A religião consta de ambas, e a religião de Christo especialmente, essencialmente. Quereis que vosso filho seja um bom e verdadeiro christão? Não lhe ensineis cathegoricamente os principios d'essa religião, não lhe digais que ella é boa porque é divina, mas que é divina porque é boa. O methodo que seguiu o illustre Chateaubriand para a controversia, [1] adoptemo'-lo nós para a educação, que aïnda melhor lhe quadra.

[1] V. o que a este respeito diz e como desinvolve este principio Mr. de Chateaubriand em sua obra do — *Génie du Christianisme*.

Não lhe digais, por exemplo, que o christão deve soffrer com resignação e paciencia os trabalhos da vida porque lh'o manda sua religião. — Não! difficil ouvido e crédito heisde encontrar com esse preceito. Mas levae-o aos sotams da indigencia, ao leito da dor, á camera do annojo e padecimento, fazei-lhe observar o confôrto unico d'esses varios infelizes, — como seus olhos se alevantam para o ceo, e encontram no refúgio da religião consolações que tudo o mais lhe nega; — veja elle como na resignação em Deus, na paciencia com que por elle soffrem, acham seu unico allívio, — e dizei-lhe então que a religião manda soffrer com resignação e paciencia, porque é mãe amorosa e desvelada que nunca manda nem aconselha senão para bem nosso.

A quem por este methodo se ensinarem os mandamentos da lei, nunca os hade esquecer nem descrer.

Eu não posso demorar-me sôbre cada-um d'estes pontos, como em alguns desejava, porque não é meu plano descer a miüdezas, mas talhar por grande. Não escrevo para os educandos mas para os educadores; e para esses

é melhor indicar muitas especies do que desinvolver muito algumas poucas: e se éstas cartas poderem servir de repertorio ou index geral da educação, darei por conseguido meu fim capital e presupposto.

Não ennumero cada-uma das virtudes christans que no coração do pupillo se devem gravar; apontei aquella para exemplo do methodo, e agora especializarei tambem outra, da qual, por sua excellencia, particular menção deve ser feita.

A charidade é a primeira virtude christan; e a primeira especie das muitas em que a charidade se divide, é a tolerancia. Maus servidores do altar a que se consagraram, maus zeladores do culto que pretendem defender, quizeram desherdar o christianismo d'ésta virtude toda sua. Para si a reclamou a philosophia moderna; mas — sem fallarmos no mal que a exerceram a maxima parte d'esses philosophos — ella tampouco é sua. A tolerancia faz parte essencial do christianismo; a seita que a eliminar de seu crédo é tam christam como será mahometana a que proscrever a intolerancia. Quando o Evangelho se parecer com o Al-ko-

ran, então será christão o intolerante, ou mahometano o tolerante. Christo mandou prégar sua lei e convencer com palavras de paz; Mahomet mandou-a impor com o alfange. Christo disse a seus discipulos: «Ide e prégae aos homens para que creiam e sejam salvos.» Mahomet disse aos seus: «Ide e passae á espada todos os que não quizerem crer.» Se os discipulos do propheta de Mecka relaxaram de seu mandato e foram algum'hora tolerantes, e quizeram prégar sem sabre foram maus e falsos musulmanos: os que professam a lei de Christo e a pregam com a espada, o que serão?...

Ser christão e ser tolerante são ideas correlativas e coisas inseparaveis. E tenha bem cuidado o educador que lhe não escape a occasião de inculcar, de fazer sentir estes principios ao seu pupillo. Mame-os com o primeiro leite do christianismo porque d'elle são. Nem aguarde o mentor descuidado que venha a philosophia ensinar-lh'os depois, e fazer-se gala d'essa virtude que não é sua. O indifferentismo religioso, e até a impiedade, de que tanto se queixam em nossos dias, nasce d'aqui: ho-

mens a quem não ensinaram ésta e outras virtudes christans, ou a quem as não ensinaram como taes, ou (que peior e não raro é) a quem por christans virtudes ensinaram os contrarios vicios — chegam a idade mais feita em que a philosophia lhes préga contra esses abusos e lh'os confunde, ou os confundem elles, com a propria religião, — homens taes como não hão de voltar-se incredulos, e quando menos, indifferentistas? Tivesse-lhes a religião prégado essas virtudes como suas que são, — e que viesse o philosophismo reclamá-las depois, ou declamar-lhe contra ella.

Mr. de Chateaubriand diz em sua obra immortal do *Génie du Christianisme* que nada tinha em commum com os philosophos senão a tolerancia. O sentimento é louvavel e christão, mas a expressão é inexacta. A tolerancia do christão é muito mais sublime e philantropica do que a do philosopho; a do christão faz parte de sua charidade, a do philosopho de sua indifferença. A tolerancia philosophica consiste em não perseguir os que pensam ou obram de differente modo; a christan vai muito mais alêm, porque os deve servir, amar, e guiar se

possivel for. Amar o proximo é charidade e é philantropia, e portanto commum ao philosopho e ao christão; mas amar aînda os proprios inimigos é tolerancia transcendente que so tem o christão e que o philosopho desconhece. [1]

[1] O christão póde ser philosopho, e o philosopho christão: não se excluem as duas coisas: mas consideram-se em abstracto para se intenderem bem e como se distinguem.

CARTA QUINTA

Continuação da mesma materia; religião do principe. Maiores perigos que ha e maiores cautelas que se devem tomar na educação religiosa de um principe; exemplos na historia de Portugal.

MINHA SENHORA,

Vamos pela primeira vez fazer applicação particular de nossas generalidades á especie da Augusta educação que me fez lançar mão da penna para pôr em algum arranjo os apontamentos diversos que na materia tenho feito e que por essas cartas distribuï.

Do que temos tractado quasi tudo convem aos dous sexos, e tudo ás duas absolutamente

distinctas posições sociaes de subdito e Soberano.

Porêm n'este alto e transcendente objecto de religião não posso contentar-me com dizer a respeito da educação do principe o que certamente bastaria á do subdito.

Minha Senhora, a esphera em que nós subditos nos movêmos é mui differente da em que se hade mover a sua Real pupilla. Tanto cahiremos nós com ella, é certo, se mal dirigidos; mas a nossa quéda não tem as conseqüencias que a sua hade ter.

Um Soberano irreligioso é a maior calamidade que póde desabar sôbre um povo. Mas a superstição e o fanatismo são tam negativos de religião como a impiedade, — ou, por outras palavras, tam irreligioso é o atheu que na suberba de seu coração descrê de seu Deus, como o supersticioso que o insulta com seu culto de idolatria, ou o fanatico que o offende com seu zêlo criminoso. Se isto assim é em geral, que diremos da religião christan que é uma religião toda de coração e de espirito, toda de paz e de amor?

Os erros e crimes dos reis em materia de re-

ligião teem causado mais desgraças á humanidade do que nenhuns outros. Sem folhearmos volumes de fastos e chronicas antigas, temos por essas paginas aïnda abertas da moderna historia abundancia de fatalissimos exemplos para escarmento e terror. As Saint-Barthélemys e Dragonnades em França, as crueis perseguições de Inglaterra, as guerras civis de Hollanda e de toda a Allemanha, os horrores da Inquisição pelo Sul da Europa, são todas memorias vivas e frescas de que aïnda estremece a humanidade, e a religião se corre.

Mas é nosso proprio Portugal, tam feliz nos primeiros seculos de sua existencia, tam infeliz depois, um documento mais authentico, e para nós mais sensivel que todos os da alheia historia, do quanto a desvairada ou mal intendida religião dos Soberanos é o maior flagello e perdição da republica.

Desde Affonso Henriques, o grande fundador da monarchia, de quem aïnda hoje crê piedoso nosso patriotismo que de um Deus recebêra as Quinas de seu nobre escudo, até o afortunado Manuel que as fez arvorar com a cruz da Redempção nos mais remotos confins

do globo, — quem negará a ésta serie quasi ininterrompida de reis heroes e cavalleiros muita e mui zelosa religião? Mas sua religião era discreta e sem desvarios apezar da ignorancia dos tempos: e Portugal cresceu, medrou e floresceu. Affonso Henriques soube conter as pretenções exageradas de Roma com a mesma mão com que fundava e dotava Alcobaça; Affonso terceiro resistir ás censuras ecclesiasticas e negar-se á cruzada da Terra-sancta com uma solidez de principios e fôrça de razões, que ochalá vissemos nós tanta franqueza e deliberação em nossos estadistas do decimo nono seculo. Para que citarei mais exemplos, quando são de achar em cada pagina de nossa historia?

Mas veio D. João III., cujo espirito timorato subjugaram confessores arteiros, e antes sanguinarios sacrificadores dos altares de Baal do que ministros de um Deus de paz, — e a Inquisição voou com seu faxo exterminador desde o último occidente de Lisboa ate o último oriente de Goa, assolando e despovoando o vasto imperio dos Lusitanos, e accendendo no ânimo dos povos conquistados um odio e hor-

ror ao nome portuguez, que inda hoje não apagaram tantos seculos de liberdade d'elles e de oppróbrio e nullidade nossa.

Aos acenos do fanatismo, que se trajou das alvas roupas da religião, la foi enterrar nas areias d'Africa o malfadado Sebastião todo o resto de nossa glória, independencia e fortunas. Por escrupulos adrede fomentados por quem muito lhe importava, deixou o Cardeal-rei indecisa a questão da successão do reino, com o que abriu mais larga porta á usurpação castelhana.

Reconquistámos a independencia e dynastia legítima: mas quando iamos com alguma paz começando a recobrar de tanta perda, eisahi os supersticiosos conselheiros do bom Rei D. João V., que o cegaram para proveito d'elles e ruïna nossa, desmoralizando-se a nação, perdendo-se o melhor e mais puro da antiga religião, e convertendo-se ésta quasi toda na pompa exagerada das fórmas exteriores e n'um zêlo fanatico de perseguição, sem que nos sobrasse da verdadeira piedade e moral antiga, mais que o reflexo ou sombra.

Sangraram e doeram cruelmente as sarjas e

cauterios com que mui rudamente nos quiz curar da quasi-gangrena o poderoso e voluntario ministro d'El-Rei D. José: mas ao menos a corrupção moral e religiosa não progrediu; e, se não foi curada, atalhou-se-lhe o desinvolmento e a forçosa conseqüente dissolução que de tanta podridão devia seguir-se.

Deus sabe que nunca me lembrei de desattender a memoria dos Augustos predecessores da nossa Soberana: mas são homens os reis e teem defeitos como homens que são. Triste do que se arreceia de dizê-los; mais triste do Soberano que não tem quem lh'os diga. Um Rei de Portugal está em posse de ouvir a verdade, e os portuguezes de lh'a fallarmos. E pois, diriamos a um principe portuguez, quando lhe citassemos por exemplares de valor a seu avoengo Affonso IV., e de justiça a Pedro I. —que ambos foram modelos de piedade filial? Apar das virtudes de João I. e Duarte, não teriamos pejo de louvar as de Fernando ou Affonso VI.? De todas as lisonjas com que aos principes derrancam o coração e toldam a cabeça, sería ésta a peior e a mais damnosa. Em uma árvore de geração tam nobre como a

dos reis de Portugal, tam cuberta de flores e tam carregada de fructos, não duvidemos apontar a flor que murchou e não granou, ou o fructo que pecou e não chegou a sazonar: a fragrancia e belleza dos outros apparecerá maior e mais sensivel. O effeito dos bons exemplos dos passados no coração e espirito de seu descendente será mais proveitoso e seguro se com mão reverente mas sincera lhe apontarmos as máculas com que alguns d'elles mancharam as boas qualidades herdadas e outros as escureceram de todo. Quando se estuda o moral da historia não se devem somente dar exemplares para seguir mas tambem escarmentos para fugir.

Que piloto sería o que sabendo mui bem donde ha portos seguros e abrigados, com remanso d'aguas e protecção de curvas angras e interpostos recifes, ignorasse onde jazem cachopos e baixios, onde a corrente das aguas, o ésto das marés, o difficil dos cabos e o tormentoso dos golphams?

Diga-se pois a verdade; e n'este sublime assumpto de religião, em que todas as grandezas dos homens desapparecem deante da grandeza

de Deus, não hesitemos em a dizer franca, sincera e toda.

Não se esconda portanto á joven Raïnha de Portugal, á esperançosa e desejada Maria II. que sua Augusta bisavó, Maria tambem, e que tambem tanto amaram os portuguezes, foi victima da falsa religião com que lhe cegaram os olhos d'alma os embusteiros e traidores que a rodearam para seu e nosso mal; — que á fôrça de escrupulos e superstições a impediram de fazer o bem e a fizeram instrumento de muito mal; — que a desmoralização religiosa, apenas contida no reinado de D. José, desde então progrediu com mais fôrça até nossos calamitosos dias, em que o desgraçado Portugal ve os sagrados objectos de seu culto sacrilegamente convertidos pelos indignos ministros d'elle em instrumentos de sua perdição e morte, servindo os cancellos do altar de alavanca para derribar o throno, e o thuribulo do sacerdote convertido em faxo incendiario para queimar indistinctamente o antigo e o novo pacto, o foral das liberdades do povo e o codigo dos direitos do soberano.

Muita e mui verdadeira religião deve ter o

principe; a falta d'ésta qualidade daria mate em todas as outras: e tambem n'essa posse estamos os portuguezes de termos soberanos religiosos e tementes a Deus. Não se descuide pois a educação de lh'a inspirar por todos os meios, de lh'a ensinar em toda sua pureza, de lh'a fazer amar com todo o ardor de seu coração. Mas seja dobrado o desvelo e solicitude em evitar os dous precipicios horriveis que ás bordas de seu caminho se profundam: rei impio ou rei fanatico... — Deus nos livre da abominosa escolha.

E aqui vem uma das mais essenciaes modificações que o sexo exige nos meios da educação. A natureza fez mais timida e fraca a mulher porque a creou para um estado de dependencia, subordinação, e como «perpétua tutella»: [1] e a educação deve conformar-se com a natureza. Mas uma princeza que tem de reinar por si e seu proprio direito, é femea de facto, e varão de direito: e a educação tem

[1] Segundo a phrase e decisão do direito romano.

n'este caso de contrastar a natureza e diminuïr, quanto é possivel, a *mulher* paraque so fique a *raïnha*. Muito tento e prudencia é necessaria para fazer ésta metamorphose: e em materia de religião, a consciencia timorata de uma senhora, paraque nem endureça até á insensibilidade, nem amolgue até ficar sujeita a qualquer leve impressão, é talvez a coisa mais delicada e a parte mais difficil da educação de uma joven Soberana.

Alta é a vossa missão, educadores dos principes; vós sois os deputados de todo um povo que tacitamente vos dá procuração para vigiar no palladio de sua felicidade e de suas esperanças. Sôbre vossas cabeças choverão as maldições das gentes se lhes derdes um mau principe e « devorador de povos, » em vez do « pastor » [1]

[1] Éstas são duas expressões da sublime poesia de Homero, que tomei a liberdade de usar em minha chan prosa. Homero appellida communmente a um rei ποιμένα λαων pastor de povos; mas quando pela boca de Achilles ou de outro apoda algum de tyranno e oppressor, chama-lhe δημοβόρον devorador de povo.

e guarda que se promettiam. Por muito que o tyrannyzem e opprimam, facil e prompto é sempre o povo em desculpar os principes e lançar para carga de seus conselheiros todo o mal que lhes fazem. E a nenhum culparão tanto, a nenhum maldirão tanto como ao conselheiro de sua infancia, ao que o trouxe pela mão desde o berço até o solio. Oh! que os mentores dos reis tivessem sempre diante dos olhos este quadro! Que da elevação em que ao pé de seu pupillo estão collocados, lançassem continuamente a vista para os que sôbre elles a teem cravada — gerações presentes e futuras!... e que todos hãode ser victimas, accusadores e juïzes de suas faltas e erros! Mas se algum'hora mais que outra, essa idea tremenda deve estar viva e faïscante em seus olhos, é n'aquella em que desempenham a difficil tarefa da educação religiosa. Oh! não se esqueçam que o principe christão não é somente um simples fiel, não é um membro ordinario da igreja, — que não lhe basta entrar na communhão com os outros fieis e cumprir com a lei. Não! O principe tem de velar no cumprimento d'essa lei; o principe

tem de vigiar [1] sôbre os sacerdotes, que não excedam sua auctoridade toda espiritual, que não invadam a jurisdição civil e entrem pela republica com o bago de pastor voltado em bastão de magistrado, usurpando funcções que a sociedade lhes nega e a religião lhes prohibe. Forçoso é que tenha claras e distinctas ideas da religião e da igreja o que tal auctoridade a respeito d'ella tem de exercer; e que forte em seus principios não mude com todo o vento de doutrina, nem vacille no desempênho de seu dever, e exercicio de seu direito.

Confiemos que na primaria educação religiosa da nossa Augusta Raïnha se tem tomado todos esses delicadissimos cuidados e satisfeito a todas essas miüdas attenções, — e que seu complemento será igualmente perfeito e zelado.

A charidade inseparavel da piedade, a tolerancia parte essencial da charidade, o horror á perseguição, o amor da justiça e da verdade, um sancto medo do fanatismo e da supers-

[1] Estes são os que nas escholas se chamam direitos *circa sacra*.

tição, uma avisada desconfiança e discreto receio da hypocrisia — com vontade e deliberação firme de se não arredar d'este caminho e de fazer entrar n'elle os outros: — eisahi em summa as condicções de um principe christão, e o para que tem de formá-lo a educação religiosa.

Quanto por mim creio seguro que aos vigilantes olhos de V. Ex.ª não escaparão os defeitos se os houve, no passado, nem fallecerá emenda d'elles no que de futuro resta para completar essa de todas mais importante parte da educação.

Com tam esperançosa pupilla, com tam zeloso e illustrado mentor, nada se hade esquecer nem perder.

CARTA SEXTA

Fim do II.º periodo da educação: a historia considerada como complemento moral d'ella: — primeiro livro que se deve dar aos meninos, inconvenientes das fábulas, preferencia dada a um livro de historia. — Como feito este livro — exemplo de historia romana; — vantagens e inconvenientes da historia romana e grega ensinadas antes da nossa: — opinião de Rousseau.

MINHA SENHORA,

Não avistâmos ja de mui longe o termo em que vai fenecer este periodo da educação. Perto vem a adolescencia, a formosa idade das esperanças em que florece, como em sua primavera, a vida: cuidemos com tempo de lhe preparar o terreno e amadurar a seiva, paraque bem floreça, e com boa promessa de fructo que sazone. Dêmos complemento á educa-

ção da puericia com um meio de perfeição moral, que participando tambem do intellectual, tera effeito promiscuo sôbre o coração e sôbre o espirito, e será o éllo que prenda a educação principalmente moral d'ésta epocha com a da epocha immediata, que tambem principalmente deve ser intellectual.

Este meio de perfeição é a historia; a historia, intendo, considerada como elemento ou antes complemento da educação moral, estudada como um curso experimental da sciencia da vida, sem chronologia, sem politica propriamente ditta, sem nenhuma das outras condicções que a fazem elemento de instrucção intellectual.

Termina a puericia, pouco mais ou menos, dos nove aos doze annos [1] segundo o sexo, constituição, clima e outras circumstâncias. Está quasi aopé d'ésta idade, e inda não leu

[1] É tamanha a variação n'este ponto, que nada se póde dizer ao certo nem proximo d'elle: a verdadeira regra é examinar os symptomas da natureza e inferir d'elles a revolução das idades. V. a proposito a Cart. II. Part. I. pag. 50-51, d'ésta obra.

um livro [1] o nosso pupillo. Dêmos-lhe os parabens: o que sabe sabe-o sem impostura. Conhece globos, mappas, estampas de animaes, de flores etc.: os seus tractados, os compendios d'éstas sciencias, de que ja tem bons rudimentos, fe-los elle, não os decorou com improbo estudo, e trabalho damnoso á saüde pelas palavras e pensamentos dos outros, que as escreveram em seu gabinete como mestres que eram, e nem sempre são tam boas, rara vez melhores que as do discipulo.

Vamos-lhe dar agora o primeiro livro. Faça-se ésta dadiva com solemnidade: tenha-se-lhe promettido d'antemão como recompensa de bom proceder, — tenha-se-lhe feito desejar; receba-a elle como um signal da confiança de seu mestre, que ja o avalia e conceitua em muito, ja o tracta como um homemzinho [2] — que até lhe dá « um livro. »

[1] Não posso chamar livro a algum quaderno de syllabarios, ou collecção de estampas zoologicas, botanicas ou chronologicas; que é toda quanta livraria elle deve ter visto.

[2] Inda não fizemos separação de educação para os dous sexos: tudo isto é commum; e claro é que

Em muitas partes é costume, especialmente em França, o ser um livro de fábulas ou apologos o primeiro que se dá as creanças; *Maitre Corbeau* é o primeiro personagem historico com quem fazem conhecimento os meninos francezes. Mas inda que o «appresentador» seja tam elegante e donairoso como o engraçado João Lafontaine, ainda assim *Maitre Corbeau sur son arbre perché* não é sujeito que se escolha para «primeira amizade» de uma creança. «Il n'appartient qu'aux hommes de s'instruire dans les fables:» diz Rousseau com muita razão. Confirma diariamente a experiencia o que elle assevera, que nunca se ve tirarem as creanças uma so illação moral do seu apologo; gostam porque é conto e faz rir, e acham nos versos de Phedro ou Lafontaine repetidos pelo lobo e pelo cordeiro a mesma graça que no «*Tó carocho; quem passa? el-Rei que vai á caça*»— do seu papagaio. Nunca pude descubrir o porquê razoavel d'este costume, e vejo-lhe mil inconvenientes. Será que apprendam melhor os

não so de rapazes mas tambem de meninas se tracta porora.

meninos a moral prégada com as visagens do «macaco desembargador» ou nos dialogos da formiga e da cigarra, e similhantes *eglogas* de alimarias? Não o creio; nem acho senso commum em suppor que a ficção instrua melhor que a verdade. No prologo das fabulas de Phedro [1] está bem indicada a origem e fim d'éstas composições allegoricas: é a mesma quartada que dá o Tasso:

> E che 'l vero conditto in molli versi
> I piu schivi alletando ha persuaso. [2]

Inventaram-se para as pessoas grandes, para os grandes que não queriam ouvir, que se offendiam de ver a verdade nua e crua, e so a toleravam com alguma indulgencia quando assim condimentada, [3] e disfarçada em parabolas. [4] Inventou-as a obnoxia servidão; inventou-as o servilismo do escravo para não desprazer ao devasso orgulho do senhor. E so por

[1] Servitus obnoxia etc.... Phoedr. lib. I.
[2] Gerusal. cant. I.
[3] Na phrase de Tasso.
[4] Na phrase de Phedro.

este modo supportava alguma rara licção de moral a profligada aristocracia grega e romana, bem como em posteriores tempos o orgulhoso e sybarita feudalismo so tolerava alguma rara licção moral na bocca de seus bobos e annões. [1]

E por este modo, e como escravos romanos ou bobos senhoriaes, é que nos havemos de presentar ás portas da vida a receber o nosso pupillo para o guiar no caminho da experiencia com subterfugios de fábulas e contos da carochinha? Havemos nós que professâmos uma religião de razão e de verdade, que vivêmos n'um seculo «experimental,» de exacção e illustração, que habitâmos ésta nossa Europa de hoje, christan, livre, illustrada, — havemos de ensinar os nossos filhos, educar os nossos cidadãos com allegorias de pagãos e de escravos?

[1] Poucos documentos tam notaveis e positivos da infamia d'aquellas idades nos legou a historia como o d'este costume dos bobos, annões e outras disformes ou degradadas creaturas que faziam parte do sequito ou familia de um grande senhor. Em Portugal inda vive gente que viu e conheceu muitos em pleno exercicio de suas funcções.

Um bom livro que contivesse — primeiro, historias verdadeiras, bem escolhidas e tiradas das antigas e modernas chronicas, — segundo, vidas de homens célebres, uma especie de Valerio-Maximo e Plutarcho da mocidade, [1] em que se achassem, não Gregos e Romanos somente, mas varões illustres de todos os povos, e principalmente nossos, — um livro tal preencheria todas as condições que em vão se buscam nas fábulas. Epaminondas, Aristides, Socrates, Alcibiades, Annibal, Mithridates, Bruto, Fabricio, Catão, Tito — o proprio Nero, — Atilla, Theodorico, Rodrigo, Belisario, Alfredo, Henrique IV., Affonso-Sabio, Affonso-Henriques, Egas-Moniz, Nun'alv'res, Las-Casas, Bartholomeu-dos-Martyres, Martim-de-Freitas, João-de-Castro, Alboquerque, Pacheco, o Infante-Sancto, Howard, Turenne, Fénelon, e mil outros de todos os tempos e nações, ensinarão, pelo menos, tam boa moral como a « commadre cegonha, o compadre rato » e outras distinctas personagens das chronicas de

[1] Mais exacta e specificamente, um Plutarcho da puericia.

Esopo e seus discipulos. De mais, fábula quer dizer fingimento; e fingimento é mentira; e mentira nem zombando se deve ensinar ás creanças: é mau divertimento, não se lhes deve deixar folgar com elle; é como brincos de lume, que a mais descuidada ama-sêcca lhes não permitte. «No tempo que os bichos fallavam:» começam os apologos de tradição oral [1] que se contam aos meninos: bem sabemos que inda quando creiam n'isso, não o podem crer muito tempo; mas paraque é essa idea falsa, por pouco que dure? Sempre é mau, — é pessimo; faz-lhes perder o horror á falsidade, ensina-lhes a «contar contos» e a não olhar a verdade como uma coisa sancta, com a qual não é lícito, não é possivel brincar, — que nem se deve nem se póde saber dissimular, ou alterar no minimo ponto.

Deve ser pois um livro de historia o primei-

[1] Os apologos chamados de Esopo, quasi todos, os quaes Phedro versificou em Latim e Lafontaine depois em Francez, assim como muitos dos de Pilpay, são tradições oraes antiquissimas que em todos os tempos e nações se encontram conservadas pela memoria das classes mais rudas e menos instruïdas.

ro que aos meninos se dê; não historia methodica e seguida, mas, conforme disse, uma collecção de factos e dittos, e de vidas de varões célebres, bem e singelamente contados em linguagem casta e fluente.

Sei que não temos este livro em portuguez, mas sei que não podêmos passar sem elle. Não faltam livros parecidos em francez, inglez e allemão; nem sería longa ou difficil tarefa compor um em nosso idioma, imitando, sem traduzir, [1] aquelles. Eisahi como a mim me parece que se deveria arranjar este livrinho.

Nas historias dos povos da antiguidade, cuja collecção compõe o que hoje chamâmos «historia antiga», ha d'ellas que nós considerâmos como nossas, como historias de antepassados nossos, pois todos quantos somos os povos da Europa [2] d'aquelles derivâmos usos, costumes, lettras, conhecimentos, linguagem,

[1] Rara vez uma traducção enriquece a litteratura nacional; e obras d'éstas não se traduzem, imitam-se. A traduzir estamos nós portuguezes ha seculo e meio, e desde então aïnda não temos um livro.

[2] Europa n'este sentido quer dizer «mundo civilizado.»

leis, religião, quasi tudo o que somos e a maxima parte do que cremos e sabemos. Como a de nossos paes temos a historia dos Judeus, de quem pela religião e crença descendêmos; nem com menos interêsse e respeito, se não com tanta veneração, lemos a dos Egypcios, Romanos e Gregos, de quem por successão herdámos a civilização, as lettras, as sciencias, a legislação e parte das linguagens que fallâmos, — e dos quaes nos vangloriâmos descender, se não por legítima varonia, ao menos por directa linha. Não se lisongeia tanto nosso amor proprio, principalmente o dos povos meridionaes, [1] com parentesco arabe e gothico; e todavia mais seguro é serem nossos progenitores «segundo a carne e o sangue» esses barbaros, do que aquelloutros povos civilizados, com quem nosso aristocracismo nacional quer ir entroncar-se: é certo porêm que é menos carnal do que spiritual o parentesco que geralmente pretendêmos ter com estes ultimos.

Dos annaes d'esses povos todos, dos das na-

[1] Porque nós meridionaes, geralmente fallando, fomos os conquistados.

ções vivas, e sôbre todas, da nossa propria, devêmos escolher pois aquella collecção de breves historias, anecdotas ou contos moraes, que arranjados e classificados sob diversas rúbricas serão a primeira parte do nosso livro historico, e formarão um como curso de moral práctica. [1]

A linguagem deve ser pura, simples, casta, [2] e legítima portugueza, porêm fluente e sôlta dos enviusados hyperbatos e palavras descommunaes com que a arrevessa a ignorancia que pretende de sabida; — legítima sim deve ser e expurgada dos barbarismos extran-

[1] Consulte para exemplar, a obra franceza moderna intitulada *La morale en action*.

[2] Ésta condicção de *simples* é uma das em que mais se deve insistir, porque o vício contrário é um dos que mais prevalece hoje entre nós. Dizer stylo guindado e dizer bom stylo, stylo sublime, parece a mesma coisa aos nossos escriptores e oradores. Lembra-me um deputado nosso que seguindo o *de se parcè et modestè* de Quinctiliano, começou o seu discurso: « Eu não poderei fallar em um stylo tam sublime e guindado etc. » Logo suppunha o Sr. deputado que stylo guindado era coisa excellente. Assim nos tem pôsto a educação litteraria que temos.

geiros e *gazetices* [1] com que a empobrece e deturpa o desmazêllo e incuria dos que intendem saber portuguez sem o estudarem. É este o primeiro livro que damos ao nosso pupillo, dêmos-lh'o na sua lingua, não na de Vasco de Lobeira, [2] aïnda de Rui de Pina ou Gil-Vicente, que ja não é portuguez hoje, ou pelo menos é tam portuguez como no seculo de Boileau era francez o francez de S.-Bernardo [3] e

[1] Perdoem-me o neölogismo, que não ha termo que expresse este — *non descriptum* em vicios de stylo.

[2] Auctor do célebre romance de cavalleria, o primeiro que em linguas modernas se escreveu, Amadiz de Gaulla, que hoje so existe em francez e inglez, e completamente se perdeu na lingua em que originalmente foi escripto. É curioso ver o que a este propósito diz Mr. Southey, que ultimamente o traduziu em inglez. « Se assim vamos, o mesmo succederá breve ao excellente curso elementar de mathematicas puras do nosso José Anastacio da Cunha, que ja se não acha senão na traducção franceza.

[3] Entre as obras de S.-Bernardo, que geralmente escreveu em Latim, apparecem todavia algumas coisas, como cartas etc. em francez, as quaes, inda assim, differem muito mais do francez de hoje, do que escriptos portuguezes da mesma epocha differem do portuguez que ora fallâmos. A razão é óbvia; o por-

o muito mais moderno de Rabelais, aïnda de Marot; — mas não seja tambem n'estoutra algaravia de tarelos, que não é mais portuguez tampouco, gafa de barbarismos e solecismos, gallici-parla [1] de cartazes de theatro, de columnas de gazeta, ou de sermão de prégador de fama, na qual, pelo commum, é hoje escripto o mais do que em portuguez se escreve. Não seja nada d'isso, seja portuguez; a lingua dos Lusiadas, da Vida do Arcebispo, de Lucena, de Vieira, de D. Francisco Manuel de Mello, a qual, á excepção de raro termo obsoleto, é a propria lingua que hoje fallâmos e

tuguez formou-se e apperfeiçou-se primeiro que o francez.

N'este logar cabe uma anecdota curiosa. Conversava eu com um portuguez de grandes presumpções de saber e escrever bem sua lingua e que d'isso levava, e não sei se leva, grandes gabos; e vindo a fallar-se do estudo do nosso bello idioma, perguntei-lhe acaso se tinha uma boa collecção de classicos. « Não nem me mato a le-los, me respondeu elle, estudo portuguez pelos livros de francez velho; e digo-lhe que não ha melhores mestres. »

[1] Termo de F. Man. do Nascimento, imitado do Latiniparla de Quebedo o castelhano.

escrevêmos — que fallam, digo, e escrevem os que aïnda o sabem fazer. [1]

A seu tempo ensinaremos ao nosso pupillo a sua lingua, far-lh'a-hemos estudar pelos classicos: não comecemos agora a ensinar-lhe o que então seja preciso desapprender, não gravemos ja em sua memoria o que tenhamos de oblitterar depois.

Fallei em classificação e rúbricas: aqui está como as intendo. Estes « tractos moraes historicos, » se lhes chamo bem assim, devem ser dispostos sem nenhuma attenção á chronologia, em cathegorias moraes, classificadas pelas virtudes e vicios do coração humano, com que é abundante a historia em documentos para seguir e fugir, — que tanto se apprende dos bons como dos maus exemplos, [2] quando á mo-

[1] Em todos os Lusiadas, acaso se topa com um termo que toda a gente não intenda, raro em Vieira, Fr. Luiz de Souza, Thomé de Jesus, e nos melhores mestres. Para que havemos nós fazer hoje portuguez mais antigo que o d'elles?

[2] O espectaculo *vivo* dos maus exemplos é sempre damnoso, o *pintado* pela historia póde ser mui proficuo. O vicio tem cevos e engodos que no bulicio do

cidade inexperta não fallece mentor que lh'os distinga.

Repito que estes exemplares historicos, este curso de moral práctica e experimental, deve ser tirado da historia geral, porêm especialmente da nossa propria, a qual por tam variada que é em scenas e actores, extendendo-se da extremidade da Europa por toda essa Africa [1] e gran' parte da America até aos confins ultimos d'Asia, — tam fertil em grandes acções de virtude, em feitos de valor e heroismo de todo o genero, e tambem de crimes e vicios e faltas, — quasi que so por si daria materia para muitos volumes de Valerios-Maximos, Cornelios-Nepotes e Plutarchos. Não levemos porêm este princípio a excessos de solipsismo francez, que desapproveitemos a vasta seara que no campo da alheia historia nos loureja —

mundo encobrem o farpado de seu anzol; mas na tela da boa historia o engano desapparece, e não póde tentar o feitiço.

[1] Toda a Africa não, que inda hoje ninguem a conhece toda apezar dos Belzonis, Mungo-Parks etc.; mas toda a que então se conhecia ou que nós fizemos conhecida.

pela vaidade louca de approveitarmos até á última espiga mal granada, a derradeira paveia de respigo, que por cegueira queiramos enfeixar, so porque é de terras nossas.

Ora, ja vimos — e inda mal! bem visto é — que não temos um livro d'estes em Portuguez. Vejamos como se faria: vamos a fazer um capitulo. Experimentemos; e seja, por exemplo, a Justiça a rúbrica d'este capitulo ou secção, ou como lhe queiram mais chamar. Supponhâmos que abriamos acaso um livro d'estes que em portuguez existisse, e a paginas tantas, capitulo tal, dizia:

JUSTIÇA

Lucio Junio Bruto juïz de seus filhos

«Lucio Junio Bruto era consul ou primeiro magistrado de Roma; e em occasião que a cidade era sitiada por um poderoso exército inimigo, foi descuberta uma conspiração de traidores que tentava entregar-lh'a. Entrava n'ésta conspiração grande número dos princi-

paes do Estado e com elles os filhos do consul. Foram todos presos e processados por tam horrivel crime; que o não ha maior nem mais atroz.

Chegou a hora tremenda em que os reos deviam ser a final julgados. Appareceu o consul L. J. Bruto em seu tribunal no fóro ou praça pública de Roma, rodeado do senado, que era o conselho dos anciãos e homens bons do Estado, e diante de todo o povo, — porque em Roma foram sempre publicos os processos, paraque nem as paixões dos julgadores nem as peitas dos culpados os podessem torcer, mas se fizesse sempre justiça direita e lisa.

Compareceram os accusados diante do consul; entre estes, seus proprios filhos. Todo o povo tinha os olhos n'elles e no pae, e pareciam duvidar que o sangue e a natureza não movessem da justiça o ânimo do magistrado. Mas o consul interrogou seus filhos com a mesma tranqüillidade e firmeza com que aos outros o fez. O crime foi provado; elles confessaram: e não restava senão pronunciar o juïz a sentença.

Hoje dá-se aos condemnados tempo suffi-

ciente para se prepararem a apparecer na presença de seu Deus, tribunal mais terrivel porque são eternas suas decisões, porêm mais indulgente porque lhe cabe perdoar crimes provados e confessados quando d'elles ha verdadeiro arrependimento. Mas n'esses tempos a religião christan, que é toda humanidade e brandura, não tinha ainda adoçado os costumes d'aquelles honrados mas ferozes republicanos. Os reos convencidos e julgados iam ser para logo executados.

L. Junio Bruto rodeado de lictores, — officiaes publicos a quem incumbia pôr em continente por obra os mandatos do consul, — pronuncia a fatal sentença: « O crime está provado; os accusados são reos d'alta traição; lictores feri, executae a sentença da republica. »

A natureza não podia com mais: o consul cubriu-se o rosto com a toga... e as cabeças dos filhos rollaram a seus pés.

Mas Roma foi salva, a rebellião affogou-se; e Junio Bruto, orpham de seus filhos, não o foi da patria. Tal é um dos maiores exemplos de justiça que aïnda se deram no mundo. »

Não tirará naturalmente o nosso pupillo a

moralidade d'esta historia? E não é facil conduzi-lo a tirá-la bem, aïnda transcendentemente?[1]

Porêm nós vivêmos e temos de viver em uma monarchia. Os exemplos d'aquellas almas de dura têmpera [2] que, mamando o leite da liberdade, bebiam n'elle o amor da justiça, de uma justiça ruda comquanto saüdavel, são

[1] Com pouco auxilio do mentor forçosamente concluïrá o educando que a justiça é a mãe de todas as virtudes; que todas n'ella se conteem; que o homem que não é justo póde fazer acaso um bom feito, mas não lhe veio do coração, cedeu a uma circumstância, a um motivo extranho á sua alma, não obrou uma virtude; que o homem justo corta por todos os motivos, não attende a circumstância nenhuma, e obra a virtude porque em seu coração tem a justiça que lh'a manda obrar; nem perigos de vida, nem respeitos humanos, nem amor nem odio o impedem de fazer o que elle tem por justiça e que é dever seu.

Nem mais tardia ou difficil virá a illação de que não ha maior crime que o parricidio da patria, a traição ao Estado em que nascémos e vivêmos, por quem somos na paz mantidos e sustentados com leis que nos protegem, cujas armas nos defendem na guerra, e cuja auctoridade nos faz respeitar de vizinhos, querer de amigos e temer por inimigos.

[2] O *feroces animæ* de Horacio, d'estes foi ditto.

todavia crus e asperos em si; nosso estomago derrancado ja não está para esse alimento tam forte: não temos digestão que, a tomá-lo assim puro, o converta em bom chylo de saüde, — antes sahirá humor acre e corrosivo, com que venha febre e não fôrça ao sangue, agitação mas não vida ao coração: cumpre misturar esse alimento com outro que o desencrue e embrandeça, que o faça digerivel para nós, commutavel de nosso estomago. Todos sabem em medicina que padece e morre mais gente de excesso e desordem que de falta de alimento; cuidam que não é o mesmo em moral? julgam que as funcções do coração [1] e do espirito não são, a seu modo, iguaes ás do corpo do homem?

E aqui, sem cortarmos o fio do assumpto, observemos que errado é o costume de apprenderem os meninos nas classes de Latim [2] a historia dos romanos e gregos antes da sua propria, e virem familiares com os heroes e

[1] Julgará alguem que este coração de que fallo aqui é o musculo nobre do corpo a que damos esse nome?

[2] Que é quasi a unica coisa que se lhes ensina bem, se não por bom methodo.

virtudes d'esses povos antes de saberem das nossas e dos nossos. Mas d'este ponto, em melhor occasião.

Vivêmos na Europa christan, monarchica e civilizada. As nossas virtudes são as mesmas que as dos romanos e gregos porêm mais enlaçadas umas com outras, de modo que a justiça se abraça com a clemencia, e a charidade filha da justiça abranda os rigores da mãe, sem todavia lhe cortar de sua salutar severidade. A nossa liberdade é a mesma tambem; o amor d'esse dom precioso, primeira dadiva do Creador á sua feitura mais querida, existe tanto em nossos corações como em corações de Sparta e Roma; os nossos principios de moral social não mudaram nem podiam mudar, [1] mas as nossas ideas da sociedade mudaram: não amâmos, não desejâmos differentemente a liberdade, mas concebêmo'-la differentemente: ella é aïnda para nós a mesma divindade tutelar que foi para os povos da Achaia e do Lacio, porêm seu templo é outro, seu culto diverso entre nós.

[1] E não mudaram porque não podiam mudar.

Não fizeram os antigos um Deus de cada virtude, e não a veneravam em separado? Nós temos um Deus com todas as virtudes, e todas adorâmos n'elle. Amavam os antigos menos as virtudes do que nós? Não: concebiam-nas diversamente.

Assim nós a respeito d'elles com a liberdade e com todas as virtudes civicas, não diversas mas diversamente cultivadas por nós. Nós concebêmos liberdade sem expulsar os reis, como Bruto, nem os anivelar com os outros cidadãos, como Lycurgo; as nossas leis tiram a vida ao criminoso, mas so quando outro remedio não ha; [1] nas nossas assembleas, nos nossos comicios discumtem-se leis da primeira transcendencia politica sem o ferro dos Gracchos: não temos casca de ostra para premiar o cidadão mais excellente. [2] Nem tampouco é possivel i-los

[1] As horriveis excepções d'ésta regra que fazem as revoluções, e as que, alêm d'essas, fazem os abusos do podêr ou a corrupção dos magistrados, não tolhem que a regra constitucional não seja aquella.

[2] Temos ás vezes peior, um hospital, um degrêdo, uma forca, uma fogueira: mas para ésta ingratidão

despegar da rabiça do arado para lhes dar uma pasta de ministro ou commando de general, como então um bastão de dictador: os nossos homens d'Estado não querem ir para a aldeia; e não ha nem triste official de secretaria que saiba plantar uma cebola.

É pois necessario que a educação forme homens de hoje; sirva-se embora de exemplos d'outros tempos e costumes, porêm não deixe de lhes dar, com esses, outros documentos não menos illustres e mais proficuos, os de nossa historia e da dos povos com quem estamos em contacto, e com cujas instituições se parecem as nossas. E quem emprehender essa util obra de formar um livrinho d'estes para os meninos portuguezes, no que muito e bem merecerá da patria, deverá nacionalizá-lo o mais possivel, preferindo os exemplos domesticos aos alheios, ou pelo menos, comparando sempre uns com outros. Aopé de Codro votando-se pelos seus na batalha fadada do oraculo, eu poria o infante D. Fernando sacrificando sua liberdade

pública, entre nós calca-se a lei, em Athenas cumpria-se com ella: n'isto vai a differença constitucional.

nos carceres de Féz em resgate dos dilacerados restos de seu exército; [1] juncto dos nobres modelos de amizade de David e Jonathas, de Castor e Pullux etc., o do infante D. Pedro e Alvaro Vaz no desastroso recontro de Alfarrobeira; com a devoção heroica de Horacio Cocles e dos Fabios, compararia a do honrado mercador algarvio Garcia Rodrigues, de Egas Moniz e de muitos outros em que abundam as chronicas e historias nossas. Com Fabricio torrando seus legumes no fóro de Roma em presença dos embaixadores de Pyrrho que lhe vinham a offerecer ouro e grandezas, faria com-

[1] D. Fernando não ficou passando «a vida de senhora feita escrava» nem preferiu morrer nos carceres de Féz para se não entregar aos Mouros a «forte Ceuta,» segundo d'elle cantou a poësia. Pela historia sabemos que muito desejou ser resgatado a todo preço, e que muito o quiz resgatar seu irmão D. Duarte ainda a trôco de Ceuta: as côrtes—que agora dizem nenhum podêr tinham—é que não quizeram. Mas isso em nada diminue a valia e nobreza do sacrificio do infante quando generosamente se offereceu para ser arrefens por seu irmão D. Henrique e pelo resto do exército que ia perecer, e que so elle com essa generosidade salvou.

paração de Duarte Pacheco mandando pisar no gral o dente do bugio pelo qual offerecia a superstição dos idólatras haveres infinitos, — e de D. João de Castro empenhando os pellos de suas barbas aos negociantes de Goa para segurança de um emprestimo público. Com as vinganças de Tito contaria as de João I. Nem deixaria tampouco de apontar com os exemplos de ingratidão pública em Themistocles, Scipião, Cicero, etc. os de Alboquerque e Pacheco.

Pacheco expirando enfermeiro n'um hospital — talvez o mesmo a que foi morrer o vate que celebrou despeitoso a infamia de tam indigno feito! — não ficará mal aopé do Homero esmolando pela Achaia. E o obolo que tenia no elmo de Belisario ás portas de Bysancio, não soará mais n'alma do innocente pupillo do que o ceitil chorado que mal se ouvia cahir na andrajosa gorra do Jáo Antonio. A virtude republicana da mãe dos Gracchos não parecerá mais sublime que a devoção monarchica da matrona portugueza armando com suas mãos os tenros filhos para a tam arriscada quanto gloriosa restauração de 1640. E até a culpada

mas nobre vingança de Sertorio e Coriolano, se não vai de par, é porque não é tam nobre [1] como a de Magalhães.

De virtudes públicas, de virtudes privadas, de devoção filial, de amor paterno, de vicios, de crimes, de tudo ha exemplo e documentos na historia, que moralmente considerada é uma collecção de observações e experiencias feitas pelo decurso de seculos sôbre a natureza do homem e o estado social, e das quaes por simples análise se podem tirar as mais seguras regras da vida e os mais solidos preceitos de moral.

Não posso deixar de transcrever n'este ponto de minhas reflexões algumas linhas (que as documentam) de um livro em que certamente ha grandes erros, como em todos os livros dos homens, grandes e perniciosas exagerações, mas

[1] Quanto mais nobre é o despique de quem se vai immortalizar para longe de uma patria que o não quer, do que a vingança do que vem com armas civis ou estrangeiras puni-la do que elle tomou por offensa! Camões foi muito injusto com o infeliz Magalhães.

em que tambem ha muita e sublime verdade: quero fallar do Emilio de Rousseau, e não me pejo nem me arreceio de dizer que é um dos melhores e dos peiores livros que jamais foram escriptos. Eis aqui a passagem citada: —« Cumpre estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade: quem se metter a tractar em separado a moral e a politica, jamais intenderá de nenhuma d'ellas. Limitando-se primeiro ás relações primitivas ve-se como ellas *affectam* os homens, e que paixões d'ahi nascem; ve-se que reciprocamente e pelos progressos das paixões é que éstas relações se multiplicam e estreitam. É menos a fôrça do braço que a moderação do coração a que faz os homens independentes e livres. Quem deseja pouco, depende de poucos: mas confundindo sempre nossos vãos desejos com nossas precisões physicas, os que puzeram n'estas últimas os fundamentos da sociedade humana, tomaram sempre os effeitos pelas causas e não fizeram mais que enredar-se em seus proprios raciocinios...

« Se não tractassemos senão de mostrar á juventude o homem por sua máscara, nem mostrar-lh'o era preciso, elles o veriam de sobejo:

mas pois que a máscara não é o homem, e que não convem que os seduza seu verniz; quando lhes pintardes os homens, pintae-lh'os como elles são, não paraque os abhorreçam, mas paraque se condoam d'elles e não queiram assimilhar-se-lhes. É, quanto a mim, o mais bem intendido sentimento que o homem póde ter a respeito de sua especie.

« Com ésta mira, importa agora tomar opposta vereda á que atéqui seguimos, e é « a de instruir antes o educando pela experiencia alheia que pela sua propria. »

Havendo considerado os inconvenientes de observar o homem na sociedade *viva,* e por seus proprios olhos, accrescenta mui judiciosamente: — ... « Para pôr o coração humano a alcance do pupillo sem risco de estragar elle o seu, quizera mostrar-lhe os homens de longe, mostrar-lh'os em outros tempos ou em outros logares, de sorte que elle podesse ver a scena sem nunca podêr ser actor n'ella. Eisaqui o momento da historia; por ella é que elle hade ler em corações sem haver mister das licções da philosophia; por ella os verá como simples espectador, sem interêsse e sem paixão, como

seu juïz e não como seu cumplice nem accusador. » [1]

Depois d'éstas e de algumas outras fortemente pensadas reflexões, o educador de Emilio passa em rapida rezenha os historiadores antigos, e excluindo absolutamente por inutil e prejudicial toda a historia moderna, [2] parece escolher [3] d'entre aquelloutros para primeiro livro de seu pupillo a Plutarcho. — « Prefiro antes, diz elle, a leitura de vidas particulares para começar o estudo do coração humano; porque ahi, embora se occulte o homem, o historiador o segue e alcança sempre ; não lhe deixa um momento de repoiso, nem canto onde se esconda para evitar os olhos penetrantes do espectador : e quando elle melhor escondido se julga, então mais e melhor o faz conhecer o outro. — Os que escrevem vidas, diz Montaigne, porquanto mais se deleitam e entreteem a contar dos con-

[1] Emil. Lib. IV.

[2] Ibidem.

[3] *Parece*, digo : Rousseau é sempre sceptico, e entre muitas opiniões que dá, rara vez se colhe qual elle adopta. N'este caso parece seguir o voto de Montaigne que cita.

celhos que se tiveram em casa, que dos successos que passaram por fóra; assim me são esses mais proprios e serviçaes: e eisahi porque o meu homem ca para mim, é Plutarcho. [1] » —

E eu por mim creio que nem Plutarcho que é só biographo da antiguidade, nem um Plutarcho moderno em que se juntassem com os varões illustres d'então os dos tempos d'agora, devia ser o primeiro livro do educando. Factos memoraveis soltos é que devem compor a primeira parte d'ésta nossa anthologia moral; na segunda virão mui propriamente as vidas inteiras, mas resummidas, de homens célebres antigos e modernos: essa sim, essa deve ser um Plutarcho da mocidade, se permittem a expressão, no qual em vez dos factos de historia destacados tenhamos ja a narração seguida de uma vida toda.

Procedendo n'este systema e trabalhando ao mesmo tempo na perfeição do moral e rudimentos

[1] Affeitei este stylo mais antiquado e redundante para o assimilhar com o dos nossos moralistas velhos do tempo e têmpera de Montaigne.

do intellectual, viremos a ensinar-lhe a historia pelo methodo mais natural, o experimental e analytico, o que indica mas não explica Rousseau, o methodo por que a historia se foi colligindo e escrevendo desd'o principio. E certo, primeiro recordou ella um acontecimento notavel, [1] — depois a vida de um indivíduo célebre, — dahi as memorias de uma familia, — logo a chronica de uma cidade, — então os fastos de um povo ou districto, [2] — emfim a historia de uma nação.

[1] O primeiro passo que deu a historia foi levantar padrões ou monumentos rudos e hyerogliphicos, taes como inda hoje se vêem no Egypto, e se acharam no Peru e em paizes muito menos civilizados.

A biographia de um heroe, como Hercules por exemplo, foi certamente o segundo passo da historia; legendas de familias notaveis, como a dos Atridas ou dos Heráclidas, o terceiro: antes das *Musas* de Herodoto ja a historia tinha dado o quarto e quinto passo em chronicas de cidades e fastos de povos: V. Κλειω, I — V. Se recorrermos aos codices sagrados, acharemos na collecção dos livros hebraicos quasi a mesma progressão.

[2] Povo ou districto vale o mesmo na phrase e accepção dos escriptores antigos. *Populus* era como di-

Será todavia mais proveitoso aïnda se n'este estudo combinarmos os dous methodos; [1] o que nem impossivel nem difficil é. Ja nos primeiros annos da puericia apprendeu o nosso pupillo, folgando e brincando, [2] os principaes pontos chronologicos: ao ler agora estes factos dispersos e biographias, podêmos sem grande trabalho ir-lhe classificando uns e outras pelas epochas geraes que elle ja sabe; e por este systema composto, no immediato periodo da idade, [3] com os seus mappas, e com as explicações geographicas e chronologicas que então lhe daremos, ficará habil para ler e intender qualquer livro de historia.

visão de nação: assim vemos Turdulos, Turdetanos, Vetões etc., comprehendidos sob a designação generica de Lusitanos. Mais exactamente: Povos eram *familias* que tendo crescido até *tribus*, e occupando ja um districto consideravel, tinham cada-uma nome seu proprio, e o ficaram conservando apezar de se aglomerarem em *nações*.

[1] Analytico e synthetico.

[2] Com os jogos mencionados a pag. 78, Carta III. Part. II. d'ésta obra.

[3] A adolescencia.

Com este fito, combinando as inseparaveis, mas distinctas, educações do coração e do espirito, devemos ensinar todos os primeiros rudimentos historicos que na presente epocha teem de ensinar-se.

CARTA SEPTIMA

Continuação do mesmo assumpto — Modificação e ampliação que se deve fazer no estudo da historia, considerada como complemento da educação moral: — ampliação que requer a educação do principe.

MINHA SENHORA,

A historia é perfeição e complemento da educação moral porque nos serve como de espelho em que nos estudâmos a nós, estudando os nossos similhantes, e fielmente nos retratta a fealdade de nossos vicios e a belleza de nossas boas qualidades. Assim vemos, segundo a expressão de um auctor célebre, [1] a scena do mundo sem precisarmos de ser actores n'ella:

[1] Rousseau no Emilio, laud. loc.

isolados [1] da electricidade das paixões, as podêmos observar em todos os periodos de sua effervescencia e analyzar-lhe os progressos, como o alchymista com sua máscara de vidro manipulava tranquillamente os mais subtis beneficios do « segredo-maximo. » [2] N'este sentido lhe chamaram mestra da vida, coroa de toda a sciencia, e tantos outros epithetos de distincção e apprêço os mais profundos moralistas e consummados philosophos de todas as seitas e religiões. [3]

E por ésta mesma idea que da historia, considerada como estudo moral, foi sempre feita, se ve que alguma differença deve haver no modo de a ensinar, segundo differe a posição do que a estuda. Se é lícito atar outra vez a linha da metaphora que acima usei, desinvol-

[1] *Isolados* em technologia de physicos e chymicos.

[2] Assim designavam os alchymistas, os Rosa-cruzes e todos os outros impostores e fanaticos da sciencia occulta, o segredo da caballa, a pedra philosophal, e todas as operações mysteriosas que com ella tinham connexão.

[3] Basta para contraste citar dous tam célebres como Cicero e S. Agostinho.

vê-la mais, ou antes convertê-la em mais circumstanciado simile, comparei a historia [1] ao espelho em que nos mirâmos e cuja posição está em nosso podêr variar, — a moral que pela historia estudâmos, á luz que é constante e que em nossa mão não está alterar, — e a posição social em que nascémos ou temos de viver, á posição physica em que nos achâmos quando tomâmos o espelho da qual mil circumstâncias nos podem impedir de nos movermos. Fixa pois de sua natureza a luz, a moral, — fixa pelo acaso e circumstâncias nossa posição, a classe social em que nascémos, — não nos resta liberdade de movimento senão para o espelho, a historia: a ésta moveremos e collocaremos de maneira que fique em justa-posição para a luz e para o raio visual.

Quererá dizer isto que em nosso poder esteja alterar a historia? Mas ella deixaria de ser historia desde que essa possibilidade existisse? — Quererá dizer que o devamos fazer tampouco? Mas ninguem tirará nenhuma d'éstas conclusões; e é ocioso, se não ridiculo, refutá-

[1] Moralmente considerada.

las. Quer dizer que nem para todos os pupillos indistinctamente devêmos sempre abrir a mesma pagina da historia; que em tal posição social estará um, que mais sôbre este genero historico lhe cumpra demorar a attenção; em tal outro, que por aquelle ponto devamos passar rapidos para o fixarmos todo sôbre estoutro.

Mas nem se cuide que tantas e tam variadas sejam éstas diversas posições que demandam variedade de ensino historico. As relações de familia são iguaes para todo o homem: igual portanto é a posição natural ou social-absoluta; [1] todo o homem é filho, hade ser esposo e tem de ser pae. Identicas são as relações religiosas; [2] todo o homem está para com Deus na mesma posição. As relações sociaes são pela maxima

[1] Natural ou social-absoluta é a mesma coisa. Podêmos abstrahir o homem do estado social-relativo ou positivo, e considerál-o no social-absoluto ou no natural n'esse sentido: mas abstrahir para um estado pretendido natural que é contra a natureza do homem, ao homem essencialmente social considerá-lo abstractamente da sociedade — é theoria inutil e que póde ser perigosa.

[2] Em quanto pura e absolutamente religiosas.

parte as mesmas tambem; mas nem todas: e aqui vai a principal distincção; todos os cidadãos estão na mesma posição para com a *cidade,* mas a respeito do Estado o grande número é subdito, e um é o soberano. [1] E ésta é a capital diversidade de posição que, assim como em outras coisas, exige diversidade no ensino da historia.

O sexo requererá a seu tempo e quando mais declarado estiver, certas modificações, não alterações: porora a futura posição social é a unica variação positiva o bem marcada que temos.

Ésta diversidade porêm não exige (bem fóra está d'isso) que seja inteiramente diverso o methodo por que se ensine a historia moral. O soberano é cidadão como o subdito, e so differe moralmente d'elle em ter maior número de obrigações e por conseqüencia maior número

[1] Nos governos em que o chefe do Estado não é só um individuo, aquelles que exercem a soberania não são individualmente senão simples cidadãos, pois o soberano é o corpo collectivo e não as pessoas que o formam.

de direitos, [1] em serem mais restrictas aquellas e por conseqüencia mais fortes estes. A diversidade é numerica e não de qualidade, — ou, em mais rigor de phrase, o principe moralmente não *differe* em nada, e *excede* em muito ao subdito.

Se vou direito em meus raciocinios e não concebo erradas éstas noções moraes e sociaes, ou não érro em seu desinvolvimento e applicação ao ponto em que estamos, — a historia [2] deve ser uniformemente ensinada a todos pelo methodo que expuz. [3]

Ésta regra não tem excepção nenhuma, mas tem uma ampliação e uma modificação : ampliada deve ser na educação do soberano, modificada na educação feminina. [4] E quando em uma mesma pessoa concorrerem as circumstâncias da ampliação e da modificação, teremos de combinar uma terceira especie em que po-

[1] Todo o direito nasce ou resulta de uma obrigação, e vice versa.

[2] A historia como elemento moral, repito.

[3] Na carta antecedente, VI. Parte II.

[4] Veja a carta IX. Parte II.

nhamos as duas primeiras em harmonia uma com outra, e as equilibremos para que se não destruam mútuas.

São talvez abstractas de-mais éstas linhas; não podiam deixar de sê-lo: tratemos de as contrahir e de as tornar mais claras e faceis pela applicação.

Ficou estabelecida na carta precedente a regra do ensino historico moral, como complemento que é da educação do coração. Não se exceptua d'ésta regra a instituição do principe, porêm deve ampliá-la. O principe é *tudo* o que é o subdito; e como elle deve estudar o coração humano, ver em práctica os effeitos da virtude para a amar, e as conseqüencias do vício para o abhorrecer. Mas o principe é *mais* do que o subdito; e por tanto é mais amplo e circumstanciado o quadro de experiencias que tem de se lhe mostrar, e mais appropriado a sua posição.

Carece pois o nosso livro historico uma ampliação; pôr-lhe-hemos uma terceira parte para a educação do soberano. Ésta será um « Plutarcho de Principes », uma collecção de vidas de reis, imperadores e chefes d'Estado, que

extrahiremos de toda a historia antiga e moderna, mas especialmente da nossa. As virtudes e vicios dos bons e dos maus reis, os crimes dos tyrannos, as fortunas de uns e a infelicidade de outros, tudo será de proficua lição.

Diga-lhe a historia dos Judeus os primeiros felices dias do reinado de Saül contados por actos de justiça e clemencia, diga-lhe seus derradeiros amargurados dias de perseguição, de remorso, de guerra civil, terminados em violenta e desastrosa morte. Conte-lhe as virtudes e os crimes de David, a sabedoria e desvarios de Salomão, o reino dividido e perdido pela fraqueza e vicios de Roboão, as tyrannias e o castigo de Achab e Jesabel.

Não lhe mostrará a historia dos Egypcios as legendas de Isis e Osiris nem os contos de Menes [1] nem as confusas memorias dos « reis pastores », ou do fastoso e litterato [2] Osymandias

[1] Desde este até Psamnitico se contam os tempos *heroicos*, isto é, semi-fabulosos da historia egypcia. Em Psamnitico começa o que ja designâmos « tempo verdadeiro », 2339 annos depois do diluvio — se taes chronologias são certas.

[2] Sôbre o portal de uma bibliotheca que edificára

ou da cruel Nitocris, — que de todos esses pouco mais sabe ella hoje que os nomes: mas ja em Sesostris, apezar das fábulas que lhe involvem a chronica, póde mostrar o conquistador e o civilizador. Dahi passando pela anarchia dos «doze reis», pelas astucias de Apries, pela involuntaria elevação de Amasis e o tragico fim de seu filho, até á dominação persa, — depois involvido nas conquistas de Alexandre, chamado a independente existencia pelos Ptlomeus, e absorvido a final no golpham da dominação romana, e de então até hoje passando de conquista a conquista, de senhorio a senhohorio, — o Egypto offerecerá ao nosso pupillo um dos mais ferteis campos da historia antiga que póde arar a moral.

Da historia dos Babylonios pouco mais temos que uma arida nomenclatura. A ruïna de Nebonedio ou Nabonit, que a Escriptura chama Baltazar, é o derradeiro e o mais interessante facto d'ella que nos chegou.

Dos Medos seus conquistadores não es-

em Memphis, Osymandias mandou gravar ésta inscripção Ψυχῆς ἰάτρειον, *remedio d'alma*.

*

capou mais ao tempo. De Astiages ou Assuero ou Ahasuero, o mais que sabemos é por uma chronica destacada nos ultimos livros historicos do Velho-testamento. [1] Pelo mesmo anda o que temos de Syrios, Assyrios, Phenicios, etc.

A todos estes e a outros menos importantes povos do Oriente reüniram os Persas sob sua dominação. E aqui ja temos grandes documentos nos Cyros, nos Cambyses, nos Darios, nos Xerxes e Artaxerxes, e em toda essa longa serie de soberanos que a Grecia designava pelo nome pomposo de Grandes-reis.

D'essa ricca e variada historia da Grecia e Roma, d'essa historia por excellencia, em que não ha virtude nem vício do coração humano que não tenha seu exemplar, está ja quasi toda feita a escolha nas vidas de Plutarcho; [2] e com este e com Cornelio-Nepote será leve nossa tarefa, que toda consistirá em cortarmos onde é longo para a attenção de tam poucos an-

[1] O livro d'Esther.

[2] Nas vidas de Plutarcho temos, além d'essas, as de muitos barbaros tambem.

nos, ou em lançar mais espesso veo onde o muito nu da pintura offenderia olhos tam innocentes, ou em rectificar uma e outra opinião fabulosa [1] que a cegueira dos tempos e o supersticioso da religião, a despeito da philosophia, deixou passar.

Os *parallelos* de Plutarcho não são inda para ésta idade, e não tractaremos de os accommodar por ora ao uso e comprehensão do nosso educando. [2]

A historia do Baixo-imperio, que é a da decadencia romana e aviltamento grego, não é talvez menos ricca seara para nossas colheitas: com Gibbon e Montesquieu na mão, palparemos por essas trevas de vicios e atrocidades, em busca de raras virtudes que todavia por ahi luzem, como por noite tenebrosa brilham as mal-semeadas estrellas em ceo negro e feio. E desde o Constantino, que (justa ou injusta?)

[1] Que não são raras no proprio Plutarcho; tanto os maiores homens são sempre tocados dos preconceitos do seu seculo.

[2] Em seu logar conveniente fallaremos mais d'espaço d'estes celebrados *parallelos* de Plutarcho.

posteridade chamou o grande, até o derradeiro Constantino — (quasi brinco do fado que tambem no Occidente acabou em Augustullo o que em Augusto começára) o que ahi vai de exemplos e de licções para reis e principes! Que theatro para dissecar todos esses cadaveres historicos e anatomizar o coração humano! Que autopsias em Juliano, em Justiniano, em Theodosio! Ja não é Roma, mas aïnda é sua grande sombra. Não cheguemos até os Paleologos, aos derradeiros tempos de prostituição e infamia: á fôrça de repettidas abominações e horrores, essa historia é monotona e abhorrecida. De tudo isso nada ha que apprender: são as agonias de um grande povo cansado de viver, fatigado de vicios e deboche, suïcidando-se sem coragem, e luctando nas âncias do passamento sem resolução para voltar á vida nem ânimo para affrontar com a morte.

A mão vigorosa dos barbaros dá por terra com esses dous imperios d'Occidente e Oriente: mas no Occidente meio-conquistados os vencedores da civilização dos vencidos, no Oriente destruïndo o escasso resto d'ella que aïnda acharam, estes abraçando a religião de seus escra-

vos, [1] aquelles impondo-lhes a sua, [2] — appresentam um quadro novo e cheio de nobres e interessantes figuras, das quaes não poucas devêmos copiar para o nosso *album* de moral, e enriquecer com ellas o « exemplar historico para principes. » Desde Atila, o açoite de Deus, até Rodrigo, o derradeiro dos Godos, por toda a Europa e muita da Africa e Asia nos apparecerão os grandes homens d'este povo extraordinario, barbaro até na civilização, barbaro em suas proprias virtudes. Desde o propheta de Mecka até o último Hassan [3] de Granada, que exemplares n'esses caliphas de Bagdad, que heroes n'esses soldões do Egypto, que documentos para a moral em toda essa longa historia de conquistadores sanguinarios, de reis pacificos, de monstros de intolerancia e crimes, de modelos de virtude e arte de reinar!

Todas essas historias porêm somente são nossas por serem as das nações nossas progenito-

[1] Os Godos, Hunnos etc. que avassalaram o Occidente.

[2] Os Arabes, Turcos etc. que subjugaram o Oriente.

[3] Muley Aben Hassan expulso por Fernando e Izabel em 1481.

ras, ou se enlaçarem com a nossa. Mas a historia nossa propria, e da qual mais cumpre tirar bons documentos para a educação de um principe, é a dos povos que hoje vivêmos e que todos, por similhança de instituições, [1] communhão de religião, parentesco de sangue e affinidade de linguagem, todos nos parecêmos mais ou menos uns com outros. Os Cárlos e Luizes de França, os Alfredos e Henriques de Inglaterra, os Maximilianos e Sigismundos e Leopoldos de Allemanha, os Gustavos de Suecia, os Erics e Christiernos de Dinamarca, os Fredericos de Prussia, os Guilhermes de Hollanda, os Wenceslaus de Polonia, os Ladislaus de Hungria e Bohemia, os Iwans e Pedros da Russia, os Fernandos e Philippes de Castella, os Affonsos e Joões de Portugal são em geral os melhores exemplares para um principe moderno ; especialmente para cada-um, os de seus

[1] As instituições politicas de todos os povos que se elevaram das ruinas do imperio romano no Occidente são quasi homogeneas. Veja, entre outros, a Robertson na introducção á historia de Carlos V., talvez o mais elegante e profundo tracto de historia que modernamente se tem escripto.

antecessores; e individualmente em nosso caso, os de nossos reis portuguezes, que em oito seculos de monarchia por variadas fortunas, em tempos de grandeza e de miseria, de glória e de vergonha nacional, nos deixaram documentos para toda a licção de moral experiencia, em virtudes e vicios domesticos, em virtudes e vicios de reis, em tudo quanto para modêlo ou escarmento precisa de apontar a educação de um principe.

Não ha disciplina que mais approveite a um soberano do que ésta. Quando não fosse mister ensinar a historia a todos os homens, sempre devêra ensinar-se aos principes: disse o eloqüente Bossuet. Ella lhe formará melhor o coração do que todos os tractados de moral, falo-ha mais religioso que todos os livros mysticos, ensinar-lhe-ha mais politica e arte de reinar [1] do que todas as institutas de direito público. E observe-se que o laço íntimo que prende a educação moral á do espirito aqui é mais

[1] Nos commentarios aos primeiros livros de Tito Livio por Machiavelo ha mais profunda e fina politica do que no seu *Principe*.

estreito e arrochado: com as reflexões moraes, que é offício principal do mentor fazer no ensino da historia n'ésta epocha da educação, — agora ja deve ir manso e manso juntando suas observações politicas sôbre as instituições dos povos, suas leis, costumes e character. Diz Rousseau, no logar que já citei, ser o estudo da moral inseparavel do da politica: se isso é alguma vez rigorosamente exacto, é quando se tracta da educação de um principe. N'essa todavia, bem como em qualquer outra educação, cumpre tomar tento com a historia antiga e seus exemplos, que a não « traduzam á lettra » e queiram ser cegos imitadores do que para nossos habitos e modo de ser hodierno é impracticavel: não tenhamos Carlos XII. querendo fazer de Alexandre Magno em nossos tempos prosaicos. A historia tem seu romance como as novellas; e a exaltação do maravilhoso verdadeiro póde fazer Quixotes como o fingido.

Assim deverá caminhar o real pupillo pelo variado campo da historia, colhendo as flores e os fructos, arrancando os espinhos e abrolhos, evitando a relva enganosa em que se esconde a serpente, fugindo a varzea florída em que

viça a cicuta, não desprezando o arido sequeiro por onde cresce a mandragora, e examinando tanto a encosta cultivada onde loureja a espiga ou purpureia o racimo para alimento e gôso da vida, como o alcantil bravo e fragoso onde se acha o musgo medicinal para remedio da saüde. Caminhe assim n'ésta viagem á volta do mundo e venha acabá-la em seu païz: venha rematar o estudo moral da historia com a historia da sua nação, a qual mais que todas as outras lhe hade approveitar.

CARTA OITAVA

Continuação do mesmo assumpto. Applicação dos principios estabelecidos á educação de um principe portuguez; — como se lhe deve ensinar a historia de seus avós.

Minha Senhora,

Não me deterei mais em generalidades, nem examinarei agora como em cada païz deveriam ensinar a seus principes os primeiros elementos da historia nacional; mas virei direito á minha especie. A um principe portuguez temos de ensinar rudimentos de historia portugueza como elemento e para complemento de sua educação moral: d'essa trataremos sómente.

O methodo certamente vicioso com que pelo

geral está escripto o mais que de nossas historias temos, é n'este caso o proprio e recto. Por vidas de reis e chronicas de seus feitos foram escrevendo nossos historiadores, em vez de marcar suas epochas e divisões pelos acontecimentos notaveis que alteraram o «modo de ser» da nação; fizeram a chronica de uma familia em vez da historia de um povo. Mas para nosso fim presente a chronica convem mais que a historia: o plano de Suetonio, de Tacito e de Plutarcho serve-nos melhor que o de Thucidides e Tito-Livio. E se todas as nossas chronicas fossem tam miüdas e privadas como a de Gomes de Azurara, Fernão Lopes e Rezende, aïnda mais nos conviriam.

Deixaremos portanto n'este caso todos os periodos obscuros e mal investigados da nossa historia, deixaremos o *antiquissimo* e contentar-nos-hemos de começar pelo *antigo;* será a historia portugueza, sem nada da lusitana, a que nos dara materia para formarmos o nosso livro.

Mas postoque seja todo moral o nosso fim, não ha motivo paraque não dêmos alguma attenção á chronologia, com quê ja iremos aju-

dando a educação do espirito sem prejudicarmos a do coração.

Começaremos pois dizendo-lhe esse pouco que sabe a historia do nobre e valoroso cavalleiro D. Henrique, tronco illustre da Real casa portugueza.

Contaremos de Affonso Henriques, o heroico fundador de Portugal que ja coroado pela victoria e não satisfeito do suffragio e eleição do exército, se rodeou dos magnatas e representantes do povo para lançarem os fundamentos á monarchia mais legitimamente [1] constitucional e representativa de toda a Europa, pois que de sua primeira origem e creação o foi. Diremos a firmeza do grande Affonso em manter a supremacia do podêr civil e não tolerar usurpações ecclesiasticas, seu zêlo pela independencia nacional, sua constancia no captiveiro, sua religião sincera. [2] Mas tambem

[1] Se é que as palavras legitimidade e legitimo aînda significam alguma coisa *hoje*.

[2] D'elle refferem chronistas que da Biblia fazia sua ordinaria leitura. Talvez *hoje*, no XIX seculo se não reputasse tam orthodoxa ésta práctica como no XI.

não deixaremos de notar a falta de piedade para com sua mãe, que a politica desculpou talvez mas que nunca hade justificar a moral. E quem nomeará Affonso Henriques sem fallar de Egas Moniz, d'esse primeiro illustre exemplar da lealdade portugueza? Chegámos — em mal! — a tempos de ser escassa entre nós a virtude que ja nos characterizou no mundo: memoremos com glória e com vergonha seus documentos.

Em D. Sancho I. veremos unidas com as virtudes guerreiras as virtudes pacíficas do pae-de-familias, do pae do seu povo, que em sua prosperidade e dilatação vigiou sempre e mereceu da prosperidade agradecida o nome de povoador.

Mau irmão, cubiçoso e duro, D. Affonso II. apparece todavia na historia como esforçado cavalleiro, cioso mantenedor da auctoridade civil, pela qual tam nobremente resistiu ás pretenções do clero e de Roma.

Com o desaventurado Sancho Capello (II.) foi injustissima a historia. Pintam-o rei indigno, froixo e cobarde: D. Sancho não o foi; de seu pae herdou as desavenças com o clero,

e as disputas com a usurpadora côrte de Roma, — sustentou-as como filho e como rei: a tenção era nobre, mas demaziada para as fôrças d'elle. Seu character brando e pacifico, seu amor das lettras e do estudo o entregaram desarmado nas mãos da tyrannia papal e do orgulho de seus vassallos [1] analphabeticos, que mais queriam um rei cavalleiro e capitão, por tyranno que fosse, do que um principe bom e humano que so sabia de livros e sciencias, imbelle mester de clerigos e monges que por esses tempos era fidalgo desprezar. D. Sancho ameaçado pelo ambicioso Innocencio IV., abandonado e perseguido dos seus, resistiu inda assim nobremente, mas afinal foi expulso e esbulhado do throno pela prepotencia do papa. Exule na terra estranha, resignado emfim, tranqüillo e satisfeito, e, como outro Diniz de Syracusa — mas sem os remorsos do tyranno da Sicilia — consolando-se na conversação das

[1] Digo *vassallos* no sentido d'aquelle tempo, grandes feudatarios, senhores poderosos que rendiam vassallagem á Coroa, mas com suas riquezas e podêr, coarctavam, quando não dominavam, a authoridade Real.

lettras da perda de uma coroa que tanto lhe magoára a frente... D. Sancho Capello é verdadeiramente um espectaculo de mostrar a principes.

Oh! se a côr do despeito e nobre indignação não affoguear a face do joven Soberano portuguez ao ler as affrontas d'este seu illustre avoengo... ou não tem coração, ou não o tem para principe. Mas se ao ver a nobre constancia e heroica devoção de Martim de Freitas, d'esse modêlo de lealdade, se ao ouvir tenir as chaves do castello de Coïmbra sôbre a loisa sepulchral de Toledo, seus olhos se não arrazarem de lagrymas, seu coração não bater de gratidão e respeito [1] por tal subdito, por tanta fé... esse coração nem é de homem nem de rei, — e ai do povo a quem tal rei se prepara!

Homem e rei foi Affonso III., que honrou e recompensou essa fidelidade que tanto em seu proprio damno se illustrára. Rodeado de leaes conselheiros mas sem valído, justo, activo, vi-

[1] Respeito sim: subditos d'estes, até o soberano os deve respeitar.

gilante, — a posteridade lhe chamou grande monarcha. Mas dispensa o solio das obrigações do thalamo, ou servem as virtudes do soberano de compensação para os crimes do homem? Não. D. Affonso foi mau e ingrato esposo: as lagrymas da desamparada Mathilde ahi lhe estão ressumbrando ainda com indeleveis nódoas nas paginas mais brilhantes de sua historia.

O maior elogio de D. Diniz, a mais lisongeira chronica que de seu reinado se podia fazer, fe-la a posteridade no appellido que lhe deu. DINIZ O LAVRADOR: — não ha eloqüencia de Plinio que faça melhor panegyrico, nem virtudes de Trajanno que o mereçam igual.

De Affonso IV. e seus conselheiros não sei qual é mais illustre e de louvar — se o nobre e memoravel SENÃO d'aquelles honrados velhos, se a generosidade do môço rei, que ouvindo-o ao princípio com despeito, soube depois reflectir e tomá-lo por bom serviço, e de leaes animos que era. [1]

[1] Citarei, apezar de mui sabida e citada, ésta passagem de Duarte Nunes na chronica d'aquelle rei: é das que nunca se repettem e recordam de sobejo:

*

Quem tal ouviu e tal fez, não podia deixar de ser grande rei: foi-o D. Affonso. O sangue innocente da bella Ignez de Castro inda lhe

«E nos começos de seu reinado, como elle (Affonso IV.) era muito inclinado á caça & a monte, & o cargo de gouernar tam trabalhoso, descuidauase algum tanto do gouerno, & de ouuir as partes, de que hauia algûs queixumes. Pelo que indo el-Rei de Lisboa ao termo de Sintra a caça, onde esteue perto de hum mes, a tempo que trataua em conselho negocios de importancia, sobre o regimento do reino, uendo os do conselho quam mal se hauia naquelles começos por hûa liuiandade, quando veo e tornou ao conselho, despois que elle fallou o que passara na caça, hum dos conselheiros, por accordo de todos, lhe dixe: Senhor, deueis de emendar a ordem que leuaes, & lembraruos que nos sois dados por Rei para nos regerdes, & por isso vos damos nossos tributos, & mantemos na honra em que staes, & vós tomais a caça por officio, & o gouerno de vosso reino por passatempo, sendo certo que Deus não vos hade pedir conta dos porcos, ou veados que não matastes senão das partes que não ouuistes, & dos negocios de vossa obrigação que não despachastes, como agora fizestes, que stando no meo de cousa tam importante aa Republica, deixastes o conselho, em que ereis tam necessario, & fostes aa caça per tantos dias, & nós aqui ociosos sperando por vós. Leuai outro caminho, & senão... El Rei que de sua condição era agastado & brauo, como tinha por sobrenome, ouuindo palaura tam insolente respondeu mui indignado: Sanão? Ao que todos os do conselho responderão: Senão buscaremos Rei que nos gouerne em justiça, & não deixe de gouernar seus vassallos por andar apos as bestas feras. A isto respondeu el-Rei mais indignado: Os meus me hão dizer a mi senão? a mi senão? A vós (dixerão elles) todaslas vezes que fizerdes o que não deveis. El Rei se saio do conselho mui irado, & suspenso do que faria. Mas cuidando despois, que lho

chama cruel e tyranno; chama-lh'o nosso coração quando le, entre indignado e enternecido, o canto dos vates [1] que celebraram e choraram tam lastimoso fado. Mas D. Affonso não éra cruel: cedeu por velho e abatido, cedeu a escrupulos de religião, cedeu a crueis razões d'Estado.

Pedro *cru* ou Pedro *justiceiro* chamaremos nós ao primeiro d'este nome sempre illustre em Portugal? Chamemos-lhe ambos, que ambos foi: *cruel* não, que o não sabemos de seu ânimo ou acções: acaso demaziou a severidade até á crueza, mas não a embruteceu até á

dizião por seu serviço, & por o que lhe conuinha, teueos por boõs seruidores. Desta maneira usauão os conselheiros daquelles tempos passados, liures da auareza, ambição & luxo dos tempos presentes. Por que se contentavão com hũa vida simples, & santa sobrìedade. Pelo que como comião, vestião, & edificauão com pouco, não tinhão necessidade de muito: nem trazião com seus Reis continuos requerimeutos per que perdessem a liberdade, que é o fundamento & a alma dos conselhos. »

D. N. de Leão. Part. I. das Chron., chron. de D. Aff. IV. pag. 80 *e* 81, *ediç. de Lisboa de* 1774.

[1] A posteridade associou para sempre o nome de Camões ao de Ignez de Castro. Tem ella sido justa em não pôr, ao menos a par, o de Ferreira que primeiro cantou de seu triste fado?

crueldade. So no castigo de Pacheco talvez degenerou n'essa última; — mas se para taes acções ha desculpa, quanta não tinha o amante de Ignez! [1].

A chronica de D. Fernando, cuja leviandade de cabeça e devassidão d'alma trouxeram Portugal á ultima ruïna, — é um dos mais interessantes quadros moraes de nossa historia. O duplice adulterio de Leonor, o aleivoso assacinio de Maria Telles, as desgraças de Beatriz, o memorando castigo do conde Andeiro, são terriveis documentos das funestas conseqüencias d'um reinado immoral e dissoluto.

Com a raça Joannina, que no mestre d'Avis teve princípio, começam as fortunas e glória de Portugal, e sua verdadeira idade de ouro. Na vida de João I. esforçado, generoso, magnanimo, o Tito e Henrique IV. dos portugue-

[1] Uma das mais delicadas gradações ou matizes synonimicos da bella lingua portugueza é a distincção entre *cru* e *cruel* etc. A crueza é um excesso vicioso de severidade, a qual involve justiça; mas a crueldade é essencialmente injusta. Aquella é a demazia de uma virtude que ja o não é: esta é um requinte de maldade que sempre o foi.

zes, na de sua excellente esposa e leaes amigos Nun'alv'res Pereira, e João das Regras, temos vasta e variada licção de todas as virtudes.

Nenhum rei de Portugal, talvez nenhum rei da terra, deixou seu throno rodeado de prole tam excellente e generosa. Apezar do breve reinado de Duarte, os portuguezes tiveram ampla vista de seu coração angelico onde morou toda a virtude. E que exemplares para a educação de um principe na resignação e patriotismo de Fernando o martyr da patria, no civismo e fortaleza de João o prudente, nos talentos varonis da politica Isabel, no vasto e profundo ingenho de Henrique o pae da civilização moderna, e em fim nas virtudes sem par de Pedro o legislador, o patriota, o symbolo da honra, da lealdade, da amizade!

Affonso V. foi ás ruïnas de Carthago colhêr os louros de Scipião. Chamaram-lhe africano por essas victorias; deviam chamar-lhe carthaginez por sua fe toda punica, e desleal ingratidão. O sangue civil de Alfarrobeira, o sangue de seu tio, de seu sogro, de seu mentor, de seu bemfeitor, de seu pae (que tudo e mais

lhe era o duque de Coïmbra) clamará por toda a posteridade contra a glória de Affonso. Seu coração não era mau, porêm facil e inconstante, — que peior deffeito não póde ter um rei. Nem melhor era sua cabeça: as guerras da Excellente Senhora, a louca visita ao Nero da França, a intentada peregrinação á Terra-Sancta, sua abdicação e reassumpção da coroa, — tudo mostra o homem vário, leviano, — mau rei alfim.

D. João II., a quem chamaram o principe perfeito, e de quem cantou o maior dos poetas modernos

Que ensinou a ser reis os reis do mundo,

foi certamente um «grande monarcha;» mas foi elle «um bom rei?» — Muita vez foi justo, muita protegeu o povo e o desoppressou das vexações da nobreza e usurpações do clero: mas não deu elle o primeiro golpe fatal na antiga constituïção do Estado? — em vez de a emendar, não a destruiu?

A D. Manuel disseram o affortunado; deviam appellidá-lo o feliz: a fortuna não de-

pende de nós, a felicidade sim. D. Manuel, ajudou-o muito a fortuna; mas sua felicidade não a deveu ao acaso, sim á madureza de seus conselhos, á constancia e firmeza de sua resolução, á sua vasta instrucção, á sua generosidade, á boa fe de seus tractados, á agudeza com que sempre discerniu os homens de talento, á sua justa e temperada severidade, a seu amor e protecção das sciencias, sua religião verdadeira e san. [1] E que homens não teve Portugal n'este reinado! E que païz não terá grandes homens com tal rei!

D. João III. protegeu as sciencias e as lettras; e sob seu reinado os portuguezes foram a mais instruïda e litterata nação da Europa. Mas a Inquisição, a terrivel Inquisição, é a nódoa... — nódoa de sangue e fogo! — de sua chronica brilhante.

De seu irmão D. Henrique, depois Cardeal-rei, veio a morte a Portugal, pela fanatica

[1] A expulsão dos infelizes portuguezes que professavam a lei antiga, sem mais crime que esse, é a mancha escura da glória d'El Rei D. Manuel: inclino-me porêm a crer que este foi mais êrro de politica mal avisada, do que intolerancia de fanatismo.

educação que deu a seu pupillo e sobrinho, o desgraçado D. Sebastião. Que escarmento para um joven soberano não é esse infeliz mancebo, sentado sôbre o throno de uma das maiores e mais florentes monarchias que então tinha a terra, ricco, forte, poderoso, obedecido, amado — e por um louco amor de falsa glória, por cegueira de fanatismo, precipitado, n'um dia, da alteza d'esse throno, — do throno que tambem não tardou a desabar sôbre elle, e foi a lousa sepulchral de seu incerto jazigo!

Que diremos do velho sacerdote affogado aopé da cova sob a duplice purpura de rei e cardeal, que se vem sentar nas ruïnas de um throno derribado, a presidir á agonia... (Não: o infeliz povo ja havia expirado!) — ao amortalhamento, ao sahimento e enterro de uma nação em cuja morte o malfadado não fôra pequeno causador? — Louvemos sua piedade, que a piedade é sempre de louvar; mas observemos que, de mal intendida, o cegou e desvairou para ruïna de sua familia e perdição de um povo inteiro.

Sessenta annos de escravidão, de vituperio

e affrontas, pagou a nação os delirios de seus reis. [1] Mas aïnda durante esse mesmo captiveiro ha grandes memorias de virtude, — bem como tristes exemplos de cobardia e vergonha. Voltemos a face para não vermos a João de Mascarenhas ensopando no baixo lodo da traição a opa do trïumpho que em Dio se tingíra de tam nobre purpura. Não vejamos esse, não vejamos outros de cujos nomes se peja aïnda a nossa historia, — historia que sempre foi a da lealdade e da honra — até... até estes dias de vergonha em que vivêmos.

Cheguemos de-pressa ao nobre feito de João Pinto Ribeiro, e da flor da nobreza de Portugal que o ajudou a lavar n'um so dia os sessenta annos de oppróbrio. Agora ja teremos ânimo, e (permita-se uma phrase rasteira) já teremos cara para fallar nos crimes e castigo de Vasconcellos. Agora, recobrados nossos antigos reis e leis, estudemos na bondade e prudencia de João IV. (excellentes qualidades, talvez mareadas de timidez e descuido, mas

[1] Quidquid delirant reges plectuntur Achivi.

HORAT.

predominantes comtudo em seu coração); e apprendamos fortaleza e ânimo varonil da grande alma de sua heroica esposa.

Mereceu o malfadado Affonso VI. seu triste fim? Não é este proprio logar do exame: mas se elle foi, como muitos crem, mais desgraçado que vicioso, — mais para ferir é seu exemplo, mais alto brada aos principes e lhes mostra o perigo de se entregarem a valídos, de se alienarem a estima pública e o amor do povo que governam.

Não levantemos, que não é proprio ensejo, o veo raro que cobre as transacções da regencia de D. Pedro II., do casamento e divorcio da princeza de Nemours, e as outras occurrencias d'ésta epocha memoravel. Como rei, D. Pedro foi justo e amado. A politica o accusará talvez do muito que cedeu á predominação ingleza: não sei ou não posso examinar agora a justiça da accusação.

D. João V. protegeu as lettras e as artes; D. José restaurou as sciencias... Paremos aqui: não estamos aïnda em distancia de julgar de accontecimentos tam proximos — de pessoas apenas citadas perante o tribunal da

posteridade, mas que aïnda não teem juizes competentes e imparciaes, na geração presente. [1]

[1] Na Carta V. d'ésta II. Parte aventurei algumas reflexões sôbre o mesmo periodo que agora receio tocar: levou-me a transcendencia da materia d'aquella carta a correr um risco, que aqui julgo desnecessario affrontar.

CARTA NONA

Primeira distincção da educação feminina da masculina, — deduzida da differença dos sexos. — Modificação no livro historico. — Outras modificações no physico e moral da educação feminina, antes de completamente separada da masculina.

Minha Senhora,

Descrevi o meu livro de historia tal como eu supponho que deve ser o primeiro livro dos meninos para lhes haver de dar um curso de experiencias por onde, sem abstracções nem metaphysicas, se lhes ensinem todos os principios de moral. Por este livro apprenderá a ler o nosso pupillo.

A *ler* digo; não a conhecer as lettras, a solettrá-las em syllabas ou a ligar éstas em pa-

lavras;[1] mas a ler, isto é, a recitar orações e periodos, a graduar as inflexões da voz, as pausas, a intender emfim um discurso, um livro, — a *ler* na lata accepção do termo. E n'este ponto, como em tantos outros, temos a educação intellectual intimamente ligada com a moral, e caminhando a passo.

Ampliámos este livro para nos servir ao mais amplo fim da educação do principe; temos de o modificar para a educação feminina.

Não ha certamente para o bello-sexo outra moral differente da nossa; deu-lhe a natureza os mesmos direitos, impoz-lhe as mesmas obrigações: o que fez a natureza, não alterou a religião; e o que a religião e a natureza estabeleceram, nem a sociedade civil tinha jus para mudar, nem actualmente e de facto o alterou. Mas para o exercicio dos mesmos direitos, para o cumprimento das mesmas obrigações, a natureza deu á mulher meios differentes dos que deu ao homem. A fôrça que Deus

[1] Esse trabalho deve estar feito desde o principio d'ésta ephoca.

poz no braço do homem, está nos labios e nos olhos da mulher. A fortaleza e decisão são o vigor do character masculino; a generosa resignação, a gentil deferencia, a constancia no soffrimento e nas privações, são o vigor, não menos poderoso e efficaz, da indole feminina. Nós presummimos de concepção mais vasta e aguda; ellas teem um sentimento mais fino e apurado, uma sensibilidade mais viva e delicada. Nas transacções mais ordinarias da vida, nas questões mais transcendentes, na collisão moral mais difficil, no ponto litterario mais melindroso, no mais mimoso objecto d'artes, rara vez a *exquisita* sensibilidade da mulher não julgará melhor que a profunda reflexão do homem.

Um dos preconceitos communs que obtiveram assenso geral e usurparam logar de axioma, é o da fraqueza da mulher. « A mulher é fraca e o homem forte », estabeleceu o nosso orgulho; « a mulher tem de servir e o homem de mandar » concluïu o nosso egoïsmo. Estava por nós a fôrça physica, que nos deu razão no *principio;* deu-nos mais, a apparencia de justiça na *conseqüencia.*

Mas o princípio é falso completamente, a conseqüencia não.

Leitores vulgares, não riais do meu paradoxo; reflecti, e vereis que o não é. Uma conseqüencia póde ser errada ou certa a respeito do princípio de que se pretende tirar; póde caducar em relação a elle porque elle caduca, e ser comtudo absolutamente certa e verdadeira em si, porque outro princípio a fez, ou porque ella em si mesma é um precipicio. O viandante que se transviou da estrada direita e real, e se embrenhou por baldios cegos, ou caminhou por fragosos precipicios e ingremes veredas, — se chegou, embora tarde e mal, á poisada da noite, — não chegou *menos,* do que essoutro mais avisado ou mais feliz que se não desviou do caminho trilhado e plano. O mareante que perdeu seu rumo, e descahiu talvez á contra-costa do porto que buscava, mas que por fôrça de ventos e máres ou correntias, a não sabidas suas la foi dar ao cabo, não chegou *menos,* que o certeiro piloto que, oitante e carta na mão, o foi demandar em regulares cingraduras.

Assim nós por um princípio falso chegámos

a uma conseqüencia que o não é. Não que a mulher deva servir ao homem: o termo nem é gallante, nem polido nem justo. Mas que a mulher deve estar em certa sujeição ao homem porque depende d'elle. Não porque a mulher seja fraca: «fraqueza» quer dizer «desigualdade entre as necessidades e o desejo que d'ellas nasce, e os meios de o satisfazer:» e a natureza tanto proveu a mulher como o homem, dos meios proporcionados ás necessidades que lhe deu. Não porque ella o seja relativamente ao homem, porque se houveramos de regular na sociedade a supremacia pela exacta proporção das fôrças physicas, teriamos de brigar cada anno, talvez cada dia, para saber quem tinha melhores musculos de govêrno. Não por isso, mas porque a sociedade, para a qual nos creou a natureza e fóra da qual não podêmos viver, exige uma actividade e quantidade de serviços com que a mulher não póde porque essencialmente foi moldada pela natureza para mãe. Tirae a circumstância da gravidação, e todas as outras conseqüencias que acompanham a maternidade, e a mulher fica perfeitamente

igual ao homem.[1] Quanto mais perfeito é o estado de civilização, tanto é mais sensivel e marcada ésta unica differença moral dos sexos. Observae a sociedade em seu estado mais rudo e imperfeito; vereis quam pouco a mulher se distingue do homem, na força muscular, no uso dos trabalhos mais pesados e grosseiros, na propria guerra, nos exercicios todos, até nos desvarios e excessos. Observae a sociedade em seu estado de decadencia; e vereis nos païzes em que a civilização degenerou ja em dissolução e se corrompeu — o homem assimilhado á mulher pela timidez e domesticidade, a mulher abandonando a domesticidade e o recato para se misturar nos prazeres tumultuarios do outro sexo; — e a pretendida supremacia varonil reduzida a um nome vão e ridiculo. A mulher deixa de ser mãe, para o que a natureza a formou; é erudita, é auctora, é estadista, é tudo menos *mulher:* com todos os vicios do nosso, não tem nenhuma das virtudes do seu

[1] As Amazonas, de que fabularam antigos e modernos, para pretenderem a igualdade com os homens, renunciavam ás nupcias e á maternidade.

sexo. Começae nas manadas selvagens da Terra do Natal ou dos *Esquimaux,* segui os progressos da civilização em sua ascendente e decrescente até os dias de Heliogabalo em Roma, dos Paleologos em Constantinopla, da revolução em França; achareis a mulher em todos esses estados: dizei-me qual é o natural.

Homem, que es todo excessos, homem que a natureza fez moderado e racional, e que tuas paixões loucas [1] levam de exageração a exageração, sempre para aquem ou para alêm da verdade, — homem que não sabes ser senão Diogenes ou Aristippo, Heraclito ou Democrito, Mario ou Sylla, avaro ou perdulario, austero ou devasso, ignorante ou treslido, escravo ou tyranno, demagogo ou sycophanta, fanatico ou atheu — homem! sê uma vez homem e racional, sê uma vez o que a natureza te fez e o Creador te formou. A mulher é porção de

[1] As paixões são da natureza do homem, nem fôra possivel despi-lo d'ellas sem lh'a alterar: mas assim como a ausencia de paixões alteraria a natureza do ente racional, tambem seu excesso e desvario a corrompe.

tua especie, creou-a quem te creou. O Auctor de tudo, que reservou para si o mysterio de teu destino, tambem reservou o d'ella. No que ves e no que sentes não achas mais differença senão que nasces para pae tu, para mãe ella. Por estes unicos dados que tens, te hasde regular: commettes para ti um êrro, para ella uma injustiça, para o Creador uma offensa se te desvias d'este norte, que te foi dado para dirigir tua estrada, e determinar as raias das reciprocas obrigações e direitos que entre o homem e a mulher se mutuam.

Por mim, não conheço outra differença entre os dous sexos da humanidade. Tudo o mais que dizem os philosophos e os seus livros, não o intendo; tudo o mais que mandam leis e estabelecem usanças, me parece injustiça e usurpação, contra a qual se rebellam a um tempo meu coração e meu espirito.

O que me diz a natureza, diz-m'o a educação, que a não póde nem deve contrastar. Eu não sei como se possa educar um homem senão para ser pae, uma mulher senão para ser mãe. As leis dos homens que teem outros fins, que lhe dem, como intenderem, suas re-

gras para essa educação facticia: eu não as acho nem na natureza da humanidade nem na da sociedade; e alêm d'essas não sei de outras fontes.[1]

A natureza n'ésta epocha em que estamos[2] inda não marcou o sexo do educando pelo exercicio a que o destina; ja o indicou para o conhecermos: e a arte, que é a educação, não contraría, mas so precede a natureza.

Comecemos pois desde ja, não a ensinar ao nosso pupillo do sexo feminino moral differente da que ensinâmos ao do outro, mas a modificar e accomodar nossas lições ás differentes posições em que na sociedade absoluta os collocou

[1] Considerada a natureza do homem, e a da sociedade para a qual elle foi feito, todos temos obrigação de ser esposos e paes. Taes podem ser todavia as circumstancias da sociedade positiva em que vivêmos, que essa obrigação cesse para muitos: assim se explica o celibato religioso, o militar, e em muitos casos o voluntario. O que nunca é explicavel nem desculpavel é o celibato da libertinagem, que faz mais damno aos Estados do que todos os outros.

[2] No fim do periodo que vai da puericia á adolescencia.

a lei natural, e na bem ordenada sociedade civil os deve constituir a lei positiva.

Sujeitando a ésta regra generalissima a especie do nosso livro historico, tractaremos de fazer a modificação que mencionei, [1] escolhendo, para formar outra parte d'elle, exemplares de amor filial, de lealdade e devoção conjugal, de desvêllo e abnegação materna. As fontes estão indicadas; o modo de as derivar exposto; o resto é facil de conceber e executar.

Tórno a repetir que a natureza inda não marcou n'este periodo da idade em que estamos as essenciaes differenças do sexo; mas que a educação, que a preve e antecede, ja desde o meado d'ésta epocha se começa a preparar para a futura. [2]

A mãe confunde aïnda em seu regaço ameigador o filho e a filha; ambos vão inda folgar os mesmos folguedos emtôrno d'ella, ambos ouvem as mesmas lições; e nem a ligeira tunica, em tanto gôsto lavrada pelos dedos maternos, é

[1] Carta VII. Part. II. do Liv. I.

[2] Da adolescencia á puberdade nos homens, e da adolescencia á nubilidade nas mulheres.

quasi differente para um e para outro. O educando que não tem a desgraça de ser orpham [1] não tem — ou não deve ter aïnda outro mentor senão essa mãe querida e ciosa, que so abdicará o natural imperio de sua tutella quando no vigor da adolescencia for necessario separar, da donzellinha que deve ficar no seio materno e sob a vigilancia d'aquelles olhos que nenhuns olhos supprem, o moço forte e robusto que deve ir endurecer de coração e corpo, e desembaraçar de espirito e cabeça para companhia de homens, para a educação do collegio e da eschola pública. [2]

Não tarda o momento em que o coração da mãe hade fazer esse sacrificio á necessidade: porora inda o não fez nem deve fazer; porora é ella a tutora natural, a mestra unica, a educadora absoluta de seus filhos todos. Mas a prudente e avisada mãe (ou quem suas funcções exerce) vai preparando os seus queridos pupil-

[1] De mãe.

[2] Vej. ao diante no Liv. II. Quanto ao modo, a educação feminina principalmente se distingue da masculina, em que ésta deve ser pública e em commum, aquella privada e doméstica.

los para ésta separação forçosa, vai ja prevenindo a distincção dos sexos. N'esses dous innocentes, em cujos rostos lisos nem Hermes nem Aphrodite se distinguem aïnda, em cujas fórmas arredondadas se ve ainda a igualdade e indecisão do sexo, a previdente mãe ja distingue n'um os lineamentos robustos e musculares que hãode fazer a belleza de seu querido filho, — ja anticipa n'outro os contornos delicados e as graças modestas que hãode ser a formosura da sua adorada filha. N'aquelle ja ve, com orgulho de mãe, o futuro amparo de seu pae velho, o protector de sua irman orphan, o pae-de-familias vigilante e trabalhador, o cidadão zeloso e activo, o soldado forte e endurecido a trabalhos e privações. N'ésta ja descobre, com vaidade e complacencia de mãe e educadora, a íntima amiga de seu peito, a donzella prendada e honesta, objecto disputado pelo honrado gallanteio da mais nobre [1] juventude, a esposa feliz e adorada, a mãe carinhosa e querida, a matrona respeitada, emfim,

[1] Não digo « nobre » somente em relação a jerarchia e sangue.

e citada como exemplar e modêllo por mães a filhas.

Portanto ja d'antemão ella irá moldando com prudencia e tento esses dous corações e esses dous corpos para seus distinctos destinos, — não por uma educação diversa, que a não ha inda, mas por avisadas modificações na mesma educação.

Vêde-a n'esse passeio onde a accompanham, saltando e folgando emtôrno d'ella, seus dous filhinhos, n'esse jardim, n'esse bosque, n'esse prado onde se assentou a vê-los folgar de repoiso e á larga. Emilio correrá montes e valles, disputará na carreira, nos saltos e cabriolas com esse galgo manso e valído, fiel companheiro de todos os seus brincos, e voltará cançado, affogueado, e queimado do sol, as mãosinhas e o rosto arranhado das silvas e das pedras: e a mãe satisfeita de não ver perigo, não se assustará do incómodo e fadiga, a que é preciso acostumá-lo. Sophia não ficará inerte e ajojada aopé da mãe, correrá tambem, quererá disputar tambem de agilidade com os dous contendores : mas cançou mais depressa; e a prudente mãe a retterá aopé de si, que se não

fatigue demais no exercicio nem se queime do sol: sua tez deve ser mimosa e fina. Emilio seja robusto e trigueiro: Sophia deve ser alva e delicada, agil e desembaraçada de porte como senhora, mas não desinvolta e ardida como amazona e virago. Seja Porcia de constancia, Polixena de resignação, mas não Isiphile nem Clorinda mata-mouros. Para nossos tempos de hoje não queremos mulheres em verso, mas em prosa; não queremos Sanchas ou Maritornes, mas tambem não queremos Dulcineas ou Bradamantes.

Onde estão os incantos e as graças da mulher sem a modestia? [1] diz uma mulher célebre. A modestia é tão essencial á belleza feminina, que as desgraçadas que a não teem são obrigadas a fingi-la. A mulher mais depravada, mas que inda conserva lampejo de razão, conhece tanto a necessidade d'ésta virtude, que não so a affecta para illudir os outros, mas para se illudir a si. A mulher que se dispensa de mo-

[1] Em rigor a *modestia* é virtude commum aos dous sexos, e o *pudor* uma especie mais delicada que é privativa da mulher.

destia não o faz por depravação e vício em si, mas por loucura e embriaguez a que esses a levaram.

São pois os ademans e termos (sem ser palavras) modestos tam essenciaes e naturaes á mulher, como o porte desembaraçado e aberto ao homem. E até — para fallar a linguagem da moda esse proprio dialecto da corrupção — ficará menos mal a uma senhora, a uma dama de côrte que seja, a *gaucherie* e acanhamento que denotam a impulidez do homem rasteiro, do que a desinvoltura e segurança que marcam o ar cavalheiro do cortezão.

Não digo que uma senhora, e particularmente uma senhora do mundo, seja *a blushing school miss* com os olhos sempre no chão, corando a todos os bons-dias e *how do you do* dos homens, porêm, mal por mal, antes isso que o ôlho fixo da demoiselle republicana das extravagancias francezas, cuja face imperturbavel e decidida, cujo desgarre vos enjoará e desgostará para sempre do sexo que nascêmos para amar.

Mas não é so pela modestia, modificada em pudor na mulher, não é so pelo ademan sisudo

e moderado que a mãe prudente irá distinguindo a educação de sua filha. Alêm d'isso, alêm de modificar a virtude geral de constancia em fortaleza no homem, e resignação na mulher; e a brandura em suavidade n'um, e submissão na outra; — cumpre-lhe aïnda vigiar n'uma especial modificação da educação do corpo no sexo feminino — a belleza de sua filha.

A mulher deve ser bella, deve ter graças e incantos. Nem todas podem ser lindas, que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva; mas todas podem ser bellas. Belleza não é formosura [1] nem lindeza: belleza é o resultado das graças; e toda a mulher bem educada póde ter graças; póde-lh'as dar a educação, póde supprir até defeitos do corpo, póde substituir a formosura, e fazer a fealdade linda.

Mães cegas que vos enlevais na formosura de vossas filhas, e cuidaes que não precisam

[1] Formosura que é palavra so portugueza (e castelhana com differente figurativa) unica e privativamente designa belleza de fórmas, belleza physica, tangivel, material. Os Latinos diziam *forma* por anthonomasia

mais incantos, — mães que chorais sôbre a fealdade das vossas, e julgais que nenhuns attractivos podem ter — voltae d'esse êrro fatal a ambas, e tam funesto a umas como a outras. Se a natureza foi liberal com tua filha, não desprezes essa vantagem, cuida de sua formosura, preserva essa tez delicada, conserva essas mãos finas, cultiva essas rosas de saüde, nutre esse cabello ondado, molda esse talhe airoso, concerta esse porte elegante. Tua filha será formosa ; tanto melhor para ella ; com virtude, instrucção e formosura, hade ser feliz em todo o estado. Foi com a tua escassa ou madrasta a natureza ? — não a creias infeliz por isso : em tua mão não está fazê-la formosa, — bella sim. A educação embrandece pelles duras, amacia mãos asperas, dá graça e doçura a olhos de pouca luz, faz interessante a face pallida, e affaveis os labios descorados, põe a candura da bondade do coração na frente que não é alva, faz elegante o corpo que não é airoso,

para dizer fórma bella, diziam *formosus* tambem só das fórmas do corpo ; nós, que d'ahi trouxemos formosura, não lhe devêmos dar outro sentido.

amavel o que não é lindo, engraçado o que não é formoso. Tua filha hade ser bella; consola-te, mãe angustiada; cuida de sua educação, ve-la-has adorada, feliz e preferida a muita formosura.

CARTA DECIMA

Educação physica e intellectual; exercicios preparatorios do corpo e do cerebro. — 1.º Do corpo: artes fabris; opinião de Rousseau; — especialidades da educação feminina; — educação antiga e moderna; — opinião de Madame Campan. — 2.º Do cerebro: memoria e juizo; — arithmetica, geometria, lições de cór; calligraphia.

MINHA SENHORA,

Agora somos chegados a um dos mais criticos e arriscados pontos da educação. A leitura e estudo moral da historia, pelo modo que a introduzímos, não é inda estudo mas deleite para o educando; o que lhe ensinâmos ou va-

mos ensinando do intellectual é por tal methodo que tambem não é occupação mas recreio; e até os exercicios a que habituámos seus membros, por espontaneos e naturaes que são, nunca foram tarefa, senão divertimento.

Mas na epocha immediata, na adolescencia, que ahi vem tam proxima, é que a sufficiente fôrça do corpo ja hade dar logar a maior exercicio dos membros e a muito do cerebro. E todavia não devêmos saltar a pés junctos de uma epocha para outra; cumpre que a passagem se faça insensivel. Vamo-la pois preparando.

Temos sobejamente cuidado do coração do nosso pupillo; comecemos agora a lhe exercitar o corpo e o cerebro, mas so tanto quanto baste para o dispor aos trabalhos do futuro periodo.

Ja na primeira d'éstas cartas, [1] ao delinear o meu systema geral de educação, dei a intender que me parecia um tanto exagerada a doutrina de Rousseau sôbre a necessidade de apprender todo homem um offício. [2] Digo exa-

[1] Vej. Cart. I. Part. I. Liv. I. d'este volume.
[2] Emilio Liv. III.

gerada, porque a mim somente me parece *util* o que elle tracta de *essencial*.

« O officio de um homem » quer dizer a profissão especial a que elle se destina na sociedade. É mau cidadão o que, n'este sentido, não tem um officio, e má educação dá a seus filhos o pae que lhes não faz ensinar um, seja qual for, segundo suas posses, jerarchia e inclinação. Mas tanto tem seu officio o carpinteiro, o pedreiro, o pintor, o architecto, como o lavrador, o advogado, o militar, o medico, o mathematico, o chymico [1] etc. Seja pois qual for sua posição social, todo o homem deve ter, e por conseqüencia saber, um officio: mas que forçosamente este officio deva ser mechanico é o que não vejo provado. De todas as razões que se dão, a mais plausivel é de certo a das vicissitudes da fortuna. « Estamos perto de uma crise e do seculo das revoluções, diz o eloqüente auctor do Emilio, [2] quem sabe o que inda

[1] Em geral todas as sciencias que se applicam ás artes uteis e que augmentam e melhoram a indústria são, além de nobres profissões, um *modo de vida* para os que habilmente as cultivam.

[2] Emil. log. cit. Liv. III.

vireis a ser? Tudo o que homens fizeram, podem-n'o destruïr homens: não ha characteres indeleveis senão os que imprime a natureza; e a natureza não fez nem principes, nem riccos, nem magnatas. Que fara pois na miseria esse satrapa a quem não educastes senão para a grandeza? Que fara na pobreza esse publicano que não sabía viver senão de ouro? Que fara na penuria esse fastoso imbecil que nem sabía usar de si, e que não existia senão no que era estranho a seu ser? Feliz o que em taes lances sabe deixar o estado que o deixa a elle, e permanecer homem a despeito da sorte. »

Viemos nós em tempos de vermos cumprir á lettra a prophecia de Rousseau; vimos as víctimas da revolução franceza, pessoas do mais nobre sangue, principes nascidos nos degraus do throno, ganhando com o suor de seu rosto o pão de cada dia. [1] Víctimas d'outras revolu-

[1] Un petit-fils de Henri IV a professé noblement en Suisse la science qu'il avait apprise dans le palais de ses pères; et de semblables exemples sont trop récens pour être effacés sitôt de la mémoire.

Mad. Camp. De l'éducat. Liv. VI.

ções, não menos illustres víctimas, ja pela mesma causa da lealdade, ja pela do patriotismo que não é somenos em nobreza, por ahi os vemos exules, foragidos, um sem-número de individuos, de familias, que por nascimento ou riquezas ou talentos, ou por todas essas qualidades, occupavam em sua patria as eminencias sociaes.

Vimos; vimos e vendo estamos com nossos proprios olhos o maior desengano das vaidades do mundo e da instabilidade de suas coisas. Não ha portanto precauções que uma desvelada educação não deva tomar para premunir o seu pupillo contra taes golpes da fortuna. E, alêm dos motivos de obrigação social, accrescem estes de conveniencia propria. De todos elles concluïremos que não ha homem que não deva ter uma profissão; mas de nenhum se póde inferir que indispensavelmente haja de ser mechanica. Não é forçoso que seja marcineiro como Emilio: se a inclinação o chama ás sciencias speculativas, o bom phoronomico hade achar pão em toda a parte do mundo; se o convida á bemfazeja sciencia de Hippocrates, em païz nenhum hade morrer á mín-

gua; se a chymica, se tantas outras sciencias uteis, que são artes e sciencias ao mesmo tempo, o chamam, — em todas essas hade obter proveitoso emprêgo sem precisar matricular-se na casa dos vinte-e-quatro, que nem so e exclusivamente se ganha a vida por offício embandeirado.

As boas-artes tambem não são esteril profissão; a musica, a gravura, a pintura, a sculptura (e porque não metterei n'este número a imprensa? [1]) dão proveitosa occupação sem condemnarem os que as professam a duro ou sujo trabalho, que — (seja embora preconceito [2]) no mundo prevaleceu reputar baixo e vil. Sei o que diz a philosophia e a razão, conheço que nada é vil senão o crime; porêm sei tambem e conheço que não é para um so homem contrastar a torrente da opinião dos homens, e arcar de fronte com prejuïzos inveterados que

[1] A arte dos Elseviros e dos Didots não póde deixar de ser uma bella-arte.

[2] Preconceito é mais antigo portuguez, prejuïzo, n'este sentido, mais moderno. Preconceito tem demais a superioridade de não admittir a amphibologia que

obtiveram fôro de razão e de regras recebidas. Se eu possuïra um campo, tambem como Rousseau diria a meu filho: « Fica em casa e cultiva as « geiras paternas, » [1] nem cubices os empregos das cidades, que nenhum é tam util, tam sadio, tam nobre como o teu. » Mas a não ter terras que lhe legar, a minha philosophia não chegava a dizer-lhe: « Faze-te carpinteiro, alfaiate, marcineiro, ou de qualquer outro mester, [2] porque deves ser superior a prejuïzos vulgares, e todo o offício que não é *embandeirado* tira a independencia ao homem da natureza, e o faz escravo da sorte e dos caprichos do mundo. »

Não quero dizer tampouco que absolutamente não convenha ensinar alguma coisa das artes fa-

prejuïzo admitte. Mas o uso commum chama mais por este, e como que receia d'aquelle por velho: eu usarei de ambos, que ambos expressam bem a idea, e « nem siquer em palavras » gósto do exclusivo dos partidos.

[1] Paterna jugera bobus exercet suis. — HORAT.

[2] São profissões muito honradas nem d'ellas se devem deshonrar os que as exercem, menos aconselhar seus filhos que as não sigam. Os que nascerem em

bris. Se para alguma tem propensão o educando, apprenda-a embora. Siga quem quizer á risca os dictames de J.-Jacques, n'este ponto; não perderá com elles o seu pupillo: modere-os por este modo quem o achar mais racionavel; tambem o não infelicitará com isso.

Mas apprenda ou não apprenda o nosso Emilio um offício, comtanto que tenha uma profissão, que saiba exercer uma arte util: Sophia, essa hade accostumar-se desde ja ao exercicio fabril que é proprio de seu sexo. Nascesse ella no paço ou na choupana, a agulha é o emprêgo natural da mulher: não ha prendas nem estudos que d'elle a dispensem ou o substituam.

N'este logar permita-se-me copiar por inteiro um capitulo da obra de Madame Campan, d'esse excellente curso de educação que tantas vezes tenho citado, que a todo o instante consulto, e que nunca me cansarei de consultar e citar.

classe superior, e superior educação podem ter, podem abraçar outras profissões não menos independentes, nem menos uteis á sociedade.

« Convem, diz ella, que as meninas se occupem quanto antes com trabalhos de agulha; mas até á idade de doze annos e aïnda depois, sejam quaes forem as posses de sua familia, não é conveniente permittir-lhes nenhuma d'essas obras de phantasia com que se entretêem as mulheres riccas: basta ter gosto para ser perfeita n'essas coisas, quando alias é essencial começar de pequenina a exercitar-se n'aquelle genero de trabalho que mais tarde se não póde apprender. Precisam habituar-se as meninas, desde a mais tenra idade, a um ademan tranquillo, a um modo assente que fica bem á modestia, e realça ao mesmo tempo as graças. É necessario que para logo adquiram habitos que as façam sedentarias. Julgo portanto que desde a idade de seis annos, sentada ao pé de sua mãe, uma menina deve começar a servir-se da sua agulha, uma hora por dia, e por duas vezes differentes; porque é preciso cuidado em lhes não criar antôjo e aversão á mais constante e mais preciosa occupação do seu sexo. Baïnhas, pontos de marca em talagassa mui grossa, um bocado de tapeçaria, uma renda grossa, devem ser os primeiros tra-

balhos. Tambem é muito essencial ensinar-lhes a fazer meia de muito pequenas: é talvez demaziado exclusivo o que as senhoras allemans se occupam d'isto, mas desprezam-n'o demais na educação das francezas; [1] não se faz meia bem e de pressa, se a gente, para assim dizer, não brincou com as agulhas desde os sette annos. Porque se não hade cuidar no futuro das crianças, porque se não hade pensar que essa linda filhinha de dez annos hade vir a ser um dia avó de sessenta? Sua vista fraca ja não hade podêr contar os fios da cambraia ou da talagassa fina; e a meia que serve para fazer tantas coisas bonitas ou uteis, faz-se com a maior perfeição e presteza sem precisar de estar applicando os olhos. O mesmo é com o fiar: éstas duas especies de trabalho não se podem apprender senão de muito criança, e preparam consolações para a velhice. A costura de roupa branca, o talhar dos vestidos, tudo o que a isso diz respeito, igualmente se deve ensinar com muito

[1] Veja a applicação que ao diante se faz a Portugal.

cuidado; quanto mais se adestra a mão n'este genero de obras, tanto maior prazer se acha em trabalhar n'ellas.

« Cumpre dirigir o emprêgo da agulha para as coisas mais simples; essas são as mais uteis n'uma casa. Esse é o talento, a prenda que characteriza a sabedoria de um plano de educação, e que mais directamente responde a essas continuas invectivas contra a mais extensa instrucção que hoje se dá ás meninas. Em quanto seus ensaios de costura não permittem que se lhes confiem objectos de valor, podem fazê-las trabalhar para os pobres: a seus olhos se realça o merito das obras mais simples em lhes fazendo interessar e tomar parte n'ellas o coração e a piedade ».

Assim discorre ésta senhora illustre, que nascida e creada no meio da pompa e divertimentos da mais brilhante côrte do mundo, arrojada depois pela torrente revolucionaria a tam diversa fortuna, soube estudar pelas differentes condicções da vida com a melhor mestra d'ella, a experiencia.

A educação feminina moderna geralmente se esmera demaziado em prendas e estudos: o

nosso seculo philosophico exagerou-se n'este ponto bem como em outros. Com effeito a mulher não foi creada para fazer meia e arrumar bahus, como se dizia no tempo de nossos bisavos, mas tambem não nasceu para frequentar a palestra, o fóro ou a tribuna. *Domum mansit, lanam fecit* é o maior elogio da matrona honrada. O excesso todavia que em França, e principalmente em Inglaterra, se nota hoje e ao qual Madame Campan allude no logar citado, é pouco sentido aïnda em Portugal; falta na nossa terra o que n'éstas sobeja a esse respeito. Está comtudo muito melhorada entre nós a educação feminina, e em bom caminho de adiantamento: agora sería a opportuna occasião de lhe dar bom e salutar impulso, prevenindo os excessos a que o espirito de reforma sempre tende, e as recahidas em antigos abusos que por vezes traz a reacção de habitos e preconceitos velhos, quando por aquelle espirito é estimulada.

A mulher que no seio de sua familia e longe dos applausos do mundo dirigiu a educação de seus filhos, velou no pae decrepito, cuidou no marido enfermo, governou sua casa com

honra e arranjo, foi auctora de maiores obras do que as Daciers e as Staëls.

Nem ao geral do bello-sexo se deve vedar a conveniente instrucção de lettras e sciencias, nem aos talentos extraordinarios, que tanto n'elle apparece como no nosso, a faculdade de nos disputar (e ganhar, que amiüdo o farão) a palma litteraria e scientifica a que todos podemos pretender. Haja embora Corinnas, para vencer Pindaros: de seu sexo é Minerva, são as musas; e a douta antiguidade, que não fez varões esses numes, alguma coisa quiz dizer em sua allegoria. Mas eu fallo da regra geral, da *prosaica* regra da natureza e das conveniencias sociaes: este é meu officio; não faltará quem tracte das excepções das quaes por mim sou e quero ser parco.

Não antecipemos porêm datas: em seu tempo e logar voltarei mais de espaço a este ponto. Agora vamos aïnda com a educação commum dos dous sexos.

Preparámos o corpo aos exercicios da futura epocha; precisâmos tambem de preparar o cerebro para elles, porque na adolescencia ha-

de vir a fôrça da educação intellectual, ja per si, ja para auxílio das outras.

As faculdades que por ésta preparação queremos desinvolver são a memória e o intendimento. Aquella vem mais temporan que este; mas quasi se cultivam ao mesmo tempo e por meios simultaneos. Ja o nosso pupillo apprendeu a ler; quasi ao mesmo passo deve ter apprendido a escrever. Não fallo da calligraphia, para a qual temos um excellente methodo [1] em Portugal; e somos talvez, geralmente fallando, a nação que melhor escreve. Assim poderamos nós dizer o mesmo de outras coisas. Não tracto porêm aqui do mechanico da escripta, da formação e ligação dos characteres; tracto do intellectual d'ella. Comecemos a fazer transcrever e decorar pelo nosso educando alguns trechos escolhidos, faceis, simples, dos melhores auctores: [2] e apenas virmos que chamada da

[1] Alludo ao tractado de *Ventura*, que talvez é a mais perfeita e admiravel obra de seu genero.

[2] Na supposição de termos um livro historico, um Plutarcho segundo o descrevi nas cartas antecedentes,

memoria, ja vem accodindo a reflexão, tractemos de affazer o espirito á exacção e recta deducção das ideas, que em verdade é mais um hábito que de tenros contrahem os que o teem, do que fructo de longo estudo para os que mais duros o desejam adqüirir, — o que rara vez conseguem. [1] Para isto nada ha como os

deveria ser d'elle; á míngua d'isso lembra-me aconselhar a *Vida do Infante D. Henrique* do padre Freire (Candido Lusitano), alguns bem escolhidos pedaços da *Vida do arcebispo* de Fr. Luiz de Sousa, da *Vida de San' Francisco Xavier* de Lucena, da *Asia* de Barros, das *Chronicas* de Rezende e Duarte Nunes. Com estes livros antigos é preciso todavia muito cuidado na escolha, porque estão cheios de ideas falsas; e assim como nos novos ha o perigo de habituar ao feio neölogismo, tambem n'esses o ha de tomar gôsto ao archaïsmo, que é quasi igualmente ridiculo, e de certo é vício como aquelloutro.

[1] O methodo mathematico, que no seculo passado prevaleceu em todas as escholas, e que até nos compendios das sciencias moraes e positivas se adoptou, tem, certo, muitos inconvenientes; mas a grande vantagem de habituar o espirito a uma deducção seguida e severa é de transcendentes resultados. Os livros elementares de Heinecio fazem mais bem nas aulas de direito pelo methodo por que ensinam do

rudimentos mathematicos. Chamemos pois ja a arithmetica em nosso auxílio; e sejam as primeiras noções que d'ella lhe dermos adqüiridas pelo methodo que eu a tudo quizera applicar, o de ser quem apprende o artifice de suas proprias ideas, o mestre de si mesmo.

A taboada é um dos martyrios das crianças: póde-se-lhes fazer decorar mui suavemen-

que pela materia que n'elles se aprende. Na universidade de Coimbra inutiliza-se muito d'este beneficio com o abuso das cadernetas, que os estatutos proscreveram em vão: mas observei constantemente que os estudantes que tinham bastante senso para fazer mais caso do seu compendio que da farragem da explicação do lente, quando não sahissem com muito cabedal de ideas, as que tinham, estavam no seu logar e em ordem recta.

A mais sabia lei da universidade de Coimbra é a que obriga os estudantes de todas as faculdades, quer positivas quer naturaes, a frequentar e fazer acto do primeiro anno mathematico (os de algumas tambem do segundo e até do terceiro): ésta lei pecca por defeito, que as mathematicas puras deviam ser preparatorio indispensavel sem o qual nenhum candidato devia ser admittido a graus em nenhuma faculdade. Mas como ésta era a melhor lei do estatuto, é a que se não cumpre geralmente e que em parte foi derrogada.

te indo pouco a pouco formando com elles o quadrado de Pythagoras. Eis-aqui como cumpre fazer. Da-se-lhes o quadrado descripto e repartido, e enchem-se as casas so nos primeiros algarismos: no outro dia, sabidas éstas, vão-se enchendo mais e assim por diante, de modo que n'uma semana apprenderá uma criança o que por qualquer outro methodo lhe levaria mezes.

Alêm das primeiras tres, quando muito quatro, especies simples, não devemos caminhar porora: nem se nos dê que as operações se façam mechanicamente; elles lhe acharão a razão a seu tempo.

A geometria das crianças é a arte de bem usar da regra e do compasso: diz Rousseau, e não duvido que se deva começar assim para lhes fazer conceber exactas as primeiras ideas. Ja fallei do methodo das figuras tangiveis: [1] não me parece bom, porque é facil de induzir em êrro dando corpo e solidez ás abstracções geometricas, que, é certo, são difficeis de con-

[1] Carta I. Part. I. Liv. I. pag. 33, nota, d'este volume.

ceber por crianças, mas que mais difficeis virão a ser depois se o espirito estiver, por aquelle modo, enganado pelos sentidos. Vamos antes devagar com regra e compasso tirando rectas, descrevendo curvas, cruzando angulos, formando figuras, apprendendo nomes, e definições que d'este modo serão bem intendidas; e preparemos assim, que não fazemos pouco, para mais formal estudo d'esta essencialissima disciplina.

Tambem ja começaremos com a grammatica; e sera conjugando os verbos regulares, e fazendo, o melhor que podér ser, a difficilima explicação dos irregulares. [1] Tudo quanto é

[1] Ha muitos verbos que não são irregulares senão em mui poucos tempos e que facilmente se fazem entrar nas conjugações regulares. O verdadeiro systema de grammatica devêra ser o de simplificar mas parece que ácintemente não tractam senão de augmentar entidades e fazer difficultoso o que é simples e facil, multiplicando termos, e cathegorias de divisões e subdivisões em coisas que as não precisam. Que quer dizer por exemplo, *verbo reciproco?* É um verbo activo, nem mais nem menos, com um pronome no objectivo, assim como podia ter um nome. — Para que é o apparato dos casos em linguas que os não teem, co-

syntaxe não é para agora: fiquem por aqui as nossas licções grammaticas; teremos tempo de sobejo para o mais.

mo a nossa? — Se não é para augmentar difficuldades sem precisão, não sei para quê. Ja que não temos em portuguez um so livro de grammatica com senso commum, pediria aos nossos mestres e mentores que lessem e estudassem a insigne e transcendente obra do americano Lindley Murray, cuja applicação do Inglez para qualquer das linguas do Occidente não é mui difficil. Ella não é certamente applicavel em tudo e por tudo á nossa lingua; mas em muitas coisas o é; e quando so em poucas se faça, sempre hade ser incalculavel o proveito.

*

CARTA UNDECIMA

Continuam os exercicios preparatorios. Ornamentos da educação: — prendas; musica, — desenho, — dança.

MINHA SENHORA,

Seja qual for a condicção do meu pupillo, quero que elle seja prendado. Sê-lo-ha mais ou menos segundo as posses de seus paes, seu natural talento e inclinação, e muitas outras circumstâncias; mas a nenhum heide privar da consolação e alívio que as bellas-artes preparam para a velhice, para a doença, para os revezes da sorte. E de certa altura social para cima nem a um nem a outro sexo devem faltar os meios de agradar, e de honesto passatempo que elles dão.

Comecemos ja com os primeiros elementos

das boas-artes, despertemos nos sentidos do nosso pupillo o innato sentimento do *bello,* que é seu objecto e princípio.

Ensaiemos sua voz e ouvido, não pelas regras musicaes, não pelos principios abstractos d'ésta sciencia difficilima, porêm fazendo-o decorar entoações simples, cuja melodia, singela como a do cantor dos bosques, lhe toque o coração, e cuja harmonia natural seja facil de conceber.

A musica moderna tem chegado com modulações estranhas e abruptas e com artificios semitonicos onde nunca os antigos chegaram, onde em muitos casos se pejariam de chegar, e em muitos não saberiam. Se por vezes ella é abstrusa e excentrica, e mais rapida e phantastica do que appaixonada e bella; tambem outras sobe a pontos de elegancia e expressão de que ha um seculo os mais famosos professores não tinham a minima idea. Falha talvez em grandeza e sublimidade, mas sôbrexcede em energia e animação: suas melodias não são tam fortemente marcadas nem com tanta analogia deduzidas; mas a facilidade, a suavidade, o gôsto que tanto lisongeia o ouvido, o in-

genhoso e appropriado dos accompanhamentos que tanto avivam e tanta alma dão á expressão da poesia, e combinados movem e penetram o coração — de certo resgatam aquella falta.

Para podêr todavia gosar a musica actual, para que o ouvido lhe intenda as harmonias, é preciso hábito e costume. Não as distingue a orelha nem as leva ao coração sem isso. E pois, tambem na musica seguiremos para a instituïção do nosso educando o methodo analytico, passando do simples para o composto e subindo pelas experiencias da práctica até aos arcanos da theoria.

Todo o ouvido sente a melodia da musica, nem todos, nem em todos os estados, a harmonia d'ella. Quasi o mesmo diremos da poesia e da eloqüencia, que lhe são mui proximas. Tambem se póde dizer que todos sentem a melodia da poesia, a energia da eloqüencia; mas nem todos nem de repente podem sentir as harmonias regulares do metro, e as numerosas cadencias da linguagem sôlta. Quer-se ouvido feito a ellas, e quer-se feito de tenro. Não me irei pôr a explicar Quinctiliano, ou a poetica de Horacio a uma criança de oito a dez annos,

nem a analyzar-lhe a oração pro Millone, ou o Edipo tyranno; [1] mas heide accostumá-lo a ler alto, e com a devida accentuação, entonação de voz, e rythmo, um ou outro trecho escolhido de eloqüencia portugueza, de poesia facil e simples, mas bem notada: [2] e por este modo lhe despertarei o orgam metrico para o ter prompto e disposto a futuros estudos e anályse.

Tambem lhe não heide aïnda ensinar o desenho, mas heide prepará-lo para isso. Não me porei a fazer caretas e rabiscos, a titulo de desenhar *d'après nature,* como Rousseau com o seu Emilio; [3] mas tampouco lhe heide dar estampas a copiar, que é o meio mais seguro de elle nunca saber nada senão copiar. Parece-me mau este segundo methodo, que é o commum, — e ridiculo o primeiro. Nada ha mais absurdo do que principiar o estudo do desenho,

[1] *Edipo tyranno,* i. é, Edipo rei, tragedia de Sophocles, a mais perfeita que nos ficou da antiguidade.

[2] Quero dizer, bem medida, de bem accentuado metro.

[3] Vej. Emil. Lib. III.

appresentando a uma criança o que chamam « estudos, » uma cara cortada com várias linhas e graduada em proporções geometricas, uma orelha igualmente, que é das coisas mais difficeis para desenhar; — e dizer-lhe: « Copía isso. » Essas regras artificiaes são as que para sempre lhe hãode ficar na cabeça, e, á excepção d'algum talento transcendente, que por fôrça de ingenho consiga esquecer a arte, e fazer-se outra para si com a natureza quando a conhecer, — por este methodo nunca sahirão senão tristes copistas e amaneirados [1] imitadores. Mas pegar n'um objecto natural ou artificial, seja qual for, e dizer-lhe simplesmente: « Desenha isso; » é mandar-lhe fazer garatujas de parede d'eschola, que, a não ser o pupillo outro extraordinario talento, e se não dar todo a isso, tambem de nada approveitarão.

Não evitemos um êrro para cahir no contrário; é preciso combinar a arte com a natureza; por outra, é necessario ajudar ésta com aquella. Eu colheria, por exemplo, uma flor

[1] Diz-se « pintor amaneirado » o que sempre faz certas coisas do mesmo modo e como logar commum.

bella, simples e de que soubesse que elle gostàva. Far-lh'a-hia admirar, desejar: o que não é difficil com crianças. « Pois toma-a; dou-t'a: mas d'aqui a meia-hora tem'-la desbotada e murcha. » — « Que pena! » — « Depois desfolha-se, e acabou. » A idea de destruïção, apezar do que elles são danninhos e amigos de destruïr, tem comtudo não sei quê com a nossa natureza, que os magôa quasi por instincto. — « Mas nós podiamos conservá-la (continúa o meu dialogo) para sempre... se tu quizesses. » — « Eu! oh se quero! » — « Está na tua mão. » E agora é elle quem me importuna para lhe ensinar a conservar a florzinha tam bonita para sempre. Tenho-me prevenido com uma boa estampa, bem collorida, bem exactamente desenhada, da mesma flor; mostro-lh'a, e explico-lhe como por este modo se conserva em retracto fiel o que é sujeito a perecer e queremos salvar da destruïção quanto em nós cabe. É natural que me peça elle a minha estampa, e lhe pareça mais simples dar-lh'a eu do que ter elle o trabalho de copiar a flor, coisa que nunca fez. Mas alêm de lh'o negar positivamente (e o meu pupillo ésta certo que quando

lhe nego alguma coisa, é irrevogavelmente porque nunca o faço senão com razão e justiça,) far-lhe-hei conceber a utilidade que lhe resulta de podêr elle fazer o mesmo a qualquer outra coisa do seu gôsto, etc.

Rousseau, no logar que citei, quer que absolutamente se comece desenhando do vivo, Madame de Genlis nega essa possibilidade, e insiste em que infallivelmente é forçoso começar « imitando imitações » para podêr chegar a imitar originaes. Eu assento que o melhor methodo é appresentar ao mesmo tempo cópia e original, fazer observar a verdade de um e a fidelidade da outra, e o modo pelo qual se consegue fingir a natureza; e estou que este é o modo de andar mais depressa e mais seguro.

Assim conseguirei que seja elle quem combine a arte com a natureza, e que copiando, ao mesmo tempo, do vivo e do pintado, simultaneamente apprenda uma pela outra, observando na cópia como por ella se imita o original, e no original como o imita a cópia.

A dança é prenda elegante, necessaria a quem tem de viver no mundo, e de mais a mais, exercicio proveitoso. Embora pois a ex-

clua de seu gymnasio o cidadão de Genebra: não era menos auctorizado legislador o que de sua republica bania a poesia, — e mais, ninguem lhe obedeceu: o philosopho suïsso não hade ser mais respeitado em seu decreto de proscripção do que o atheniense. A patria de Washington vai produzindo excellentes poetas, [1] e é mais bem constituïda republica do que nunca havia de ser a de Platão: nem faltam hoje mancebos melhor educados do que Emilio [2] apezar de dançarem perfeitamente.

Ensinemos a dança, que é linda e engraçada prenda, dá elegancia ao ademan, liberdade aos movimentos, desembaraço ao corpo. Ensinemo'-la desde os primeiros annos, que so então se adqüire o hábito de o fazer com gra-

[1] Mr. Cooper e Washington Irving, quando outros não conte, são tão poetas como Sir Walter Scott e Mr. de Chateaubriand.

[2] Pelo menos, melhor educados para este mundo em que nos achâmos. Se não fosse vergonha citar romances, pediria ao leitor que visse a este respeito, as várias e interessantes historias do célebre novellista prussiano A. Lafontaine em que se mostram os effeitos practicos das theorias do Emilio.

ça, e se acostuma o ouvido a seguir regularmente o tempo. Dançar com graça e a tempo, são as condicções necessarias: difficuldades é para bailarinos, e não somente são inuteis, mas não as devem apprender meninos de bem.

Tudo isto é commum aos dous sexos, e não ha que extremar regras ou principios. Quasi tudo convem tambem á educação geral de todas as classes. Algumas pequenas modificações teremos que fazer tanto em razão das distincções naturaes como das sociaes; mas segundo intendo, nenhuma tem logar porora, nenhum é proprio d'ésta epocha, em que tudo é commum e mal distincto aïnda.

CARTA DUODECIMA

Condicções especialissimas da educação de uma jovem Soberana: — na parte moral, collisão de deveres; — na physica, exercicios corporaes; — na intellectual, preparação para a cultura de sciencias e artes.

MINHA SENHORA,

Preparámos a educação, atégora commum de um e outro sexo para a separação que em breve temos de fazer. Vamos aïnda com ambos pela mesma estrada, mas ja com a mira no trivio onde ella se divide em duas distinctas, encaminhando os nossos pupillos de maneira, que a separação se não faça abruptamente e com perigo.

Por entre essas duas estradas ha uma terceira, com ambas confinante, mas que a nenhuma é parallela, chea de rodeios, e ora entrando mais por uma ora mais por outra, sôbre-maneira difficil portanto, mais invia e perigosa que as outras duas. Por essa estrada raro pupillo e tutor tem passado; menos trilhada está, menos sabida é; maiores difficuldades e riscos hãode encontrar os que forçosamente a teem de seguir.

E por essa estrada vai, minha senhora, agora caminhando a sua Real educanda: é a da mui agra e difficultosa educação de uma joven soberana. Cumpre que n'ella se combinem as oppostas condicções da instituïção dos dous sexos, e que d'ellas se forme uma nova especie, não participante de ambas, mas ella propria uma peculiar e de genero seu.

A moral, como disse, é a mesma para o varão e para a femea, para o subdito e para o soberano. Mas sua práctica e ensino, seus meios modificados pelo sexo ampliados pela posição social, n'este caso especialissimo teem de confundir-se e neutralizar-se para formar nova substância e entidade.

Assim vimos [1] como a educação religiosa de uma soberana se devia regular por este princípio; assim observámos que o ensino da historia, como curso de experimentos moraes, devia ser moderado pela qualidade de principe e pela circumstância do sexo. [2]

Nas futuras epochas da educação em que os dous sexos se distinguem e separam, ha-de ser mais difficil ésta combinação: por agora não o é tanto. Em mui poucas coisas se estrema aïnda a educação feminina da masculina; em mui poucas ha portanto que as combinar para o especialissimo caso da instituïção de uma joven soberana. Algumas ha todavia; e ja a essas mesmo se deve ir attendendo.

A modestia é o primeiro ornato de uma senhora: que será de uma raïnha? Mas a timidez que amiüdo accompanha aquella virtude, o accanhamento que muitas vezes so é excesso d'ella, não fica mal nem dá quebra nas boas qualidades de uma donzella honesta. Ha

[1] Carta V. Part. II. Liv. I.
[2] Carta VIII. Part. II. Liv. I.

indoles, ha naturaes a quem esse defeito (se jamais o póde ser n'uma mulher) fica bem; até ha physionomias a quem dá mais expressão de candura e singeleza: — mas uma soberana não póde nem deve ser timida. Que fara pois o educador? Corrigir, se a isso o achar propenso, o natural que a esse lado se inclina, fortificá-lo, dar-lhe desembaraço e energia. Nas ordinarias posições da vida a mulher é feita para obedecer, no throno para mandar; n'aquellas os cuidados domesticos são tudo, n'ésta o Estado, é o primeiro. A esposa do mais distincto cidadão, do mais influente, do proprio soberano não está em relação com a republica senão directamente; a que é raïnha por direito proprio, faz parte directa e activa do Estado.

« O Estado sou eu » dizia Luïz XIV, e dizia mal; porêm na mais limitada monarchia o rei póde com exacção dizer: « O Estado está em mim »; porque elle e o Estado são uma so entidade, porque os interêsses do soberano e da republica são inseparaveis e em commum. Ora o sexo não póde alterar estes principios: e a soberana é portanto mais so-

berana do que filha, do que esposa, do que mãe.

N'ésta epocha da educação não estamos de certo ensinando aïnda directamente os dous ultimos deveres; mas ja ensinâmos o primeiro e de longe prevenimos para os outros. Previnamos pois seu ensino com ésta modificação essencial; accostumemos seu ânimo a conhecer que os deveres de soberano estão primeiro que todos, e de longe preparemos seu coração para resistir ás provas difficeis em que talvez se tenha de ver pela collisão das obrigações da natureza com as do Estado. A mais natural e óbvia d'éstas collisões, a que mais facil e mais amiüdo hade occorrer, e que portanto mais necessario é prevenir, é a do thalamo com o throno. Creada pela natureza para os doces deveres da maternidade, chamada pela sociedade para os pesados encargos da realeza, varão pela lei, femea pelo facto, — é preciso que seja uma e outra coisa, que o interior do palacio Real a veja esposa submissa e attenta, mãe desvelada e carinhosa; e que sôbre a elevação do throno, nem esposa senão do Estado, nem mãe senão da patria, seu braço delicado

se transforme em braço musculoso e varonil, capaz de eqüilibrar um sceptro — e sua alva frente carregada com o pêso da coroa a sustente sem se inclinar.

Não tocarei no delicado assumpto da escolha de esposo para uma soberana: fora intempestivo aqui. Mas seja elle o melhor e mais bem escolhido, hade por fôrça ter defeitos como homem: tam proximo do apice das grandezas humanas, hade ter ambições, que não é anjo; tam perto da origem de todas as honras e mercês, hade ter clientella, hãode cercá-lo de adulações, affrontá-lo com pedidos, hão de pô-lo em assédio de lisonjarias e adulações. E a esposa attenta, respeitosa, complacente, mas esposa que é soberana, para tudo isso deve estar precavida. Nem se fiem em ministros e conselheiros; se o seu character não estiver formado, premunido e avigorado de antemão, a raïnha hade ceder á mulher, a soberana á esposa; e as intrigas e enredos naturaes das côrtes terão mais um fomento inextinguivel. E quem fara isso, quem prevenirá tanto mal se não for a educação? Tórno a repettir, não é a educação da puericia que

o hade fazer, mas é ella que o hade preparar.

E ésta preparação é importantissima e todo o desvêlo merece. Quando uma princeza tem de occupar o throno, é fortuna para a nação o saber-se de sua tenra idade: n'esse caso sobra o tempo para estes cuidados e precauções, que nem sempre se podem tomar de tam longa mão.

A educação physica é, bem como a moral, a mesma [1] para todos os sexos e para todas as classes. Mas em muitas e não insignificantes coisas requer o sexo modificações essenciaes. Ha exercicios varonis que eu não acconselharia ao geral das mulheres, mas que certo convem indicar para a educação de uma joven princeza. Taes serão n'outro periodo a eqüitação e a caça: — para taes se deve preparar tambem ja de agora a educação d'este periodo. É preciso a uma soberana o ânimo, o desembaraço, a coragem que a nenhuma outra mulher hãode nunca ser necessarios: tem de achar-se em circumstâncias, talvez em crises,

[1] No seu principio e bases geraes.

em que so ella do seu sexo poderá ver-se. Cumpre portanto dispor-lhe o corpo assim como o coração; deve habituar-se a fadigas e exercicios bem differentes dos que na ordem natural de nossas sociedades cabem á mulher.

Até a adolescencia convem-nos ser mui parcos de todo ensino intellectual. A grande sciencia da educação, no periodo em que estamos, não consiste em approveitar o tempo mas em o saber perder: diz Rousseau; opinião que so é exacta quanto á instituïção intellectual. E nem essa mesma se deve abandonar, pois sendo, segundo meus expostos principios que tenho por infalliveis, simultaneas e inseparaveis na práctica as tres educações, nenhuma d'ellas póde bem progredir sem as outras. N'essa instituïção intellectual pouco ha que distinguir aïnda entre os dous sexos; mas a este mesmo pouco attenda o educador solícito: taes são os rudimentos de várias artes e sciencias, que desde ja se vão lançando ao espirito, como sementes que se deitam á terra, não por esperança de colheita que ellas produzam, mas para adubo do solo que hãode fertilizar.

Ja n'essas mesmas coisas um tanto se extre-

mam os dous sexos; porque mais ligeiramente basta preparar com ellas a educação feminina do que a masculina. Mas na da soberana todas essas distincções desapparecem; a classe suppre o sexo, e a posição social a natureza: a educação intellectual de uma raïnha é de varão e não de mulher.

NOTAS

A

Educação portugueza velha.... *pag.* 5.

A nossa educação antiga peccava certamente em muitas coisas nas quaes a moderna a excede, porêm em muitas lhe era superior. Hoje ha sem dúvida em todos os paizes muito maior número de pessoas bem educadas do que em qualquer outro tempo; e ésta não é pequena vantagem: hoje ensina-se nos collegios muito rudimento de conhecimentos uteis que outro tempo se não ensinavam; mas tambem d'elles sahem muitos mais tarellos presumidos. Não se creia porêm que dou preferencia á educação antiga; antes

creio que n'este ponto, apezar d'esses defeitos, estamos comtudo muito melhorados.

B

É um dos primeiros fins por que vimos ao mundo, a continuação da especie.... *pag.* 6.

São-nos escondidos os fins da creação; e este é sem dúvida um dos mysterios que Deus reservou para si. Quando digo pois, que um dos primeiros fins por que vimos ao mundo é a continuação da especie, fallo dos individuos em particular e não da humanidade em geral. Não póde questionar-se que a conservação propria e a conservação da especie são instincto de todos os animaes: n'ésta parte entrâmos, com os outros, na regra universal.

C

Um mau corpo, mal formado e doentïo, com mau estomago etc.... *pag.* 10.

«Cumpre que o corpo tenha vigor para obedecer á alma: um criado, para ser bom, hade ser robusto.» — *Emil. Liv. I.*

D

Kant e os spiritualistas.... *nota a pag.* 11.

A seita philosophica ditta, por seus principios, dos *spiritualistas,* foi uma reacção sôbre a dos *materialistas,* que ia prevalecendo quasi unica. Segundo accontece a todas as reacções, cahiu na

exageração. Kant, o corypheu d'ésta philosophia, tambem chamada *transcendente* ou *transcendental*, é abstruso e incomprehensivel como a maior parte dos philosophos germanicos. De mim confesso que nem em Degerando o intendi, e que só na «Allemanha» de Madame de Staël vim a fazer alguma ideia de seu systema.

E

Generosa parcimonia de comida.... *pag.* 13.

«Não basta que vedeis ao vosso pupillo toda a comida que não é sadia; cumpre fazêl-o sobrio tambem, e ensinar-lhe a conhecer bem as propriedades dos alimentos, ou os que são saudaveis e os que são nocivos, sem o quê, prestes hade alterar e destruir essa boa saüde que lhe dais, apenas se vir senhor seu.» *Leçons d'une gouvernante à ses elèves, tom. II.*

F

A prudente arbitrio do educador, mostrando do mundo o que os olhos do tenro espectador comportarem.... *pag.* 15.

Veja e consulte o que a este respeito escreveu Madame de Genlis nos «Serões do Castello» e em «Adelle et Théodore.»

G

Eu quizera que, como base de toda a moral, se estabelecesse e firmasse no coração do educando uma unica virtude etc.... *pag.* 16.

Rousseau não quer que se raciocine com as crianças, e mofa d'este systema: (Emil. L. II.)

«Si les enfants entendoient raison, diz elle. ils n'auroient pas besoin d'être élevés.» — Mas a razão que basta para comprehender alguns principios simplices, não póde ser a razão desinvolvida que ja não precisa de educação. Alêm de quê, estes primeiros principios moraes mais se devem gravar no coração do que na cabeça: é o *sentimento* que deve ser tocado, e não a razão convencida. Ésta é a essencial distincção que cumpre fazer para bem rectificar a doutrina do Emilio.

H

Deus que te creou, e a sociedade em que vives, pedem que sejas esposo um dia.... *pag.* 20.

A regra da lei natural é ésta, e não precisa demonstrada. As excepções da lei positiva podem ter fundamento em circumstâncias speciaes, mas que não são da natureza. Na carta IX. Parte II. d'este Liv. I. se expõe o verdadeiro sentido em que ésta proposição é enunciada.

I

O luminoso methodo da análise, isto é, aquelle em que o educando é o artifice de suas proprias ideas.... *pag.* 26.

«A nossa mania ensinante e pedantesca nos faz ensinar ás crianças o que ellas apprenderiam muito melhor por si sos, e esquecer de lhes ensinarmos o que so nós podêmos fazer.» *Emil. L. II.*

K

Tristemente desappontado.... *nota a pag.* 27.

«Desappontado» é neölogismo, creio porêm que necessario. Os francezes, que bem escrupulosos

são, adoptaram dos inglezes ésta palavra, que ou não tinha ou havia perdido sua lingua. Se os francezes,

Qui musas colunt severiores,

o fizeram, porque o não faremos nós? Temos, é certo, *lôgro* e *lograr*, que em muitos casos vale o *disappointment* e *disappoint* inglez; mas, além da amphibologia que aquelles termos teem na nossa lingua, em muitas occasiões não vertem nem supprem a palavra britannica.

L

Os inglezes ensinam a orthographar quando ensinam a ler.... *nota a pag.* 32.

Veja o excellente tractadinho inglez de Bearcroft, intitulado *Practical orthography, or the art of teaching spelling by writing.*

M

Ou seja na barra.... *pag.* 35.

«Bar» em inglez e «barre (e barreau)» em francez, é a divisão, a *tea*, ou o sítio marcado por essa divisão, de donde fallam nos tribunaes as partes e seus advogados. Não temos em portuguez o termo porque não temos a idea, pelo secreto inquisitorial de nossos tribunaes. *Fóro*, em sua significação primitiva, involvia a idea de publicidade, e poderia suppri-lo; mas hoje o não traduz, pela accepção em que vulgarmente se toma.

N

Ideas geraes do systema solar e das mais precisas noções astronomicas.... *pag.* 38.

O mentor portuguez poderá approveitar muito do uso das seguintes obras, geralmente adoptadas nas escholas inglezas: Dr. C. Irving's Catechism of Astronomy. Guy's Elements of Astronomy. Gregory's Lessons on Astronomy and Philosophy.

O

A economia-politica, sciencia nova.... *pag.* 40.

Á falta de mais proprios compendios, sería conveniente que se traduzissem para as primeiras escholas os excellentes compendios de sciencias uteis pelo methodo socratico, universalmente usados em Inglaterra, muitos dos quaes teem sido traduzidos ou imitados pelos francezes para suas aulas. Cito aqui o seguinte: *Conversations on Political economy, by the author of Conversations on Chemistry. Fifth edit.* 12º.

P

A geologia ou descripção da terra.... *pag.* 42.

Para ensinar os rudimentos de todas éstas sciencias, convem formar compendios, que em portuguez não temos bons, ou traduzindo ou imitando estes inglezes que tenho citado. Consulte os trabalhos de Hart, Helme, Guy, J. Goldsmith, Butler, Bingley, Irving, Hutton, etc.

Q

Houve agricultura antes de se examinarem os mais simples phenomenos botanicos.... *pag.* 43.

De se examinarem *botanicamente*, i. é, de se explicarem ou de servirem para explicação, classificação etc.

R

Conta-se a infancia etc.... *pag.* 50 *e seg.*

Pelo commum, se divide a vida do homem em sette epochas: infancia, puericia, adolescencia, puberdade, virilidade, senectude, decrepitude. A quarta e quinta epocha diz-se nas mulheres nubilidade e maturidade. Alguns d'estes termos são alatinados de-mais, porêm da maior parte d'elles não temos correspondentes mais portuguezes. Infancia quer dizer idade em que se não falla, infante (infans) o que não falla. Criança, á lettra tambem, quer dizer o que se está criando, menino de peito, (*suckling* em inglez, *nourrisson* em francez); mas fez-se termo mais vago pelo uso, e não significa so e limitadamente o menino n'esse periodo. Mas quando se podesse dizer *criança* para significar infante, *criancisse* não se podia dizer para designar infancia. Puericia traduzimos nós bem meninice; é porêm mais lato, porque comprehende a infancia e a puericia; por outro lado, a lingua não comporta que digamos *puer:* de maneira que n'este caso ficâmos com o substantivo que designa a epocha, em latim, e com o que designa a pessoa, em portuguez (de origem provençal ou franceza). Môço e mocidade designam as primeiras epochas da vida, em geral; assim como

velho e velhice as últimas, indeterminadamente. *Juventus* e *juvenis,* e d'elles, juventude e joven, tambem são indeterminados em sexo e periodo. *Adolescentia* não tem outro correspondente, senão adolescencia á lettra, *adolescens* póde ser rapaz, mas este termo é vulgar e rasteiro, e não temos remedio senão dizer adolescente. *Pubes* so póde ser puberdade; *puber* é pubere, mas tambem póde ser mancebo, pôstoque mancebo seja mais vago. Virilidade e varão não teem synonymos menos latinos. Senectude é pouco usado, mas velhice menos determinado: dizemos velho, que não é latim, mas é porque *senex* não quadra em portuguez. Temos igualmente ancião, mas alêm de vaga tambem, ésta palavra involve ideas de dignidade e respeito, é mais como o πρεσβυτερ dos gregos. Decrepito e decrepitude são unicos. Nubil poder-se-hia dizer casadoira; para nubilidade não achâmos outra palavra. Maturidade creio que inda se não usou n'este sentido, mas é indispensavel.

A tabella seguinte appresenta uma divisão mais miüda, e parece-me digna da attenção do leitor curioso. N'ella está dividida a vida em quatro grandes termos, com suas gradações de epochas, e cálculo approximado de annos.

Divisão climaterica da vida humana

Termo crescente	Educação propria	I epocha, infancia.	Meninice	1 a	7	Idade de accidentes, penas, precisões.
		II epocha, puericia.	Adolescencia	8 a	14	» esperanças, descuidos, curiosidade e impaciencia.
		III epocha.....	Puberdade (Nubilidade)	15	21	» triümphos, desejos, amor proprio, independencia, vaidade.
		IV epocha.....	Mocidade	22 a	28	» prazer, amor, sensibilidade, inconstancia e enthusiasmo.
Termo stacionario	Educação da prole		Virilidade (Maturidade)	29 a	35	» gosar, ambição, paixões.
			Meia-idade	36 a	42	» consistencia, desejo de fortuna e glória.
			Idade madura	43 a	49	» possuïr, sabedoria, razão, amor da propriedade.
Termo decrescente	Estabelecimento dos filhos		Declinação da idade	50 a	56	» reflexão, amor da tranqüillidade, previdencia.
			Principio da velhice	57 a	63	» prazeres, cuidados, inquietação, mau humor, desejo de governar.
			Velhice	64 a	70	» enfermidades, exigencias, amor de auctoridade.
Termo extraordinario	.....		Decrepitude	71 a	77	» avareza, ciüme, inveja.
			Idade caduca	78 a	84	» desconfianças, suspeitas, falta de sentimento.
			Idade de favor	85 a	91	» insensibilidade, amor da lisonja e de attenções e indulgencia.
			Idade de maravilha	92 a	98	» indifferença, amor de louvores.
			Phenomeno	99 a	105	» insensibilidade e esperanças.

Não será tampouco inutil trasladar aqui a seguinte scala que vem com o nome de *andrometro*, em uma mui curiosa publicação de 1824.

O ANDROMETRO

O Andrometro de que faz mensão Lady Spencer e que diz fôra inventado por Mr. (depois Sir Willam) Jones, dá uma notavel amostra do modo por que este sabio tinha graduado a scala das acquisições intellectuaes. Podemos defini-lo scala das acquisições e gosos humanos. Elle tomou a idade de settenta annos por termo derradeiro de todo trabalho e gôso; e a fim de marcar a progressão do adiantamento, appropria cada anno d'estes settenta a um estudo ou occupação particular. A distribuição do que se tem de apprender ou practicar durante este periodo admitte uma divisão quadruplice. A primeira, que comprehende trinta annos, é assignada á acquisição de conhecimentos como preparatorios para occupação activa.

A segunda, de vinte annos, é principalmente dedicada a empregos publicos e profissionaes.

Da terceira, que contêm dez annos, são adjudicados os primeiros cinco a composições litterarias e scientificas, e o resto á continuação dos primeiros empenhos.

Os ultimos dez annos, que constituem a quarta divisão, são consagrados a gosar o fructo do trabalho; — e a conclusão de tudo á preparação para a eternidade.

Deve-se considerar o «Andrometro» como um rascunho que nunca foi destinado a publicar-se, e em cuja construcção Sir W. Jones provavelmente tinha em vista os objectos que a esse tempo tractava de adquirir. Nem tambem vamos concluir que a preparação para a eternidade seja para de-

ferir até o septuagesimo anno da vida; consideremo-la antes como o objecto que elle perpetuamente tinha diante dos olhos toda a sua vida, mas que exclusivamente abarcava toda a attenção de seus ultimos annos. Com éstas explicações o apresento pois ao leitor, invertendo, para maior commodidade, a ordem da scala.

ANDROMETRO

ANNO		
1	..	Recepção de ideas pelos sentidos. Voz e loquella.
	..	Conhecimento do alphabeto e solletrar.
	..	Retenção de ideas na memoria.
	..	Ler e decorar.
5	..	Grammatica e lingua vernacula.
	..	Exercitar a memoria.
	..	Lições moraes e religiosas.
	..	Historia natural e experiencias.
	..	Dança, musica, desenho.
10	..	Historia patria.
	..	Latim.
	..	Grego.
	..	Francez e italiano.
	..	Traducções.
15	..	Composições em verso e prosa.
	..	Rethorica e declamação.
	..	Historia e direito.
	..	Logica e mathematica.
	..	Exercicios rhetoricos.
20	..	Philosophia e politica.
	..	Composições na lingua materna.
	..	Continuação no estudo da declamação.
	..	Estudo dos oradores antigos.
	..	Viagens e conversação.
25	..	Discursos no fôro e na tribuna.
	..	Negocios d'Estado.
	..	Continuação de estudos historicos.
	..	Direito e eloqüencia.
	..	Vida publica.
30	..	Virtudes domésticas e sociaes.
	..	Hábito de eloqüencia adiantada.

ANNO		
	..	Volta com vagar á philosophia.
	..	Orações publicadas.
	..	Trabalhos no Estado e na tribuna.
35	..	Amadurecem os conhecimentos politicos.
	..	Eloqüencia apperfeiçoada.
	..	Defeza de direitos naturaes.
	..	Protecção a sabios.
	..	Amparo a virtuosos.
40	..	Composições publicadas.
	..	Sciencia augmentada.
	..	Trabalhos legislativos.
	..	Confecção ou discussão de leis.
	..	Bellas-artes patrocinadas.
45	..	Govêrno de casa e familia.
	..	Educação dos filhos.
	..	Vigilancia como magistrado.
	..	Firmeza como patriota.
	..	Virtudes como cidadão.
50	..	Obras historicas.
	..	Obras oratorias
	..	Obras philosophicas.
	..	Obras politicas.
	..	Obras mathematicas.
55	..	Continuação das mesmas occupações.
60	..	Gosa-se o fructo dos trabalhos.
	..	Retiro glorioso.
	..	Familia amavel.
	..	Respeito geral.
	..	Consciencia de uma vida virtuosa.
65	..	Perfeição da felicidade terrestre.
70	..	Preparação para a eternidade.

S

Desde o berço até o leito nupcial... *pag.* 53.

Veja nota H, e a marginal a pag. 170 da Carta IX. Parte II. Os Romanos chamavam *pater-familias* ao homem *sui juris,* ao maior, senhor seu, e na posse e administração de suas coisas, — como que confundindo, por inseparaveis, a idea de pae com a de homem feito, — como querendo significar que, finda a tutela paterna, e acabada a educação, forçosamente se seguia o matrimonio; que do momento que o patrio poder cessava sobre o filho, devia elle começar a ser pae.

T

Hoje é preciso moderar os effeitos d'aquella seductora eloqüencia e chamar aos limites da razão o que se transviou pelas demasias do sentimento... *pag.* 55.

« A mãe que cria deve renunciar a funcções e vigilias; deve fugir a cidade e ir respirar o ar vivificante do campo. Cumpre que seja sobria, e que renove suas fôrças com exercicio diario que regule as desigualdades de seu genio, que se conserve emfim, não ja por amor de si nem para si, mas para o filho que alimenta a seu peito.

« Não é tam commum encontrar hoje (em França) mulheres que, encarregando-se de criar seus filhos, ignorem a importancia d'este sagrado encargo; mas quando appareceu o *Emilio,* as ideas novas e preciosas que espalhou este livro, foram adoptadas com tanta exageração quanta leviandade; foi a moda, com suas doidices todas, que trouxe as mulheres aos deveres da natureza: tornou-se geral o uso das *barcellonnettes*, exerceu-se o ingenho dos artifices a enfeita-las; era um traste indispensavel de toucador, e não estou longe

de crer que até houve doidas que as traziam vazias adiante das carruagens para irem ao *Bois-de-Boulogne* fazer a interessante figura de joven maman.

«N'ésta occasião todas as mães quizeram criar seus filhos: pouco lhes importava saber se tinham leite ou não, o caso era criar porque assim o pedia o capricho e a moda. Por igual capricho apartavam as crianças fóra de tempo, e abandonavam a criação para se ir divertir. São incalculaveis as loucuras criminosas que este furor de maternidade fez fazer ás parisienses. No rigoroso hinverno de 1783 veio, á sahida de um baile, uma amiga minha offerecer-se para me trazer a casa; eram quatro horas da manhan: entrei precipitadamente na carruagem e fiquei espantada de ouvir chorar uma criança de peito, e de ver á luz dos archotes uma ama-secca a dormir dentro da sege com o filho da minha amiga no collo. Ralhei e clamei, porque o frio estava em 12 graus: mas a carinhosa mãe para me descançar me mostrou um grande apparato de *rolhas* e outros implementos, e contou-me que duas vezes tinha sabido do baile para vir dar de mamar á sua filha. Era com effeito uma menina, que depois morreu tysica aos cinco annos.»

Madame Campan, Liv. I.

U

É perigoso apressar ou retardar o tempo da criação.... *pag.* 58.

«Geralmente se apartam muito cedo as crianças. A epocha de os desmamar é indicada pela erupção dos dentes.» — *Emil. L. I.*

Consulte sôbre este ponto os dous tractados de educação physica publicados pela Academia das

Sciencias de Lisboa citados na cart. II. Part. I. Liv. I, a pag. 68 e 96 d'este vol.

X

Antes me quero acolher á ignorancia das idades barbaras etc.... *pag.* 60.

«Je ne me chargerais pas d'un enfant maladif et cacochyme, dût-il vivre quatre-vingts ans... Je ne sais point apprendre à vivre à s'empêcher de mourir.» — Diz Rousseau (Emil. L. I.) com uma dureza philosophica do coração que faz estremecer. Mas compare-se isto com as declamações que occupam as primeiras paginas do II. livro contra a «barbaridade da educação que sacrifica o presente a um porvir incerto, e começa fazendo o educando desgraçado, para lhe preparar no futuro longinquo não sei que pretendida felicidade, de que é muito de crer, elle não hade gosar nunca.» Se assim é, se, conforme á sua mesma asserção, «das crianças que nascem, ametade, quando muito, chega á adolescencia» — se tam humanos devêmos ser com as crianças, *porque* talvez elles morrerão sem mais gosar da vida do que esse tempo que a educação lhes torna amargo; por que razão, a mesma *incerteza* nos não hade fazer humanos tambem com os que nascem doentes ou defeituosos, e que talvez possam vir, pelos cuidados da educação, a tornar-se robustos e sadios?

A natureza e a religião anathematizam taes doutrinas: a philosophia, cujo primeiro empenho é trazer o homem para o mais perto da natureza que elle póde vir, traga-o sem crueldade, que é o unico meio seguro de lhe fazer amar a reforma e perseverar na emenda.

Y

Deixar trabalhar a natureza, que sabe mais que todos os sabedores da terra.... *pag.* 61.

Locke, no logar cit. por J. J. Rouss. no Emil. L. I., recommenda que não estejam a medicar sempre as crianças nem por precaução nem por quaesquer leves incommodos.

É regra excellente e de seguir; mas tem excepções na criança doente, filha de paes que padecem molestias chronicas, nas que tiveram a desgraça de ter amas com ellas, e que nem por isso se hãode abandonar nem deixar de educar.

Z

Ja sôbre o instincto se deve ir, não edificando, nem siquer abrindo os alicerces... mas riscando o plano.... *pag.* 61.

«Quando se tracta de emprezas ou construcções, ha todo o cuidado de examinar as bases e fundamentos do que se projecta; e então a infancia é entregue ao sabor dos caprichos de paes e de criados, pela louca idea de que esses primeiros annos são pouco importantes, e que havèra tempo de sobejo para reparar os defeitos da indole, quando a razão se começar a desinvolver. Esquecem-se que a nascença das paixões precede a da razão, e que lhe estão dando tempo a ellas de se fortalecerem e medrarem.» — *Madame Campan, De l'Education, Liv. II. Cap. II.*

A a

Logo do berço se manifestam, ás vezes, indoles imperiosas e duras.... *pag.* 61.

«Je trouve (diz Montaigne em sua antiquada mas galante linguagem, que me não metterei a

traduzir) que nos plus grands vices prennent leur ply dez nostre plus tendre enfance, et que nostre principal gouvernement est entre les mains des nourrices... Il fault apprendre soigneusement aux enfants de hair les vices de leur propre contexture, et leur en fault apprendre la naturelle difformité, à ce qu'ils les fuyent, non en leur action seulement, mais surtout en leur cœur. » — *Montaigne, Ess. Tom I.*

B b

Ha crianças de quatro e cinco mezes que ja choram de más.... *pag.* 61.

« Observae como desde a mais tenra idade as crianças se chegam para quem as lisongeia e fogem de quem as constrange; como sabem chorar ou calar-se para ter o que desejam ; que artificios, que inveja que ja teem. Vi uma vez, diz Sto. Augustinho, uma criança invejosa; ainda não sabía fallar, e ja olhava com o rosto pallido e os olhos irritados para outro que mamava com elle. » — *Fénelon, de l'éducat. des filles.*

C c

O costume, infelizmente mui vulgar, de ir diminuindo a frequencia dos banhos.... *pag.* 64.

« Uma vez estabelecido o uso do banho, nunca mais deve ser interrompido, e convem conservá-lo toda a vida. » — *Emil. L. I.*

D d

Forçar os infantes a andar antes do tempo.... *pag.* 67.

« O modo mais simples de fazer andar as crianças é o que eu vi practicar a uma mulher do cam-

po; amarrar a duas cadeiras duas varas compridas parallelas, e metter a criança no meio. Começa a firmar as mãos á direita e á esquerda em cima das varas, e passeia entre ellas como n'uma galeria, de modo que apprende ao mesmo tempo a ter-se em pé e a andar.» — *Bernardin de St. Pierre, Harmonies de la nature.*

E e

Quem fórma uma phrase, formou antes um juizo; e á primeira operação do intendimento, o infante entrou na puericia.... *pag.* 74.

«As palavras *infans* e *puer* não são synonymas. A primeira comprehende-se na segunda, e significa o que não póde fallar, d'onde vem que em Valerio Maximo se le *puerum infantem.*» — *Emil L. II.*

F f

Esta é a idade das perguntas.... *pag.* 75.

«A curiosidade das crianças é uma propensão da natureza que vem como ao encôntro da instrucção: não deixeis nunca de a approveitar... Não vos enfadeis de suas perguntas; são confidencias (ouvertures) que vos faz a natureza para facilitar a instrucção: mostrae que n'isso tendes prazer e folgais». — *Fénelon, de l'éducation des filles.*

G g

Melhor será que a deixe presentar-se de si.... *pag.* 77.

Citarei a este proposito uma notavel passagem de Montaigne, que não traduzirei para lhe não

tirar o pico e sal de seu fallar velho mas engraçadissimo:

«On ne cesse de criailler à nos aureilles, comme qui verseroit dans un entonnoir; et nostre charge, ce n'est que redire ce qu'on nous a dict: Je vouldrois qu'il (o mentor) corrigeast cette partie; et que de belle arrivée, selon la portée de l'ame qu'il a en main, il commenceast à la mettre sur la mostre, lui faisant gouster les choses, les choisir et discerner d'elle-mesme, quelquesfois lui ouvrant chemin, quelques fois le lui laissant ouvrir. Je ne veulx pas qu'il invente et parle seul; ie veulx qu'il escoute son disciple parler à son tour.» — *Mont. Ess.*

H h

Estudo das linguas vivas, não por livros ou grammaticas...: mas pelo natural e mechanico.... *pag.* 79.

Consulte sôbre isto, além de Hamilton, as seguintes obras de relevante merito: J. Blak — Paidophilean system of Education applied to the French language; Dufief — Nature displayed in her mode of teaching Languages to Man. — 2 vol.

I i

Não deve tampouco esquecer ir dando ja n'ésta idade as primeiras noções geographicas.... *pag.* 81.

Usam em Inglaterra (e se vendem ja preparados) o que alli chamam «outline-maps» que são umas cartas com as linhas de latitude e longitude, os graus marcados, e os contornos lineares dos respectivos paizes, — e exactamente iguaes a outros completos. Com ambos á vista, o educando se exercita com o agradavel e instructivo diverti-

mento de completar o mappa imperfeito, collocando no devido logar, as cidades, rios, florestas, montes, e seus nomes: com o quê apprende, melhor e mais depressa que por nenhum outro methodo.

Para começar porêm, depois de lhes mostrar e fazer conceber o globo, o melhor systema, e mais proprio para crianças é o dos mappas dissecados (ou dissectados, segundo mais queiram dizer). Recorta-se delicadamente uma carta pelas divisões naturaes dos rios, montes etc., ou pelas estremas artificiaes de reinos, cidades etc., tendo-a primeiramente collocado bem adherente a uma folha de madeira. Vende-se isto em Inglaterra em umas caixinhas mui lindas, e são bem inventados e ingenhosos *bonitos*, com que os meninos folgam instruindo-se. — Tambem ha coisas similhantes para os primeiros rudimentos da chronologia. São de recommendar para este fim as excellentes obras elementares do Dr. S. Butler, que são: Sketch of Modern and Ancient Geography for the use of the schools; — Atlas of modern Geography, com 21 mappas do mesmo modo; — Outline geographical copy-books, correspondendo com aquelles pelo methodo exposto.

K k

É preciso começar a reprimir os de character vivo e fogoso, e a excitar os de natureza pezada e inerte.... *pag.* 83.

« A criança com quem se fallar muito, hade addiantar-se mais que a que passa a sua vida com pessoas scilenciosas: mas advirta-se que, assim como convem excitar as crianças taciturnas a fallar, tambem cumpre accostumar ao silencio as palreiras. » *Mar. Edgeworth.*

L l

Se bem conhecessem as mães quanto valem as caricias maternas.... *pag.* 84.

« Os beijos da mãe e do pae, são ao mesmo tempo affago e recompensa. » *Mad. Camp. Liv. III. cap. IV.*

M m

Perguntem-lhe d'ahi a meio seculo se lhe esqueceu essa injustiça cruel.... *pag.* 85.

E que diremos dos castigos corporaes com que aïnda alguns miseraveis embrutecem seus filhos e se alienam seu amor? Não chamem a ésta doutrina *modernice:* citarei um auctor bem antigo e que nada tem commum com a chamada philosophia do tempo: « Os castigos (de pancadas) embrutecem amiúdo o espirito e endurecem no mal; pois que uma criança que tem tam pouca honra que não sinta a reprehensão, faz-se malhadiço como um escravo, torna-se obstinado e insensivel ao castigo. » *Rollin, trait. des études.*

Não tam antiga, mas não menos respeitavel por sua experiencia e prudente moderação, é a auctoridade de Madame Campan. — « Em breve (diz ella) o desgraçado pae se não poderá approximar de seu filho, nem para o animar, sem o ver ir tremendo com a mãosinha ao rosto para guardar a face .. que lhe iam beijar. » *Madame Campan, de l'éducat. Liv. II. Cap. III.*

N n

E meio... d'essa perfeição, a gymnastica.... *pag.* 85.

Vej. Instructions on Gymnastics as followed in

Germany. Lond. 1824. — e Clios, Elementary course of Gymnastic Exercises.

O o

Mostrae-lhe o grande templo da natureza, em que toda reverbera a imagem d'esse Deus.... *pag.* 97.

«Eu quizera que o sentimento da Divindade, que é innato no homem, lhe fosse desenvolvido, não por um preceptor mas por sua propria mãe. O Deus de uma mãe é sempre indulgente e bom como o da natureza: um preceptor ensina, a mãe faz amar. Eu quizera que ésta désse as suas primeiras licções, não n'uma cidade, mas no campo; não na nave de uma igreja, mas sob a abobeda dos ceos; não pelos livros, mas pelas flores e pelos fructos.» *Bernardin de St. Pierre, Harmonies de la Nature.*

P p

Levae-o aos sotams da indigencia, ao leito da dor.... *pag.* 102.

Para ensinar bem a charidade é preciso fazêl-a practicar. Não duvideis pois de appresentar ao vosso pupillo o quadro da miseria e da indigencia, fazei-lhe sentir e saborear o gôso da beneficencia: dê do seu, dê do que vós lhe dais; mas acostume-se a dar e a achar prazer em dar. A charidade, ou pelo menos a philantropia, que é a charidade imperfeita, é sentimento natural do homem, é um como instincto moral. Mostrae-lhe esse velho nu e faminto que pede tam lamentosamente um bocado de pão: o natural movimento da criança será voltar-se para vós e pedir-vos para lhe dar a elle.

Madame Campan, que me eu não canso de ci

tar, diz: «Quando o vosso pupillo dá esmola a um velho, fazei que elle accompanhe esse dom de um signal de respeito: *Dae esmola a esse velhinho porque é pobre; e cortejae-o porque é velho:* os mais uteis preceitos conteem-se em mui poucas palavras.»

Ésta illustre educadora cita e segue a opinião de Locke de que as crianças costumadas a dar contrahem o hábito da liberalidade. Rousseau quer que os paes se limitem a lhes dar o exemplo da charidade, e accrescenta que as crianças não devem dar dinheiro, que é preciso preparar-lhes occasiões em que elles façam aos mendigos o sacrificio de sua fatia de pão ou de seu bolo. Certo, é muito de empregar-se este meio que do mais directo modo faz sentir ao educando a lei imposta aos que teem, de repartir com os que não teem. Ésta charidade é de preferir, mas não vejo tambem que seja muito difficil o fazer conceber a uma criança que o pobre, com o dinheiro que lhe dão, vai a casa d'um padeiro e compra pão para comer. Não alarguemos nem restrinjamos de-mais a idea que fazemos da intelligencia das crianças. É excellente o methodo de Rousseau, mas nem sempre é practicavel: não ha impossibilidade nenhuma (segundo observa Madame Campan) em fazer comprehender a uma criança a valor do dinheiro, e o modo por que o pobre a quem se deu a esmola se vai servir d'elle para remediar sua necessidade. *Vej. Emil. Liv. I. e Mad. Campan, Liv. III. Cap. I.*

Q q

Mahomet disse aos seus: — «Ide e passae á espada os que não quizerem crer».... *pag.* 104.

Ou fazei-os escravos: ésta é a unica modificação

tolerante da religião do Koran. O Christianismo, pelo contrario, é o amigo e protector natural da liberdade. Vej. a este proposito o que diz Montesquieu sôbre a escravidão, e influencia do Christianismo n'ésta parte, no Espir. das Leis.

R r

D. João III., cujo espirito timorato subjugaram confessores arteiros.... *pag.* 110.

Não pareça vaga asserção: fundo-a na auctoridade *irrecusavel* da curia romana. Nas «Instrucções dadas ao Núncio de S. S. que passava a Portugal no reinado do Sr. Rei D. João III., fielmente traduzidas do MS. que se acha na Bibliotheca Ricardina, i. é. na do Marquez Ricardi em Florença» publicadas em Londres em 1824, se lem, a pag. 14, as seguintes memoraveis palavras: — «O rei, e ao seu exemplo, *toda a nobreza* que o cérca, dá grandissimo crédito aos frades; e ou seja pela *sua diligencia e ambição immensa,* ou pela negligencia dos prelados, ou descuido seu, tem-se convertido em *tyrannos d'aquelle rei,* ja por via *da confissão* e ja por via da predica. O que parece que se deve dizer, se dirá, quando se fallar do que o núncio deve fazer em Portugal...»

Todo este curioso folheto é digno de se ler com a maior attenção, e tirará todas as dúvidas aos mais escrupolosos e difficeis de convencer.

S s

Aos acenos do fanatismo la foi enterrar nas areias d'Africa o malfadado Sebastião.... *pag.* 111.

Vej. a Deducção chronologica.

T t

Sarjas e cauterios com que mui rudamente nos quiz curar... o poderoso e voluntario ministro d'El-rei D. José.... *pag.* 112.

A mais profunda e energica sentença que sôbre o ministerio de Pombal foi passada, está n'éstas elegantes palavras de um illustre portuguez, o cavalheiro de L-a: «Le ciel avait décrété qu'il ne resterait de ce ministre célébre, que les traces sanglantes de son despotisme et de ses violences.» Vêem no folheto intitulado *La Légitimité et le Portugal,* que talvez é a mais bem pensada e mais elegantemente escripta coisa que n'ésta questão appareceu.

U u

Um livro tal preencheria todas as condicções que em vão se buscam nas fábulas.... *pag.* 127.

Madame Campan é de opinião differente, mas não dá a razão d'ella, nem a eu descubro.

X x

Ja nos primeiros annos da puericia apprendeu o nosso pupillo folgando e brincando.... *pag.* 152.

«Façamos-lhes (aos meninos) agradavel o estudo; escondamo'-lh'o sob a apparencia de liberdade e de prazer; consintamos que o interrompam de vez em quando com seu folguedo; precisam de todas éstas distracções para lhes repoisar o espirito.» ***Fénelon, de l'éduc. des filles.***

Z z

Vemos a scena do mundo sem precisarmos de ser actores n'ella.... *pag.* 155.

Depois de estar impressa ésta carta e a passagem citada, deparei acaso, folheando, na livraria do Museu Britannico, um curioso exemplar de Maximo Tyrio, com o seguinte paragrapho, que por vir tanto ao proprio ao que eu tinha ditto, traduzi o melhor que pude do original grego em que elegantemente está escripto, e aqui o transcrevo:

«Com o discurso se dá pasto ás almas honradas, não porêm discursos forenses. [1] Com quaes pois? Aquelles que as levam á cogitação dos antigos tempos; e que diante dos olhos lhes poem as coisas outrora passadas. Nada é mais deleitoso do que ser versado na historia, viajar sem fadiga alguma a cada momento, e estar vendo ao mesmo tempo todos os paizes; assistir sem risco a todas as batalhas, concentrar um infinito espaço de tempo, e infinitas coisas passadas, observá-las todas de uma vez; o que pelos Assyrios, o que pelos Egypcios, o que pelos Persas, o que pelos Medos, o que pelos gregos foi feito. Parecer-lhe que agora se acha n'uma batalha campal, logo n'uma naval, depois no meio de uma assemblea em suas deliberações. Pelejar no mar com Themístocles, na terra com Leónidas, perecer com Agesilau, voltar incolume com Xenophónte: amar com Pantheia, caçar com Cyro, reinar com Cyaxa-

[1] Traduzi *forenses:* o texto diz δικανικοῖς, no que se comprehende tanto o que hoje intendêmos por forense propriamente, como o de toda a assemblea, deliberativa ou legislativa ou governativa; é como se dicesse, em nossa phrase moderna, discursos da tribuna e da barra.

res. Pois se a Ulysses chamam sabio so porque era homem experimentado (*polytropon*) e

> De muitos homens terras e usos vira,
> Salvando anxioso a vida e a volta aos socios, [1]

muito mais sabio é o que a salvo de todo o perigo se instrue pela historia. Verá Charybdis, mas sem naufragio, ouvirá as Sirenes, mas sem precisar atado. Trattará com o Cyclópe, mas pacífico e manso. E se Perseu é tido por feliz porque com a ajuda das azas vagava a todo o instante por toda a terra, e todos os païzes via: muito mais ligeira e sublime deve de ser reputada a historia, que por toda a parte nos leva o espirito, e nem so lhe mostra as coisas nuas e singelas, mas as origens dos homens etc.»

Max. Tuy. diss. XII.

O leitor que estiver em termos de julgar entre a minha traducção e o original, verá que sacrifiquei a elegancia da phrase á fidelidade da versão.

[1] Estes celebrados versos da Odyssea

> Πολλων δἀυθρωτων ιδεν αστεα, και νοὺν εγνω....
> 'Αζνυμενος ην τε Ψυχην και νὺστου εταιζων....

que Horacio, traduziu não, mas imitou na art. poet. e na epist. ii. do Lib. I.

> Qui mores hominum multorum vidit et urbes. —(art. poet.)
> Dum sibi, dum sociis reditum parat. — (Ep. L. I. ii.)

talvez se não possam bem verter em lingua nenhuma (que eu saiba) senão na portugueza, em razão da palavra 'Αζνυμενος que sem o *anxioso* não é traduzivel.

Y y

Fatigado de vicios e deboche.... *pag.* 166.

Deboche tem a auctoridade do padre Antonio Pereira, que não sei porque hade ser menos classico do que tanto padre e frade que viveu cem ou duzentos annos antes, e sabía cem ou duzentas vezes menos que o nosso illustre theologo.

B c

Pedro o legislador.... *pag.* 183.

Quem não sabe que as *ordenações affonsinas* foram mandadas compilar e coordenar pelo infante D. Pedro durante a sua regencia e minoridade de Affonso V.?

D e

A mulher deve estar em certa sujeição ao homem, porque depende d'elle.... *pag.* 195.

«Ás mulheres em particular é mui util o saber obedecer. Ahi está a verdadeira origem de sua felicidade; pae, mãe e marido hãode dispor de sua vida inteira, e ellas teem demais-a-mais que carregar com o pesado jugo dos respeitos humanos (*bienséances.*) *De l'éduc. par Madame Campan; liv. II. cap. III.*

F g

O educando que não tem a desgraça de ser orpham -não tem, ou não deve ter, ainda outro mentor senão essa mãe querida.... *pag.* 201.

«As mães não teem que se desculpar com suas occupações, porque sempre lhes sobeja tempo. O

cuidado e superintendencia da educação até essa idade (a adolescencia) principalmente lhes incumbe a ellas, e faz parte d'esse pequeno imperio doméstico que a Providencia lhes marcou. Sua natural suavidade, seu modo acariciador, se com isso ellas sabem unir uma auctoridade branda mas firme, faz com que sejam as melhores e as mais proprias instituidoras de seus filhos. » *Rollin, Traité des Etudes.*

H i

Porora é ella a tutora natural, a mestra unica.... *pag.* 201.

« O fructo dos primeiros annos nunca se perde; o homem feito volta sempre á sua primeira amiga, toda a sua vida folgará de a tomar por guia, e por entre os desvios do mundo achar-lhe-heis aïnda para ouvir sua mãe, a docilidade dos primeiros annos. É facil a bom observador o descubrir nos homens cuja primeira educação dirigiu mãe prudente e instruida, uma urbanidade particular, mais tendencia para ouvir a razão, e aquelle certo respeito, aquellas attenções para com o sexo, que mostram sempre o homem « de boa companhia. » *Madame Campan. De l'éducation, L. II. cap. I.*

INDICE

Pag.

Ao leitor..... V
Introducção..... XVII

LIVRO PRIMEIRO

Educação doméstica ou paternal

PARTE I. Systema geral. — Infancia

CARTA I. Systema geral e plano d'este livro. Da educação em geral. Natural divisão da educação em physica ou do corpo, moral ou do coração, intellectual ou do espirito. — Da educação physica. — Da educação moral. — Da educação intellectual..... 3
CARTA II. Divisão dos periodos da educação pelas quatro primeiras epochas da vida. — 1.º periodo, da infancia até á puericia: educação physica; primeiras sementes da educação moral..... 49

PARTE II. — Puericia

CARTA III. Segundo periodo da educação, da puericia á adolescencia; educação moral: — primeiros e leves principios da educação intellectual; alphabeto, zoologia, botanica, chronologia, — linguas, — geographia: educação moral; habitos de ordem e aceio, — mimos e caricias maternas: — complementos da educação physica; gymnastica..... 73
CARTA IV. Continúa o II.º periodo da educação, da puericia até á adolescencia: — educação moral; religião, perigos que se devem evitar n'este ensino, — idea de Deus, como se deve fazer sentir, — primeira oração, culto — religião revelada, ceremonias religiosas, — moral da religião, como ensinada, — charidade, tolerancia etc..... 89

Pag.

CARTA V. Continuação da mesma materia; religião do principe. Maiores perigos que ha e maiores cautellas que se devem tomar na educação religiosa de um principe; exemplos na historia de Portugal..... 107

CARTA VI. Fim do II.º periodo da educação: a historia considerada como complemento moral d'ella; — primeiro livro que se deve dar aos meninos, inconvenientes das fábulas, preferencia dada a um livro de historia, — como feito este livro — exemplo de historia romana; — vantagens e inconvenientes da historia romana e grega ensinadas antes da nossa: — opinião de Rousseau..... 121

CARTA VII. Continuação do mesmo assumpto. — Modificação e ampliação que se deve fazer no estudo da historia, considerada como complemento da educação moral: — ampliação que requer a educação do principe..... 155

CARTA VIII. Continuação do mesmo assumpto. Applicação dos principios estabelecidos á educação de um principe portuguez; como se lhe deve ensinar a historia de seus avós..... 173

CARTA IX. Primeira distincção da educação feminina da masculina, — deduzida da differença dos sexos. — Modificação no livro historico. — Outras modificações no physico e moral da educação feminina, antes de completamente separada da masculina..... 191

CARTA X. Educação physica intellectual; exercicios preparatorios do corpo e do cerebro — 1.º Do corpo: artes fabris; opinião de Rousseau; — especialidades da educação feminina; — educação antiga e moderna; — opinião de Madame Campan. — 2.º do cerebro: memoria e juizo; — arithmetica, geometria, lições de cór; calligraphia..... 209

CARTA XI. Continuam os exercicios preparatorios. Ornamentos da educação: — prendas; musica, — desenho, — dança..... 229

CARTA XII. Condições especialissimas da educação de uma joven Soberana: — na parte moral, collisão de deveres; — na physica, exercicios corporaes; — na intellectual, preparação para a cultura de sciencias e artes..... 239

NOTAS ao Livro Primeiro..... 248